

ANDRÉ LUIZ LORENZONI

NO ENCALÇO DO DESEJO:  
A HOMOSSEXUALIDADE EM DISCURSOS – CHAPECÓ/SC (1980 – 2010)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de Passo Fundo como requisito parcial e final para obtenção do grau de mestre em História sob a orientação do Prof.(a) Dr.(a) Gizele Zanotto

PASSO FUNDO  
2014

Dedico esse trabalho a todos os  
sujeitos que buscam protagonizar suas  
próprias experimentações desejantes.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a tudo e a todos que direta e/ou indiretamente colaboraram para a realização desse trabalho, especialmente; a minha orientadora, pelos ensinamentos propiciados e pela confiança depositada; aos entrevistados, pela sensibilidade em participar do estudo; e a minha família (minha maravilhosa mãe, minha amada irmã Camila e meu querido pai) que tanto me apoiou, fosse nos momentos mais difíceis, como também nos momentos mais felizes e criativos dessa trajetória investigativa e crítica.

“Escreve-se sempre para dar a vida,  
para liberar a vida aí onde ela está  
aprisionada, para traçar linhas de  
fuga.”

Gilles Deleuze

## RESUMO

Essa pesquisa problematiza o processo de construção identitária de um grupo de sujeitos homossexuais de sexo masculino em Chapecó, Oeste de Santa Catarina, no período da sua História mais recente (1980 – 2010), em sentido de compreender parte da multiplicidade histórica que se produz na dinâmica social regional. A partir de uma perspectiva subjetiva e transdisciplinar da História, acredita-se que a problematização da construção da identidade homossexual masculina em Chapecó no período supracitado, pode contribuir significativamente para a compreensão de um grupo social pertencente a essa sociedade em transformação. Lançando mão da perspectiva teórica cartográfica e da metodologia da História oral, são analisados depoimentos realizados com sujeitos de identidade homossexual que vivenciaram e vivenciam experiências homossexuais em Chapecó entre as décadas de 1980 e 2010. A pesquisa parte de algumas questões centrais: Como a identidade homossexual era construída? Quais as referências macro e micro identitárias da homossexualidade? Quais e como alguns dispositivos atuaram na construção identitária? Como foi o processo de enfrentamento e tomada de posição frente à construção da identidade homossexual? Como foram e são expressas as experiências homoeróticas por seus praticantes? Como a sociedade chapecoense tratou e trata essas respectivas práticas? Existiram e/ou existem práticas coercitivas geradoras de processos segregacionistas em relação à homossexualidade? A partir principalmente de conceitos de Michel Foucault, Gilles Deleuze e Félix Guattari, essa pesquisa percorreu a produção, análise e problematização das fontes orais, em sentido transdisciplinar, com o objetivo de compreender perspectivas em torno das dinâmicas da atuação dos dispositivos de poder influentes na subjetividade de Chapecó no período de 1980 a 2010. As relações sócio afetivas problematizadas na produção dos testemunhos são compreendidas enquanto elementos constitutivos da identidade subjetiva homossexual masculina e, conseqüentemente, de um grupo integrante da historicidade local. Historiam-se as relações afetivas, desejantes e sexuais entre sujeitos do mesmo sexo em Chapecó, enquanto experiências singulares e autênticas, dentro de um contexto de relações de poder e subjetividades que também compõe o quadro social local.

**PALAVRAS-CHAVE:** História, Homossexualidade, Identidade, Poder e Subjetividade.

## ABSTRACT

This research discusses the identity construction process of a gay group of male subjects in Chapecó, West of Santa Catarina, in the period of its most recent history (1980 - 2010), in order to understand part of the historical multiplicity that is produced in regional social dynamics. From a subjective and transdisciplinary perspective of history, it is believed that the questioning of the construction of male homosexual identity in Chapecó the stated period, can significantly contribute to the understanding of a social group within the firm in transformation. Making use of cartographic theoretical perspective and the oral history methodology, we analyze statements made with homosexual identity of subjects who experienced and experience homosexual experiences in Chapecó between the 1980s and 2010. The research part of some central questions: How the homosexual identity was built? What are the macro and micro references identity of homosexuality? What and how some devices worked in identity construction? How was the process of coping and taking a stand against the construction of homosexual identity? How homoerotic experiences by practitioners were and are expressed? As the chapecoense society treated and treats those respective practices? There have been and / or are generating coercive practices of segregation processes towards homosexuality? From mainly concepts of Michel Foucault, Gilles Deleuze and Felix Guattari, this research come the production, analysis and questioning of oral sources, transdisciplinary way, in order to understand perspective around the dynamics of action of influential power devices in Chapecó of subjectivity from 1980 to 2010. The affective social relationships as issues in the production of testimonies are included as an element of male homosexual subjective identity and hence a member of the local group historicity. It investigates is affective, and desiring sexual relations between individuals of the same sex in Chapecó, while natural and authentic experiences, within a context of power and subjectivity relationships that also makes up the site membership.

**KEYWORDS:** History, Homosexuality, Identity, Power and Subjectivity.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>08</b>
<b>2</b>	<b>A HOMOSSEXUALIDADE EM DISCURSOS .....</b>	<b>13</b>
2.1	Problematizando a homossexualidade .....	14
2.2	No Brasil .....	26
<b>3</b>	<b>O CHAPECOENSE: A PRODUÇÃO DE SUJEITOS EM PERSPECTIVA .</b>	<b>31</b>
<b>4</b>	<b>A HOMOSSEXUALIDADE MASCULINA EM CHAPECÓ: UMA CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA EM MOVIMENTO .....</b>	<b>52</b>
4.1	Primeiras manifestações do desejo.....	52
4.2	Relações entre identidade sexual e de gênero .....	67
4.3	Representações: referências macro e micro identitárias .....	73
4.4	Tornando-se um sujeito: aceitação e tomada de posição .....	88
4.5	Experimentando: devir homossexual em Chapecó (1980-2010) .....	101
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>120</b>
	<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>123</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Essa pesquisa problematiza a homossexualidade, questionando a visão estereotipada e pejorativa sobre o sujeito e o comportamento homossexual. Procura-se historiar as relações afetivas, desejantes e sexuais entre sujeitos do mesmo sexo em Chapecó, enquanto experiências singulares e autênticas, dentro de um contexto de relações de poder e subjetividades que também compõe o quadro social local. A partir de uma perspectiva foucaultiana das relações de poder, procura-se problematizar aspectos da construção identitária subjetiva homossexual masculina em Chapecó, entre 1980 a 2010.

A homossexualidade constitui o mundo das relações humanas, tanto em perspectiva histórica universal, como local. No entanto, é um tema não muito explorado pela produção historiográfica de Chapecó. O aspecto “inovador” e a impressão de que, para muitos, pensar a homossexualidade masculina em Chapecó pode parecer se debruçar sobre uma temática e/ou uma causa não muito séria, motivou essa dissertação, por assim dizer, pois acredita-se que, além de possuir referências históricas universais, a homossexualidade também compõe a História local.

É preciso destacar, igualmente, a “proximidade” com o tema, uma vez que o pesquisador também compõe o grupo social estudado. Essa “familiaridade” inerente com a temática da pesquisa, tanto motivou, como também paralisou a produção do trabalho, pois acabou por trazer à tona memórias, sensações e sentimentos no mínimo intensos. O fato de o pesquisador também constituir-se como objeto da pesquisa, tanto colaborou para uma melhor articulação e compreensão dos elementos produzidos e analisados, como também entrou o desenvolvimento da investigação, por conta de processos subjetivos inerentes a memórias, nem sempre muito felizes, que se constituíram na trajetória de pesquisa.

Quer dizer, há uma relação muito íntima na produção desse trabalho, pois além dos entrevistados, o pesquisador também vivenciou experiências semelhantes e diferentes sobre os respectivos temas, sujeitos, dispositivos, espaços e relações investigadas. Mesmo que, inevitavelmente, se tenham carregado certos preconceitos de arcabouço, acredita-se que essa “simbiose” com o tema não impeça uma análise qualitativa por parte do pesquisador em relação ao objeto de estudo. Ao contrário, supõe-se que vivenciar e partilhar as experiências pode vir a contribuir na produção de um trabalho mais cartográfico, mais orgânico e, talvez até, “mais próximo do real”, já que o pesquisador não se interessaria por tentar “mascarar” alguma suposta neutralidade na pesquisa científica

proposta.

Não se está negando as tentativas de se manter o mais “democrático” possível na análise empírico-epistemológica na elaboração de pesquisas científicas; apenas compreende-se que jamais se alcança tal “neutralidade” e que se processa somente uma neutralidade parcial e contextual. Neutralidades e verdades sempre parciais, nunca definitivas, sempre abertas e passíveis de (des) construções. A partir da perspectiva cartográfica de investigação, acredita-se que fazer parte da História historiada não corresponde à atitude de não cientificidade, mas à possibilidade do contato, do cuidado e da interação com o trabalho de modo particularmente intenso, orgânico e criativo.

Outro importante elemento motivador dessa dissertação, no que se refere à seleção do recorte temporal (1980 – 2010), corresponde ao fato de esse período apresentar características de grande transformação social, política, econômica e cultural de Chapecó, resultado do ascendente crescimento socioeconômico e demográfico legado pelo intenso desenvolvimento agroindustrial. Além das transformações locais/regionais, o período também corresponde ao momento da promulgação da nova Constituição brasileira (1988), no processo de abertura sociocultural pós agenciamento militar (1964 – 1985). O período também protagonizou a queda do Muro de Berlin (1989) e o fim da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas – URSS – (1991). Portanto, essa pesquisa problematiza aspectos da construção identitária homossexual masculina em Chapecó, em um momento transformador, tanto em esfera local, como também universal – nacional/ocidental.

Nesse momento de “avanços e retrocessos” históricos, essa pesquisa procura problematizar aspectos da construção identitária da homossexualidade masculina em Chapecó, entre 1980 e 2010, como forma de compreender parte da dinâmica experienciada e expressa por esse grupo no campo social local, com intuito de compreender sua real dimensão, em prol da desconstrução de discursos preconceituosos sobre o tema. Procura-se problematizar os dispositivos e as relações de poder que forjaram importante aspectos da construção subjetiva homossexual masculina em Chapecó, no período de 1980 a 2010, a partir da perspectiva que concebe a História enquanto um construto sobre o passado.

Desde os *Annales*<sup>1</sup>, a História vem se renovando continuamente, procurando se

---

<sup>1</sup> Sobre o surgimento e as características das diferentes fases da Escola dos *Annales* – “escola-movimento-revista” que revolucionou a forma de pensar, produzir, ensinar e aprender a História no século XX – ver: LE GOFF, Jacques. **A Nova História**. São Paulo: Martins Fontes, 1993; REIS, José Carlos. **Escola dos Annales: a inovação em História**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

aproximar de uma prática historiográfica mais comprometida com a problematização do passado do que com sua descrição. A problematização da História desconstrói, por sua vez, o modelo de narrativa histórica clássica que tenta reconstituir os fatos e/ou acontecimentos tal qual ocorreram no passado, em prol de uma problematização que permite ao historiador a escolha, a seleção, a interrogação e a análise conceitual sobre o passado de maneira crítica e investigativa.

Febvre definiu essa História conceitual, problematizante e analítica, com sentido de criticidade, como uma inquietação permanente que repõe em causa, de forma racional e metódica, as supostas verdades tradicionais, pois “[...] essa nova História reabre constantemente o passado em vez de reconstituí-lo definitivamente” (FEBVRE apud REIS, 2000, p. 75) A História, pensada enquanto um “sistema aberto”, como um “edifício em construção”, feita por pessoas, sobre pessoas e para pessoas, com seus respectivos desejos, afetos e sentimentos, é como uma fábrica, um ateliê sobre o passado. Essa História problematizante, crítica e analítica emerge como um local de relações, consumo e produções subjetivas sobre o passado – como um *rizoma*. Segundo Deleuze,

*Rizoma* é precisamente um caso de sistema aberto. Volto à questão: o que é filosofia? Porque a resposta a essa questão deveria ser muito simples. Todo mundo sabe que a filosofia se ocupa de conceitos. Um sistema é um conjunto de conceitos. Um sistema aberto é quando os conceitos são relacionados a circunstâncias e não mais a essências. Mas por um lado os conceitos não são dados prontos, eles não preexistem: é preciso inventar, criar os conceitos, e há aí tanta invenção e criação quanto na arte ou na ciência. (Deleuze em entrevista publicada no jornal "Liberación", em 23 de outubro de 1980)

Pensar a História como um “sistema aberto de criação”, como um processo em construção, permite que novas e antigas possibilidades de objetos, fontes, métodos, olhares e perspectivas de pesquisas históricas interajam numa produção historiográfica mais autêntica, orgânica e original. Ao invés de encerrar a História na trama do suposto poder sobre a verdade, essa perspectiva aberta, criativa e conceitual da História, “revoluciona” a própria perspectiva histórica, por assim dizer, pois acaba exigindo um olhar mais amplo e transdisciplinar na investigação e escrita históricas:

A transdisciplinaridade é complementar à aproximação disciplinar: faz emergir da confrontação das disciplinas dados novos que as articulam entre si; oferece-nos uma visão da natureza e da realidade. A transdisciplinaridade não procura o domínio sobre as várias outras disciplinas, mas a abertura de todas elas àquilo que as atravessa e as ultrapassa. Ela pressupõe uma racionalidade aberta por um novo olhar, sobre a relatividade das noções de definição e objetividade.

---

(FREITAS & MORIN & NICOLESCU, 1994, p. 02)

A partir do diálogo com outras ciências, como a Filosofia e a Psicologia, essa pesquisa discute aspectos subjetivos da construção identitária homossexual masculina em Chapecó, nas décadas de 1980 a 2010, em sentido aberto e transdisciplinar da História, pensada a partir das relações de poder e subjetividade produzidas pelo homem no respectivo tempo e espaço.

Para desenvolver a pesquisa, tanto no que diz respeito às fontes (entrevistas), como à própria análise e problematização historiográfica, foram utilizadas concepções teórico-metodológicas, como a cartografia, que propõem:

Em vez de regras para serem aplicadas, propusemos a ideia de pistas. Apresentamos pistas para nos guiar no trabalho da pesquisa, sabendo que para acompanhar processos não podemos ter predeterminada de antemão a totalidade dos procedimentos metodológicos. As pistas que guiam o cartógrafo são como referências que concorrem para a manutenção de uma atitude de abertura ao que vai se produzindo e de calibragem do caminhar no próprio percurso da pesquisa. (KASTRUP & PASSOS, 2010, p. 13)

Não regras, mas pistas! As pistas podem estar explicitadas e/ou, talvez, careçam ser constituídas, como é o caso da produção das memórias nos testemunhos desenvolvidos pelo método da História oral. A partir da perspectiva cartográfica de investigação e da utilização da metodologia oral da História, compreende-se que a fonte oral caracteriza-se enquanto um procedimento de pesquisa criterioso, criativo e eminentemente subjetivo. Nessa pesquisa, a produção da fonte oral é entendida como um trabalho cooperativo, pois o pesquisador colabora, particularmente, em sua confecção, tecendo o fio condutor das entrevistas, desde a formulação do tema/problema e o mapeamento das fontes, até a elaboração do roteiro, contato e respectivas entrevistas.

A produção de fontes orais é um empreendimento colaborativo impregnado de relações de poder e subjetividades, uma vez que, tanto em relação ao presente, como ao passado, e até mesmo ao “futuro”, coexistem, ora os interesses do pesquisador, ora os interesses do entrevistado, interagindo no presente da entrevista e nas posteriores análises produzidas (no caso do pesquisador). Portanto, a produção da fonte oral gira, eminentemente, em torno dos jogos de poder e subjetividade entre entrevistado e pesquisador nos respectivos contextos sócio históricos vivenciados.

A dinâmica da produção da fonte oral implicou em um trabalho atrelado ao procedimento cartográfico de mapeamento do campo, produção do roteiro, contato e coleta

dos dados, ideias e informações, transcrição e análises. O trabalho com fontes orais na construção da História implicou a participação ativa do pesquisador na produção das próprias informações, incluindo a necessidade de se desenvolver certa sensibilidade para com os sujeitos e suas respectivas memórias – subjetividades:

Ser bem sucedido ao entrevistar exige habilidade [...] o bom entrevistador acaba por desenvolver uma variedade do método [...] interesse e respeito pelos outros como pessoas e flexibilidade em relação a eles; capacidade de demonstrar compreensão e simpatia pela opinião deles e, acima de tudo, disposição para ficar calado e escutar. (THOMPSON, 1992, p. 254)

Sentimentos gratificantes e/ou dolorosos também são expressões da subjetividade humana. Para essa pesquisa, a dinâmica da metodologia oral da História demonstrou-se a maior fonte de possibilidades de produções, relações e análises subjetivas, pois revelou-se enquanto “pura” produção subjetiva. Pois, como pensar em historiar homossexualidade em perspectivas de constituição identitária sem contatar, entrevistar e interagir – cartografar – com sujeitos que vivenciam e/ou vivenciaram suas respectivas experiências homoeróticas no contexto estudado? Nessa perspectiva, a História oral, enquanto fonte teórico-metodológica, demonstrou-se tanto interessante, quanto indispensável, pois as fontes, entendidas como indícios dos processos vivenciados e constitutivos das respectivas identidades desse grupo homossexual chapecoense do período de 1980 a 2010, trouxeram elementos interessantes e singulares para a análise subjetiva dessa História.

Portanto, a partir da cartografia como caminho para a investigação e análise, e da História oral como ferramenta metodológica na produção de fontes e conhecimentos históricos, essa pesquisa procurou pensar e desenvolver o trabalho científico historiográfico em sentido dialógico, transdisciplinar e “aberto” às novas possibilidades que se apresentaram através das respectivas fontes e teorias elencadas. Nesse sentido, foram realizadas dez entrevistas com sujeitos masculinos de identidade homossexual que vivenciam e/ou vivenciaram experiências homossexuais em Chapecó, entre as décadas de 1980 a 2010.

Os entrevistados possuem faixa etária entre 24 e 45 anos, em sua maioria formados no ensino superior, com profissões estabelecidas. Suas respectivas condições socioeconômicas são de estabilidade, compondo aquilo que se convencionou denominar de classe média. Não foram entrevistados sujeitos com realidade socioeconômica diferenciada, pois os sujeitos que se disponibilizaram às entrevistas correspondem a esse setor de classe média e porque o montante de informações produzidos com os mesmos se

mostrou bastante amplo e fecundo no sentido da produção da pesquisa.

É importante salientar que não houve uma seleção voluntária dos entrevistados, sequer um perfil específico buscado. Sucedeu-se que o contato realizado em espaços de sociabilidade – festas, cafés, bares e *shopping center* – acabou trazendo para a pesquisa sujeitos com esse perfil de classe média. É igualmente relevante destacar que por se tratar de uma pesquisa cujo tema demonstra-se bastante íntimo, optou-se pela utilização de pseudônimos para manter a integridade pessoal dos entrevistados, tendo em vista o grau de exposição de elementos íntimos que correspondem os depoimentos produzidos. Portanto, a identificação dos entrevistados está posta nesse trabalho de modo a manter sua integridade pessoal e social.

O primeiro capítulo, “A homossexualidade em discursos”, procura situar o horizonte temático da pesquisa, problematizando a homossexualidade em perspectiva histórica. Esse breve capítulo produz uma discussão sobre a perspectiva homossexual, a partir de uma análise histórica dos discursos produzidos sobre a homossexualidade e o sujeito homossexual na cultura ocidental, com uma discussão também sobre o tema no Brasil.

O segundo capítulo, “O chapecoense: a produção de sujeitos em perspectiva”, procura problematizar os processos de construção, desconstrução e reconstrução da ideia de sujeito masculino em Chapecó, ao longo dos agenciamentos políticos, ideológicos, sociais, econômicos e culturais que se produziram nesse contexto, desde o período da colonização oficial. Para tanto, esse capítulo procura problematizar os processos sócio históricos que produziram o espaço urbano chapecoense e seus respectivos sujeitos históricos, especificamente, o sujeito masculino oestino.

O terceiro capítulo, “A homossexualidade masculina em Chapecó: uma construção identitária em movimento”, problematiza e analisa as fontes orais a partir de conceitos e teorias da História, da Filosofia e da Psicologia. Esse capítulo problematiza as relações de poder e subjetividade – os dispositivos de poder e as experimentações desejantes – atuantes nos processos de construção identitária desse grupo de homossexuais masculinos chapecoenses, entre o período de 1980 a 2010.

## 2 A HOMOSSEXUALIDADE EM DISCURSOS

Esse capítulo procura “situar” o horizonte temático da pesquisa, problematizando a homossexualidade masculina na trama da perspectiva histórica da cultura ocidental. Partindo de uma problematização histórica dos discursos produzidos sobre a homossexualidade e o sujeito homossexual na cultura ocidental, procura-se compreender, historicamente, a visão geral produzida em torno da homoafetividade<sup>2</sup> masculina e as respectivas influências na construção identitária homossexual no Ocidente.

A partir da perspectiva da análise do discurso<sup>3</sup> foucaultiana, essa pesquisa compreende o discurso como um saber poder sobre a verdade, quer dizer, o discurso enquanto produto e produtor de verdades e sentidos<sup>4</sup> e, conseqüentemente, de poder nas relações humanas. Os discursos referentes à homossexualidade, produzidos na cultura ocidental e no Brasil, são problematizados como produtos e produtores de sentido e verdades; como dispositivos de poder colaborativos na construção das próprias relações de poder, de identidades, de experiências e de subjetividades homossexuais na tradição ocidental e local. É importante salientar que existem outros vieses dentro dos estudos de análise de discurso; essa dissertação lança mão dessa perspectiva mais interpretativa, mais subjetiva, proposta por Foucault, por acreditar ir mais ao encontro da proposta desse

---

2 O termo homoafetivo e homoerótico são utilizados nesse trabalho mais como possíveis sinônimos do que como conceitos estritamente diferentes do conceito de homossexualidade. Pois, acredita-se que todas as relações humanas são também sexuais e, portanto, também carregam em si cargas de afeto e eroticidade, tendo em vista que é impossível dissociar totalmente sentimentos de desejo, afeto e eroticidade. Inclusive porque se configuram enquanto sentimentos que estão para além e aquém da necessidade e integram os quadros das contingências subjetivas.

3 A complexidade empírico-epistemológica trazida pela análise de discurso é debatida, sobretudo, por Pêcheux e Foucault. Não é objeto dessa dissertação, nem seria possível, a elaboração de uma análise de discurso propriamente dita nos moldes clássicos dessa área, o que coloca, inclusive, questões a serem pensadas em um futuro projeto de continuidade e aprofundamento do tema. Interessa nesse momento compreender as produções discursivas como produtoras e como produtos de sentidos de verdade no contexto das relações de poder e subjetividade homossexual masculina na cultura ocidental e na Chapecó das décadas de 1980-2010. A respeito da análise de discurso nesses autores ver: PÊCHEUX, Michel. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. Campinas: Ponte, 1997. FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

4 Segundo Foucault (1996), os discursos são produtores de verdades, pois atuam enquanto emissores de códigos que funcionam como mecanismos de agenciamento das subjetividades num contexto de relações de poder específico. No entanto, para o intrigante pensador francês, os discursos são produtos de verdade, tendo em vista de que só são capazes de produzir sentidos de verdade mediante o fato de serem compostos de elementos identificadores de verdades. Quer dizer, ao produzir verdades, os discursos acabam atuando na construção de outros discursos que, além de compostos por seus respectivos sentidos de verdade, também vão trabalhar na formulação de outras concepções em torno de novos códigos de identificação de verdades, e assim sucessivamente.

trabalho.

## 2.1 PROBLEMATIZANDO A HOMOSSEXUALIDADE

A questão homossexual, mesmo na academia, foi tratada, até a década de 1960, sob pontos de vista decorrentes de perspectivas de moralidade, senão de patologia. No presente, a homossexualidade tem sido um tema intensamente discutido por filósofos, antropólogos, psicólogos, historiadores, dentre diversos outros cientistas e áreas científicas. Essa discussão ganhou maior ênfase a partir do século XX, acirrando-se, sobretudo, a partir da década de 1960, com o advento da denominada “revolução sexual” que possibilitou tanto a emergência de maior liberdade sexual como a formação de novos e/ou diferentes saberes e/ou grupos sociais. Os novos saberes médicos e psicológicos, assim como as ciências de um modo geral, vêm transformando a percepção humana sobre o sexo e a (homo) sexualidade.

Verificando-se documentos históricos, como a Bíblia, pode-se confirmar que a homossexualidade esteve presente em diversas sociedades, em diferentes períodos históricos: “Com homem não te deitarás, como se fosse mulher; abominação é” (Levítico, 18:22 ACF). A Bíblia é um antigo e influente documento histórico produzido pela e para a humanidade, que relata, condena e segrega a existência de sujeitos e práticas homossexuais nas sociedade antigas. Na realidade, o discurso bíblico acaba por sintetizar o pensamento católico em torno da homossexualidade:

Vocês não sabem que os perversos não herdarão o Reino de Deus? Não se deixem enganar: nem imorais, nem idólatras, nem adúlteros, nem homossexuais passivos ou ativos, nem ladrões, nem avarentos, nem alcoólatras, nem caluniadores, nem trapaceiros herdarão o Reino de Deus. (CORÍNTIOS, 6:9 – 10 NVI)

No discurso bíblico, é sensível a negatividade colocada pelo pensamento católico em relação à homossexualidade. Porém, para se pensar a homossexualidade em sua construção discursiva na tradição ocidental, precisamos “recuar” um pouco mais no tempo/espço: observando a História da homossexualidade nas sociedades clássicas, percebe-se que na Grécia e Roma antigas as relações homossexuais não apresentavam concepções negativistas propriamente ditas, pois sequer eram discriminadas das demais práticas sexuais vigentes. Segundo Foucault (2006), na Antiguidade vigorava uma problematização da sexualidade em torno das denominadas “práticas de si”, certa “estética

da existência”: uma história das problematizações éticas, feitas a partir das “práticas de si”. Era uma “dietética do uso dos prazeres”<sup>5</sup>, numa perspectiva de temperança<sup>6</sup>.

Para Foucault (2006), o “amor grego pelos rapazes”, segundo os discursos platônicos sobre as relações homoeróticas na Antiguidade Clássica, estabelecia que,

Entre eles [havia] simetria e igualdade posto que os faz surgir da divisão de um ser único; o mesmo prazer e o mesmo desejo levam o *erasta* e *erômeno* um para o outro; se ele é, por natureza, uma metade macho, o rapaz amará os homens: terá “prazer” em “dormir com os machos” e a “ficar entrelaçado com eles” (*sumpeplegmenoi*). E com isso, em vez de revelar uma natureza feminina, ele mostra que nada mais é do que a “*téssera*” de um ser inteiramente viril. Em sua juventude eles se deram a homens porque procuravam sua metade de macho; pela mesma razão, tornados adultos, eles procurarão os rapazes. “Amar os rapazes”, “gostar dos amantes” [...] são duas vertentes do mesmo ser. À questão tradicional do consentimento Aristófanes, dá, pois, uma resposta direta, simples, inteiramente positiva, e que abole ao mesmo tempo o jogo das dissimetrias que organizava as relações complexas entre o homem e o rapaz; toda a questão do amor e da conduta a ser mantida nada mais é então do que reencontrar sua metade perdida. (FOUCAULT, 2006, p. 203 – 204)

“Entre eles, simetria e igualdade”. Segundo Foucault, os discursos clássicos indicam ser possível considerar que os desejos e “amores masculinos” tiveram interessantes possibilidades de inscrição social na Antiguidade Clássica. Foucault também chama a atenção para os discursos em torno da estética da sexualidade grega antiga, que formulava complexas reflexões morais acerca de uma conduta moral masculina, erigida por homens, sobre homens e suas próprias condutas no sentido de manter o aspecto viril da masculinidade – movimento que demonstra o modelo falocrático<sup>7</sup> da cultura greco-romana

<sup>5</sup> Segundo Foucault (2006), essa “dietética” com relação ao uso dos prazeres do corpo e do espírito, desenvolvida pelo pensamento filosófico grego clássico, funcionaria como um dispositivo “atuante dentro” da própria singularidade sexual, uma “estilística do ser” – “práticas de si para si” –, numa busca pela temperança, pelo equilíbrio com relação ao sexo, seus respectivos usos e desusos.

<sup>6</sup> Foucault (2006) evidencia que os discursos gregos antigos sobre o sujeito temperante, colocavam-no como sendo aquele cujos “arroubos cálidos do desejo” seriam controlados por toda uma “econômica”, uma estilização do ser desejante por ele mesmo, num sentido de construir todo um esquema de autocontrole dos desejos, com vistas a produzir uma consciência de si, por si, para si e perante si diante dos outros. Esse ideal de “temperança sexual”, desenvolvido pelo pensamento filosófico grego clássico, seria como que uma estilização particularizada de conduta social-sexual. Um ideal de conduta sexual construído pelo sujeito para ele próprio a partir de alguns aconselhamentos morais vigentes. Numa perspectiva muito mais de reelaboração singular diante desses códigos sociais relativamente vigentes, do que de imposição de códigos de leis sexuais, como foi o caso vivenciado na Idade Média ocidental. Embora essa perspectiva já assinalasse um modo de intervenção, era uma intervenção desenvolvida muito mais a partir da ideia de autocontrole, do que do controle explícito exercido por dispositivos institucionais específicos como se verificou nos tempos posteriores.

<sup>7</sup> Segundo Foucault (2006), as sociedades grega e romana antigas eram falocráticas, pois eram exclusivamente centradas na figura física e moral masculina. As escavações arqueológicas na cidade de Pompeia corroboram o enaltecimento do aspecto falocrático dominante da sociedade

antigas.

No entanto, essa reflexão moral em torno do sexo e da sexualidade da Antiguidade não se dirigia aos homens como medida de restrição absoluta às suas respectivas condutas singularizadas, e sim como elaboração de uma “estilização” do próprio desejo e atividade sexual no exercício pleno de seu exercício de poder e na suas possibilidades estéticas aceitas socialmente. A conduta moral, na perspectiva da sexualidade, surge para o pensamento filosófico grego antigo com a ideia do sujeito moral construtor de sua própria ética sexual e existencial:

O cuidado principal dessa reflexão era definir o uso dos prazeres – suas condições favoráveis, sua prática útil e sua rarefação necessária – em função de uma certa maneira de ocupar-se do próprio corpo. A preocupação era muito mais “dietética” do que “terapêutica”: questão de regime, visando regular uma atividade como importante para a saúde. A problematização médica do comportamento sexual fez-se menos a partir dos cuidados com a eliminação de suas formas patológicas do que a partir da vontade de integrá-lo o melhor possível à gestão da saúde e à vida do corpo. (FOUCAULT, 2006, p. 89 – 90)

As reflexões morais discursivas sobre a homossexualidade, na Antiguidade, orientavam-se muito mais para a concepção de “práticas de si”, numa perspectiva de “preservação do corpo-espírito”, do que para as definições estritas e castrativas do permitido e do não permitido, mesmo porque os conceitos sobre o proibido e o ilícito, embora também relacionados, diferiam bastante de nossa sociedade no tempo presente.

Segundo Foucault (2006), os discursos morais produzidos na Antiguidade Clássica não chegaram a instituir uma sexualidade e/ou um comportamento sexual como regra única a ser assumida e praticada por seus respectivos cidadãos, tampouco se realizou a segregação e a condenação estrita dessa ou daquela sexualidade. O que Foucault (2006) mostra é que os discursos sobre a homossexualidade na sociedade grega antiga tratou de compor toda uma “idealística moralizadora”, estruturada sob um “uso dos prazeres” comedido e não excessivo – uma verdadeira estética esculpida no jogo do equilíbrio entre as correlações do exercício do desejo, do afeto e da atividade sexual entre seus respectivos praticantes.

Segundo Foucault (2006), a moralidade discutida em torno da dinâmica disposta nos “elementos de prazer” constituiu, para os gregos antigos, em saber de que formas estar-se-ia preparado para enfrentar esse desejo excessivamente forte, como dominá-lo e como

---

romana, por exemplo. A esse respeito ver: “À sombra do Vesúvio” (Documentário Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=dsktvcddnTc>).

garantir certa “parcimônia econômica” de forças nesse contexto desejante, afetivo e sexual. Um “uso dos prazeres” pressupunha, por sua vez, uma dimensão que, via de regra, escapava a qualquer proposição e requeria uma perspectiva de contingência, de momento e de status<sup>8</sup>, quer dizer, perpassava – correlacionando-se intensamente aos processos de interiorização e inscrição subjetiva, instâncias tão íntimas e sociais que são constitutivas do próprio desejo.

É possível contatar que os discursos sobre a homossexualidade na Antiguidade Clássica não realizaram nem a condenação, nem a libertação total dessas práticas. O “deslocamento negativo” nos discursos sobre os sujeitos e as relações homossexuais foram se intensificando, a partir da crescente preocupação moral promovida, principalmente, pela influência cristã católica sobre o pensamento ocidental, que logo nos primeiros séculos já estabeleceu que:

O cristianismo era fundamentalmente hostil a homossexualidade, a mudança na Idade Média não foi um deslocamento da tolerância para a intolerância por razões não-intrínsecas às crenças cristãs, mas uma alteração nos meios de lidar com a questão. No período inicial da Idade Média, a punição era a penitência; no período posterior, a fogueira. Mas nunca foi questão permitir aos homossexuais prosseguir em sua atividade homossexual sem punição. Eles eram obrigados a desistir dela ou arriscar-se a danação. (RICHARDS, 1993, p. 152)

A partir da era cristã, as “sodomias” passavam a configurar crime contra a natureza humana, pois: “Agostinho estabeleceu que o sexo com qualquer outro propósito que não o da procriação era uma violação da natureza.” (AGOSTINHO Apud RICHARDS, 1993, p.157). Mesmo assim, com o renascimento das cidades e o surgimento das universidades europeias, a partir do século XIII, cresceu também uma “subcultura homossexual” no Ocidente, sobretudo entre a nobreza cortês, o clero e a intelectualidade universitária.

A Igreja Católica, preocupada em controlar e disposta a combater as diversas produções e inscrições desejantes homossexuais, trabalhou na elaboração de um discurso anti-homossexual, difundindo a ideia de esta ser uma prática herética:

Os sodomitas devem ser afastados da sociedade, assim como o lixo deve ser retirado das casas, de modo a que não as infecte, os depravados devem ser

---

<sup>8</sup> Foucault (2006) estabelece que esse status desenvolvido pelo pensamento filosófico dos homens na Antiguidade correspondia a toda uma complexa sistemática desejante, afetiva e sexual, que incluía diversas formas estéticas possíveis de sexualidade, não como regras obrigatórias e universais estritas – como é o caso verificado na Idade Média ocidental, com seus respectivos e repressivos códigos de conduta ética e moral sexual –, mas como uma maneira de “se conduzir”, “elevando-se”, com isso, à situação de poder sobre a própria verdade do conhecimento e a plenitude da existência humana.

afastados do comércio humano pela prisão ou pela morte. O pecado tem que ser destruído pelo fogo e extirpado da sociedade. Ao fogo! Eles são todos sodomitas! E vós estareis todos em pecado mortal se tentardes ajudá-los. (SÃO BERNARDINO apud RICHARDS, 1993, p. 150)

O discurso proferido por São Bernardino atesta o fato de que a marginalização e segregação da homossexualidade possuem grandes referenciais na postura tomada pela Igreja Católica que, baseando-se na Bíblia, erigiu códigos de conduta moral e sexual que nortearam toda a cristandade durante os longos mil anos de Idade Média, e permanecendo, de certa forma, bastante presentes nas relações de poder e subjetividades das sociedades ocidentais até os dias que se seguem.

A partir da Modernidade europeia, com o movimento Renascentista, a premissa passou a ser outra: a ideia do “homem como a medida de todas as coisas” produziu maiores possibilidades de realização desejante na denominada Idade Moderna ocidental<sup>9</sup>. Os séculos XVII e XVIII possibilitaram grande expressão da multiplicidade desejante no campo social. Segundo Foucault (2006),

No início do século XVII ainda vigorava uma certa franqueza. As práticas não procuravam o segredo; as palavras eram ditas sem reticência excessiva e, as coisas, sem demasiado disfarce, tinha-se com o ilícito uma tolerante familiaridade. Eram frouxos os códigos da grosseria, da obscenidade. (FOUCAULT, 2006, p. 09)

A sexualidade na Idade Moderna europeia encontrava-se em emergente processo de possibilidades de inscrição desejantes, pois, como Hieronymus Boch<sup>10</sup> nos mostra em seu “Jardim das delícias terrenas”<sup>11</sup>, pairava todo um discurso em torno de uma estética erótica

<sup>9</sup> A respeito das transformações em torno de costumes e comportamentos socioculturais e das mentalidades dos sujeitos, instituições e relações de poder e subjetividade na Modernidade ver: CHARTIER, Roger. (Org.) **História da vida Privada: da Renascença ao século das luzes**. São Paulo: Schwarcz LTDA, 2009.

<sup>10</sup> Hieronymus Bosch foi um singular pintor holandês que viveu entre 1450 e 1516. Hieronymus Bosch é o pseudônimo de Jeroen van Aeken, que nasceu e morreu em Hertogenbosch, local de onde teria derivado seu nome artístico. Bosch conferiu destaque aos temas do imaginário, representando medos, angústias, criaturas imaginárias e contextos de horror. Embora católico, Bosch priorizou temas mais psicológicos do que religiosos, como era convencional na época. A multiplicidade de sentidos produzida pela obra de Boch revela muito das transformações das mentalidades, inclusive sexuais, dos sujeitos no período renascentista da Idade Moderna ocidental. A respeito da vida e obra de Hieronymus Boch ver: LINFERT, Carl. **Bosch**. Nova York, Harry N. Abrams, 1989.

<sup>11</sup> O Jardim das Delícias Terrenas foi pintado por Hieronymus Bosch em 1504, e representa a História do mundo a partir da gênese (criação), onde o paraíso terrestre e o inferno são retratados nas “asas laterais” da Obra. No centro da Obra, por sua vez, Bosch “celebra os prazeres da carne”, com imagens de participantes desinibidos (nus), sem o sentimento de culpa católica classicamente atribuído em torno da sexualidade de um modo geral. A obra de Boch expõe múltiplas simbologias e

e sexual sem precedentes; o desejo toma conta da imaginação e vice versa. A obra de Boch é repleta de referências a “prazeres condenados” pela moral católica e social, inclusive representações de práticas homossexuais. De fato, na prática, a homossexualidade também ganhou mais expressividade na Idade Moderna, sobretudo, comparativamente ao período anterior, porém, oficialmente, ainda permanecia sob a rígida tutela do discurso religioso.

Um caráter repressivo fora, paulatinamente, se incorporando à eroticidade humana no Ocidente: o desenvolvimento da racionalidade utilitarista moderna. Fator que também se demonstrou contributivo para reforçar a repressão em torno da homossexualidade na cultura ocidental:

A racionalidade inaugurou uma nova fase no processo de desumanização do mundo. Transformou a vida da espécie humana, de uma complexidade fantástica de elementos que inclui beleza, mistério, criatividade e sonho, num conjunto de hábitos simplórios voltados para a incrementação do binômio produção/consumo. Reduziu as alternativas das potencialidades humanas ao esforço de produzir bens vendáveis. Para esse propósito é que todas as energias do homem têm sido canalizadas e utilizadas, sendo suprimidas aquelas que a esse fim não se ajustam. Essas faculdades suprimidas no contexto mercadológico fazem parte de um elenco de elementos os quais Sigmund Freud denominava de “instintos primários” e que se orientam segundo o princípio do prazer e da significação. São essas forças instintivas que precisam ser sufocadas, segundo Freud, para que a civilização seja possível. A liberação das interdições ao prazer tornaria o homem incontrolável, impossibilitando a moral e a ordem social. Em outros termos, a civilização só se torna possível através da desumanização do homem, pois são essas energias que fazem a vida humana fascinante, gratificante e bela. (NUNES, 1994, p. 09)

A racionalidade iluminista do final século XVIII iniciou processo inédito de reiteração do sujeito do desejo. O desejo e a sexualidade passaram a configurar concepções utilitaristas e socioeconômicas. O “processo de desumanização do homem”, citado por Nunes (1994), está profundamente relacionado ao caráter classificatório, segregacionista e reiteracionista próprio da premissa de racionalização do mundo, incorporado pelo Ocidente no período. Segundo essas concepções utilitarista e socioeconômicas, o poder de impulso do desejo humano não pode transcender a ordem mercadológica do jogo das relações de poder em contexto. Em outras palavras, toda a produção humana (inclusive desejante homossexual) deve ser reiterada e classificada de algum modo, ou ser segregada e ser forçada a deixar de existir oficialmente, para compor o quadro das práticas

---

atividades sexuais de modo explícito. Até hoje se questiona referente aos seus financiadores, como possíveis “adeptos do amor livre”, pois seria improvável que alguma Igreja a tenha encomendado. De qualquer modo, o tríptico de Boch representa a transformação das mentalidades em torno das sexualidades na cultura ocidental do período renascentista. Sobre a obra *O jardim das Delícias Terrenas* (Boch; 1504) ver: BOSING, Walter. **Hieronymus Bosch**: cerca de 1450 a 1516: entre o céu e o inferno. Köln: Taschen, 1991.

clandestinizadas, por assim dizer.

Até mesmo o discurso psicanalítico freudiano da castração desejante, como um dos elementos fundantes da civilização, pode estar associado ao potencial agenciante do discurso racional utilitarista que se desenhou nos séculos XVIII e XIX. Pois, seria mesmo imprescindível abandonarmos e/ou suprimirmos deveras nossos desejos para que a civilização se desenvolvesse? Ou seria esse discurso mais uma forma de justificar o próprio processo de racionalização social e agenciamento subjetivo que se instaurou no Ocidente a partir do período supracitado? Independentemente, mesmo a relativa supressão e abandono de desejos homossexuais que foi se desenhando, não garantiu as extinções das experimentações das práticas homoeróticas.

A partir do século XIX, os saberes médicos e psicológicos passaram a conceber as práticas homossexuais não mais como um pecado, mas como uma patologia; um “desvio biológico”. Foucault (2008), aponta que a homossexualidade e o sujeito homossexual<sup>12</sup> são uma criação científica e social do século XIX, pois antes da razão positivista “ordenar” o universo científico e social, não se se tinha bem definida uma imagem, um discurso e/ou uma identidade própria de um sujeito como homossexual particularizado – distinto.

A institucionalização da homossexualidade segue a institucionalização das ciências como modelo explicativo do mundo e do homem, segue a institucionalização da própria existência humana em suas mais diversas dimensões. A partir do século XIX, a própria institucionalização em si, passa a vigorar como mecanismo de poder, de controle e agenciamento das sexualidades, culturas, costumes, relações, etc. no mundo ocidental. Como dispositivos de poder, os discursos *panópticos*<sup>13</sup> positivistas de “ordem e progresso”

---

12 Foucault (2006), pontua que o homossexual da modernidade é nitidamente diferente dos tempos anteriores, quando ainda não havia se constituído e instituído toda uma corporação científica estudando e teorizando sobre a temática da homossexualidade. Segundo o pensador francês, além de diferenciado, o homossexual passa a ser minuciosamente estudado, classificado e tratado, a partir dos séculos XIX e XX.

13 Segundo Foucault (2008), o *panóptico* criado por Jeremy Bentham (1748-1832) era uma planta modelo de um edifício em forma de anel, com respectivo pátio e torre no centro. O anel dividia-se em pequenas celas que davam tanto para o interior quanto para o exterior. Em cada uma dessas pequenas celas, havia, segundo o objetivo da instituição, crianças aprendendo a escrever, operários a trabalhar, prisioneiros a serem “corrigidos”, “loucos” sendo impelidos a “estabilizar” suas loucuras, e na torre, havia um vigilante enquanto dispositivo de efetivação de controle através da prática da vigília. Cada cela dava ao mesmo tempo para o interior e para o exterior, sendo que o olhar do vigilante podia atravessar toda a cela. Tudo ficava exposto ao olhar de um vigilante que observava por persianas e pequenas aberturas o que se passava. O vigilante tudo via sem, no entanto, que ninguém pudesse vê-lo. Esse modelo racionalizado do espaço físico prisional estabelece que qualquer punição deveria ser encarada antes de tudo como espetáculo particularizado. É mais importante o medo causado nos espectadores da violência do que no sujeito violentado. Motivo pelo

trataram de agenciar a subjetividades humanas e/ou reiterar as dissidências.

Segundo Foucault (2008), uma sociedade onde o poder é exercido, de forma “velada”, como é o caso das sociedades ocidentais dos séculos XIX e XX, cria uma premissa de autocontrole psicológico em que os indivíduos se autorregulam e se autofiscalizam “automaticamente”. O primeiro a materializar cientificamente essa ideia, foi o filósofo iluminista inglês Jeremy Bentham, que em 1789, mesmo ano em que a burguesia tornava-se a classe social dominante no mundo ocidental com o advento da Revolução Industrial e Francesa, desenvolveu um projeto de prisão que viria a ser “o esboço da racionalização social” da cultura ocidental. De acordo com Foucault (2008), para Jeremy Bentham, dominar era distribuir os corpos e sujeitos em diversificadas superfícies racionalizadas, atis como instituições como: prisões, manicômios, escolas, fábricas.

Segundo Foucault (2008), a essência do panóptico reside na centralidade da situação de inspeção, ou na construção, ficcional, de uma espécie do "inspetor central", onipotente, onipresente e onisciente. O *panoptismo* corresponde à observação total, é a tomada integral, por parte do poder disciplinador, da vida de um sujeito: é estar vigiado durante todo tempo sem ver/perceber seu observador. Para Foucault (2008), o *panóptico* organiza espaços que permitem ver, sem ser vistos, em prol da garantia de ordem disciplinadora, fazendo com que a vigilância torne-se permanente nos seus efeitos, mesmo que não o seja na sua ação propriamente dita. Pois, mais importante do que vigiar o prisioneiro o tempo inteiro, era fazê-lo sentir-se vigiado. Portanto, a finalidade do modelo panóptico de racionalização da sociedade era e é coibir, “vigiar e punir”. O modelo panóptico de sociedade desfaz a necessidade de combater a violência física com outra violência física, por exemplo, combatendo-a, antes, com mecanismos de auto coerção de ordem psicológica.

Para Foucault (2008): “o *panóptico* deve ser compreendido como um modelo generalizável de funcionamento, uma maneira de definir as relações de poder com a vida cotidiana dos homens.” (FOUCAULT, 2008, p. 186) A emergência panóptica como arquitetura do controle e modelização das subjetividades representa a grande virada na civilização ocidental. Jamais o mundo viria a ser o mesmo, pois nossa própria conduta, pensamentos e desejos são agenciados nessa ordem panóptica de subjetivações. "O

---

qual, na prisão *panóptica* de Bentham, ocasionalmente se escutavam gritos horríveis, só que não de prisioneiros, mas de pessoas contratadas exclusivamente para esse propósito; a finalidade era “punir a partir da coação subjetiva”.

panóptico permite aperfeiçoar o exercício do poder [...] porque pode reduzir o número dos que o exercem, ao mesmo tempo que multiplica o número daqueles sobre os quais é exercido." (FOUCAULT, 2008, p. 187)

Nessa perspectiva, as ciências, tanto biológicas como psiquiátricas, intervêm diretamente na institucionalização da homossexualidade e do sujeito homossexual, ao longo dos séculos XIX e XX:

O homossexual do século XIX torna-se uma personagem: um passado, uma história, uma infância, um caráter, uma forma de vida; também é morfologia, com uma anatomia indiscreta e, talvez, uma fisiologia misteriosa. Nada daquilo ele é, no fim das contas, escapa a sua sexualidade. Ela está presente nele todo: subjacente a todas suas condutas, já que ela é o princípio insidioso e infinitamente ativo das mesmas; inscrita sem pudor na sua face e no seu corpo já que é um segredo que se trai sempre (FOUCAULT, 2006, p. 43)

Foucault problematiza o processo de institucionalização da homossexualidade na trama científica do século XIX, explicitando que, para a ciência legal da época, ninguém deveria escapar aos processos de agenciamentos físicos e comportamentais que visavam o controle através da autodisciplina. O motivo central da institucionalização da homossexualidade na contemporaneidade, possui referência direta no aspecto de controle social que, supostamente, demandava, pois, nesse período, as sexualidades de um modo geral foram estudadas, testadas, classificadas e tratadas como aspectos saudáveis ou patológicos da fisiologia e/ou da psicologia de seus respectivos praticantes.

Louro (2001) também afirma que a homossexualidade foi estudada e diagnosticada como patologia no século XIX; momento em que a homossexualidade se tornou objeto de interesse da medicina legal e da antropologia criminal, que se ocuparam, por sua vez, de “diagnosticar” e “tratar” o sujeito homossexual a partir de métodos e olhares “científicos”. A homossexualidade se tornava interesse da ciência e do governo, preocupados em compreender e controlar a dinâmica social em intensa transformação no período supracitado. O homossexual se tornava um “tipo humano diferenciado” enquanto singularidade subjetiva “destacada” dentro de um determinado contexto de relações de poder estabelecido: o campo social.

Segundo Louro (2001), a homossexualidade corresponde a uma invenção conceitual própria do século XIX:

A homossexualidade e o sujeito homossexual são invenções do século XIX. Se antes as relações amorosas e sexuais entre pessoas do mesmo sexo eram consideradas como sodomia (uma atividade indesejável ou pecaminosa à qual

qualquer um poderia sucumbir), tudo mudaria a partir da segunda metade daquele século: a prática passava a definir um tipo especial de sujeito que viria a ser assim marcado e reconhecido. Categorizado e nomeado desvio da norma, seu destino só poderia ser o segredo ou a segregação – um lugar incomodo para permanecer. A homossexualidade, discursivamente produzida, transforma-se em questão social relevante. A disputa centra-se fundamentalmente em seu significado moral. Enquanto alguns assinalam o caráter desviante, a anormalidade ou inferioridade do homossexual, outras proclamam sua normalidade e sua naturalidade – mas todos parecem estar de acordo de que se trata de um “tipo” humano distintivo. (LOURO, 2001, p. 542)

As ciências do século XIX produziram um processo de diferenciação e categorização das condutas, corpos, desejos e sexualidades que permanece e se transmuta até os dias atuais. O poder de controle sobre esse “novo tipo humano” – o homossexual – instigava o meio científico e demais setores elitizados da sociedade ocidental. A homossexualidade chamava atenção por sua “singularidade excessiva”, pelas “características diferenciadoras” que apresentava aos homens do século XIX e início do século XX. Inclusive, os homossexuais masculinos foram mais intensamente estudados e “tratados” mediante seu caráter diferenciativo, não convencional, tido como desviante em relação à norma socialmente estabelecida.

A ciência diagnosticou o homossexualismo<sup>14</sup> como perversão psíquica e desvio fisiológico, e passou a classificá-lo como tipo sociológico distinto do quadro social geral. Desenhava-se uma “nova” forma de exclusão e segregação da homossexualidade no discurso ocidental: a demarcação do estereótipo do diferenciado, com sentido de anormalidade fisiológica, psíquica e social. Não o discurso religioso de um pecado contra a natureza humana, menos ainda uma “orientação” assumida conscientemente pela reflexão filosófica singularizada, mas a concepção de doença fisiológica, de perversão psíquica. Esse discurso fez com que a homossexualidade passasse a ser tratada e discursada por médicos, psicólogos e psiquiatras, como uma prática sexual não concomitante às concepções sexuais vigentes na sociedade e no mundo científico da época, com intuito de tratamento e cura.

Portanto, a partir da contemporaneidade, a concepção religiosa de ação desviante, amparada na ideia de pecado, vai deixando de ser a preocupação central referente à temática da homossexualidade, pois a ciência, mais especificamente a medicina, passavam

---

<sup>14</sup> O próprio termo “homossexualismo”, criado pela ciência médica psiquiátrica no século XIX para classificar a prática homossexual, indica o caráter patológico que se atribuiu tanto às práticas quanto ao sujeito homossexual, que passou a ser visto e tratado como tipo sociológico distinto na cultura ocidental.

a conceituá-la, classificá-la e tratá-la. De pecado contra a natureza, a homossexualidade, paulatinamente, passou a ser tratada como um desvio fisiológico, uma perversão psíquica.

Para Green (1999):

A causa biológica para a origem da homossexualidade, começou a afastar o tema dos tradicionais ensinamentos morais da Igreja Católica para o domínio da ciência e da medicina. Não é pecado, um crime, um vício a punir, mas um desvio orgânico, uma malformação interna, a diagnosticar, reconhecer e corrigir. Não religião ou direito, que nada tem a fazer aqui, senão higiene, medicina, cirurgia talvez, para repor o homem desviado, a mulher pervertida, na sua saúde normal. Não mais, como nas idades peremptas, expelir o leproso ou sífilítico para fora das cidades, temendo o contágio, senão os isolar em hospitais, onde se lhe dê trato e saúde. Todos os anátemas e códigos não evitarão, não corrigirão uma inversão sexual. Ela se tratará por meios idôneos. (GREEN,1999, p. 213-214)

Ciência e Estado, a serviço da propagação da ideologia da tradição dominante, promoveram intenso processo de esquadramento das sexualidades, instaurando um regime de exercício insidioso de poder, vigilância e controle dos desejos, práticas e condutas sexuais singular-sociais humanas. Foi justamente com o advento da medicina moderna, no auge do positivismo<sup>15</sup> como corrente teórico-metodológica norteadora das ciências em geral, que as relações homossexuais deixaram oficialmente de ser compreendidas como um pecado contra a natureza humana e incorporaram um caráter puramente patológico.

Ao longo do século XX, a homossexualidade foi deixando de ser considerada um “problema fisiológico” e passou a ser compreendida como “condição psíquica”. Ela foi tratada, por sua vez, mais diretamente por profissionais da área de saúde mental e legal, como psiquiatras, psicanalistas e psicólogos. No entanto, nas últimas quatro décadas, desenvolvem-se estudos importantes no sentido de compreender as sexualidades e respectivas dinâmicas homossexuais enquanto inscrições desejantes das subjetividades humanas no campo social. Muitas teorias defendem, atualmente, que a homossexualidade apresenta-se como mais uma “variável” das sexualidades humanas possíveis, politicamente

---

<sup>15</sup> O positivismo é o modelo filosófico criado pelo sociólogo francês Augusto Comte no século XIX, que defende a ideia de que o conhecimento científico é a única forma de conhecimento verdadeiro, pois segundo essa filosofia, as formas do conhecimento que não possam ser comprovadas cientificamente não são válidas. Para os positivistas o progresso da humanidade dependeria única e exclusivamente dos avanços científicos; tido como único meio capaz de transformar a sociedade e o Planeta no “paraíso” sonhado. No processo de consolidação da República Brasileira se verificou a influência explícita das ideias positivistas, destacando-se a figura do Coronel Benjamin Constant, homenageado como o “Fundador da República”. Desde aquela época, a atual bandeira do Brasil é um reflexo dessa influência positivista na História política nacional, pois na bandeira lê-se a máxima política positivista “Ordem e Progresso”, representando as aspirações a uma sociedade elitizada em torno da perspectiva progressista.

vivenciada no campo social.

Pedro\*<sup>16</sup>, revela que o discurso médico, mesmo na década de 1990, ainda carregava muito do caráter patologizante em relação à homossexualidade:

Pra ti ter uma noção eu fazia medicina em Rio Grande, aí eu tinha dois professores psiquiatras e até 1993 a homossexualidade estava como, era uma doença né. Então eles tratavam como doentes, eles davam aula falando de doença. Em 1993 ainda falavam dessa história toda, então eles tratavam o gay, então imagina eu, tu imagina eu lá no meio de uma aula sabendo que eu era, e o meu professor dizendo que eu era doente. (PEDRO, 44 anos, p. 08)

O testemunho de Pedro\* revela como o discurso médico-científico, enquanto [suposto] saber poder sobre a verdade, realizou intensa segregação da homossexualidade. Porém, é importante salientar que, a partir de 1974, a Associação Americana de Psiquiatria retirou o homossexualismo da listagem das psicopatologias, reformulando o conceito para homossexualidade. Desde então, uma imensa gama de teóricos e intelectuais vem preocupando-se em tentar desconstruir algumas visões estereotipadas e conceitos de caráter pejorativo que permearam e que ainda se encontram muito presentes nos discursos sobre a homossexualidade na cultura ocidental.

Segundo Miskolci (2009), a Teoria *Queer* vem trazendo discussões em prol da “democratização das sexualidades”. Essa teoria e “prática militante” surgiu nos Estados Unidos, em meados da década de 1980, a partir das áreas de estudos homossexuais e feministas. É particularmente influenciada pela obra de Michel Foucault e pelo movimento feminista, e atua em prol da desconstrução da heterossexualidade como dita “sexualidade normal”. A Teoria *Queer* defende que deve haver apenas um gênero “neutro,” onde as pessoas, desde crianças, venham a ser criadas livremente, ou seja, sem definição de papéis sexuais e/ou sociais. Como não existiria diferença entre os sexos e sexualidades, se extinguiria o preconceito entre homens, mulheres, gêneros, sexualidades, classes, etc.

No entanto, paulatinamente à emergência dos estudos *queer*, desenvolveu-se outro aspecto que reforçou fortemente os antigos preconceitos em torno da homossexualidade masculina: a ideia da responsabilização desse grupo social pela propagação da AIDS nas décadas de 1980 e 1990. A maioria dos discursos médicos da década de 1980 associava diretamente a AIDS à homossexualidade, criando o estigma do homossexual aidético, o que desencadeou um dos últimos grandes processos de segregação explícita da

---

<sup>16</sup> Os nomes destacados com asteriscos correspondem aos pseudônimos utilizados para preservar as identidades dos respectivos participantes (entrevistado) da pesquisa.

homoafetividade num contexto “universal” no Ocidente.

José\*, relata o estigma produzido pela perspectiva do HIV no discurso médico e social sobre a homossexualidade:

Tem um ponto que contribuiu muito negativamente na década de 1980, 1990 de é a questão da AIDS que passa a ser associada diretamente, que cria toda uma metáfora em torno da doença que tá diretamente ligada a questão dos homossexuais, tu passa a tratar como se fosse uma doença de homossexuais, de gays. Então eu acho que isso traz um peso muito forte assim um peso muito negativo, muito cruel, principalmente pros gays masculinos, por essa associação que se faz e tem também a questão do Cazuzza que acaba meio que se tornando um símbolo disso né. Então eu vejo que era muito isso, assim essa questão da doença e da hostilidade contra essa questão da homossexualidade. (JOSÉ, 33 anos, p. 18)

O testemunho de José\* demonstra que a associação explícita e direta do homossexual à AIDS, colaborou significativamente para a segregação da homossexualidade nas últimas décadas do século XX. Seu relato, enquanto testemunho sobre experiências vivenciadas, atesta a negatividade presente em torno do discurso que estabelece o estereótipo do homossexual aidético nos tempos atuais. Segundo José\*, o espectro do homossexual relacionado ao HIV, tanto promoveu, como também aumentou a hostilidade já presente na sociedade em torno da homossexualidade nas décadas de 1980 e 1990.

## 2.2 NO BRASIL

No que concerne ao Brasil, no domínio dos discursos sobre a homossexualidade, apresentaram-se singularidades decorrentes dos processos sócio históricos vivenciados, tais como o contexto colonizatório, com seus longos séculos de escravidão, que impuseram certa hierarquia social dominante de senhores sobre indígenas e escravos. Não obstante, Chapecó também representa um cenário de hierarquização social, tendo em vista o processo colonizatório oficial desenvolvido, onde indígenas e caboclos também acabam relegados ao domínio do colonizador. No entanto, mesmo se tratando de uma sociedade tradicionalmente estabelecida em torno da família tradicional – da heterossexualidade –, o Brasil, em suas diferentes fases políticas, apresentou a existência de relações homossexuais:

Tais relações entre homossexuais de cores-classes diferentes muitas vezes antagônicas, nem sempre refletem a mesma lógica da dominação senhorial

heterossexista, pois há vários exemplos de índios e negros que desempenharam o papel ativo ou quer na iniciativa da sedução, quer na própria relação copulativa. (MOTT, 1994, p. 07)

Segundo Mott (1994), mesmo com a hierarquia de domínio do branco sobre o negro verificada no período colonial e imperial brasileiro nas relações homossexuais de brancos com negros, nem sempre a perspectiva era de exclusiva submissão sexual por parte do escravizado em relação ao seu senhor, já que diversos são os relatos históricos dos “amores de brancos por seus negros”, quer dizer, de senhores por seus escravos. Porém, também no Brasil colonial, se estabeleceram ações moralizantes e disciplinadoras em relação à sexualidade e de consecutiva segregação à homossexualidade.

A partir do século XVII, o Tribunal Inquisitorial<sup>17</sup> instalou-se no Brasil colonial a fim de investigar, julgar e castigar os acusados de heresia, dentre os quais os praticantes do “pecado nefando”. Esse Tribunal do Santo Ofício perseguiu e condenou muitos “sodomitas” a tratamentos de tortura e pena de morte, inclusive na fogueira. A instalação do Tribunal do Santo Ofício no Brasil Colônia foi uma maneira de controlar e agenciar socialmente a nascente sociedade brasileira nos moldes tradicionais da heterossexualidade:

Entre 1591-1620, de um total de 283 culpas confessadas nas duas Visitações que o Santo Ofício (da fez a diferentes Capitânicas do Nordeste brasileiro, há registro de 44 casos de sodomia (15,5%), sendo, depois da blasfêmia, o desvio mais frequentemente praticado pelos colonizadores. Dos denunciados, 61% eram brancos, 24% mestiços de variegados fenótipos, 9% negros e 6% índios, predominando as relações sodomíticas entre parceiros de diferentes cores, os quais ocupavam toda a gama de profissões: de Governador Geral do Brasil, como Diogo Botelho, a sacerdotes, senhores de engenho, funcionários públicos, militares, estudantes, feitores, criados, escravos, etc. (MOTT, 1994, p. 07)

Para Mott (1994), mesmo com toda repressão exercida pela Igreja Católica através do exercício de poder veiculado pelo Tribunal Inquisitorial, as experiências homossexuais aconteceram em diversas latitudes no contexto do Brasil colonial. É interessante destacar que, durante o período imperial, no Brasil, nem a religião concedeu destaque às relações homoafetivas, menos ainda o Estado o fez. Mesmo assim, permaneceu grande tabu e forte preconceito em torno das relações homossexuais que, muitas vezes, significaram prisões e retaliações variadas, incluindo-se práticas de tortura e até a morte de seus respectivos praticantes.

---

<sup>17</sup> Sobre a atuação do Tribunal Inquisitorial em relação à homossexualidade no Brasil Colonial ver os trabalhos de Luiz Mott sobre a temática, tais como: MOTT, Luiz. **Escravidão, homossexualidade e demonologia**. São Paulo: Ícone, 1988.

Apenas no século XX, pós Primeira Guerra Mundial, é que a homossexualidade passou a configurar pauta no projeto de controle sociocultural do Estado brasileiro. As consecutivas urbanização e industrialização da nação brasileira, após a Primeira Guerra Mundial, tiveram grande impacto sobre as estruturas sociais brasileiras de um modo geral. A importação de alguns conceitos, bem como a incorporação de novos valores culturais, principalmente norte-americanos, modificaram profundamente os modos de falar, pensar e agir, principalmente, com relação ao sexo e à homossexualidade.

Segundo Green (1999), a partir de 1930, com a ascensão de Getúlio Vargas e suas “políticas modernizantes”, a sociedade vivenciou crescente intervenção dos médicos, juristas e criminologistas em questões sanitárias e socioculturais, que abrangiam desde a função feminina na família até a “problemática do homossexualismo”. As novas medidas de intervenção estatal no cenário sociocultural brasileiro foram intensificadas a partir de 1937 com a instauração do Estado Novo varguista. Momento em que passou a vigorar toda uma intensa política médico-legalista, onde os saberes científicos vão apontar uma série de medidas sanitárias, higienistas e moralizadoras a serem disciplinadas na sociedade brasileira do período.

Não apenas no Brasil, mas no mundo científico de um modo geral, a temática da homossexualidade “transgressora”, ligada à criminalidade, ganhava ênfase no período, inclusive com o surgimento de diferentes formas de tratamento médico, dentre as quais havia até as que prometiam uma “espécie de cura” para o “problema”. É o momento em que, no Brasil, iniciava-se todo um processo de policiamento, de controle, disciplina e coerção das práticas homossexuais em torno dos quadros sexuais da cultura tradicionalmente aceita: a heterossexualidade.

A partir da década de 1930, no Brasil, as intervenções médico-legais em relação à homossexualidade consolidaram-na como um “problema biológico”, uma “disfunção neurológica”, indicada como patologia, inclusive passível de diagnóstico e “solução” – cura. Surgiam, nesse contexto de desenvolvimento desses saberes médico-legais segregacionistas da homossexualidade, diferentes possíveis curas e procedimentos médicos: internações, tratamento por eletrochoque, etc.:

Em menos de duas décadas, a homossexualidade havia sido intensamente estudada e patologizada. Embora esse processo tenha se iniciado no fim do Séc. XIX, a consolidação do papel dos profissionais médico-legais sob a República Velha (1889-1930) diante do Estado facilitou a “mediação” do homossexual (GREEN, 1999, p. 140).

A partir do Estado Novo de Vargas (1937 – 1945), a homossexualidade passava a ser vista sob a ótica da criminalidade e combatida através de medidas coercitivas explícitas exercidas pelo aparelho de poder estatal. Além de intenso estudo, a medicina legal também realizou a segregação da homossexualidade no Brasil no período, pois a associou diretamente a premissa da doença e da delinquência.

Outro momento de grande incidência do exercício do poder de controle estatal sobre a homossexualidade verificado no Brasil, corresponde ao agenciamento militar realizado entre 1964 e 1985, quando: “as medidas repressivas tomadas pelos militares a fim de erradicar a subversão tiveram um efeito desalentador sobre a sociabilidade homossexual no Brasil; a polícia militar efetuava batidas e frequentes prisões de homossexuais” (GREEN, 1999, p. 396). A própria censura sobre a possibilidade de expressão, por si só, configurou-se enquanto poderoso mecanismo de exercício de poder de controle e repressão da homossexualidade no período da ditadura militar no Brasil.

No Brasil, somente com a Constituição de 1988 é que se processaram alguns “avanços” em relação à visão, aos discursos e aos direitos dos cidadãos homossexuais. Porém, as relações homossexuais permaneceram invisibilizadas até mesmo pela própria Constituição do país. Apenas com as reformas jurídicas e constitucionais dos últimos anos é que a homossexualidade ganhou relativo espaço e alguns direitos mínimos na sociedade brasileira. No entanto, essas reformas em torno de direitos homossexuais ainda gravitam, essencialmente, em torno do oficial e do legalizado, sendo que, muitas vezes, na prática a justiça, o Estado e seus respectivos instrumentos de poder acabam por não compreender e/ou tratar a temática homoafetiva como algo sério e/ou digno do devido respeito que demanda.

Não se nega que muito se avançou em relação aos direitos sociais e legais dos homossexuais no Brasil, inclusive, é o discurso jurídico-legal que está fazendo a diferença no processo de “democratização sexual”, mas se critica a forma com que a mídia, a sociedade e alguns órgãos e setores privados e estatais brasileiros vêm “amadurecendo a duras penas” nesse sentido. Por exemplo, O HEMOSC<sup>18</sup>, órgão governamental que

---

18 O HEMOSC – Centro de Hematologia e Hemoterapia de Santa Catarina não aceitava até recentemente a doação de sangue de sujeitos homossexuais, a partir da justificativa de os homossexuais virem a compor “grupo de risco”. Esse órgão governamental realiza processo de segregação explícita e difunde oficialmente conceitos preconceituosos sobre a homossexualidade; sendo que, através da exclusão, também realiza espécie de violência simbólica em relação a esse público que passa a ser oficialmente segregado. (Informações disponíveis em:

realizava até bem recentemente, a segregação explícita de sujeitos homossexuais em Santa Catarina, impedindo a doação de sangue por parte desse grupo através da argumentação de vir a ser um “grupo de risco”. Da mesma forma, ainda é muito comum ouvir noticiários referenciando negativamente à homossexualidade, e os crimes envolvendo situações de homofobia<sup>19</sup> ainda são bastante recorrentes no País.

É evidente que os últimos anos assistiram a uma criativa produção jurídica em torno da defesa da igualdade de direitos entre sujeitos hétero e homossexuais no contexto nacional. As reformas constitucionais legaram grandes avanços, como a legalização da união homossexual, por exemplo. Toda essa reconfiguração corresponde a uma grande transformação nas mentalidades, posturas e visões sobre a homossexualidade no Brasil. No entanto, muito há que se avançar para que se possa afirmar e vivenciar, se não uma democracia, ao menos um respeito identitário sexual no País.

Como se não bastasse, “vozes antigas” da religião e até da ciência insistem em propagar as mesmas concepções de desvio psíquico/fisiológico prescritas no século XIX. Parte da sociedade brasileira, em sua maioria associada à religião, atualmente, fomenta o preconceito e a exclusão dos sujeitos homossexuais, inclusive na tentativa de criação de leis cuja tônica é o preconceito, a segregação e a exclusão explícita do sujeito homossexual. A exemplo das tentativas realizadas pela bancada evangélica no Congresso Nacional, pela criação de leis permitindo procedimentos e tratamentos terapêuticos com objetivos de “cura” da homossexualidade – conhecida como “Lei da cura gay”. Uma tentativa bastante audaciosa e perigosa de oficializar a possibilidade de tratamento, de “superação” da homossexualidade; elemento que, por si só, já remete à ideia de que se trata de um “problema”, uma doença, passível de tratamento, cura – reiteração.

Nesse momento de “avanços e retrocessos”, essa pesquisa procura discutir aspectos da construção identitária da homossexualidade masculina em Chapecó, entre 1980 e 2010, como forma de compreender parte da dinâmica experienciada e expressa por esse grupo no campo social local, com intuito de compreender sua real dimensão na trama da História

---

<http://www.hemosc.org.br/> Acesso em: 27/11/2013)

<sup>19</sup> Segundo Borrillo (2010), o conceito de homofobia engloba o conjunto de emoções negativas como a aversão, o desprezo, o ódio e o medo às homossexualidades em geral. Em sua terminologia, a homofobia se caracteriza por “medo expresso por heterossexuais de estarem em presença de homossexuais” (JUNQUEIRA, 2007 apud BORRILLO, 2010, p. 7). O fator agravante e comparativo com relação a outros grupos que também sofrem discriminação no Brasil, é a ausência de proteção jurídica formalizada contra a homofobia, pois diferentemente do tratamento delegado à atitudes racistas, que são passivas de penalização, as atitudes homofóbicas não recebem a mesma atenção por parte do sistema jurídico-legal brasileiro.

local e ocidental, em sentido de desconstruir históricos e insidiosos discursos preconceituosos difundidos sobre o tema.

### 3 O CHAPECOENSE: A PRODUÇÃO DE SUJEITOS EM PERSPECTIVA

Esse capítulo procura discutir historicamente a construção social do sujeito masculino chapecoense. A partir da perspectiva da análise do discurso foucaultiana, são verificados como determinados dispositivos de exercício de poder disciplinarizador dos sujeitos e espaços foram sendo estabelecidos no sócio chapecoense ao longo de sua História. Procura-se compreender quais os tipos de sujeitos masculinos o dispositivo social chapecoense quis e quer produzir. A partir de uma análise institucional dos discursos – discursos enquanto mecanismos de poder<sup>20</sup> –, procura-se compreender como o dispositivo social chapecoense vai incidindo e influenciando na construção dos sujeitos subjetivos desse espaço e vice versa. Quer dizer, como vai se produzindo esse agenciamento coletivo das subjetividades e dos espaços de Chapecó ao longo de sua História.

Uma interpretação histórica de Chapecó, a partir de uma perspectiva mais subjetiva, requer a percepção de uma grande transformação desse espaço, sobretudo, em pelo menos dois grandes momentos: a partir de 1917, quando do início da colonização oficial até o “episódio do linchamento” de 1950; e a partir da década de 1960, quando se iniciou o desenvolvimento da economia agroindustrial na região. O advento das agroindústrias concedeu novos contornos à sociedade chapecoense, pois já na década de 1980 a cidade tornava-se centro político-comercial regional. De qualquer forma, o recorte de tempo (1980-2010) requer uma problematização do contexto histórico e social de Chapecó.

A cidade de Chapecó<sup>21</sup> localiza-se na região Oeste de Santa Catarina. Segundo Renk, a região que só passou a integrar oficialmente o território catarinense no início do século XX, “anteriormente, nos mapas constava como zona desconhecida, despovoada. Ora era o sertão nacional [...] ora era sinônimo de área inóspita e limítrofe (com fronteira internacional em disputa com a Argentina)” (RENK, 2004, p. 13). A região Oeste

---

<sup>20</sup> Os dispositivos/mecanismos de poder são descritos por Foucault (2004) como sendo os vetores, os veículos através dos quais os discursos do poder dominante exercem seus respectivos processos de agenciamento, controle e modelização dos desejos, sujeitos, identidades, etc.

<sup>21</sup> A Chapecó atual foi o município que deu origem às divisões que constituem as atuais microrregiões catarinenses – AMOSC/AMEOSC/AMAI. Em 25 de agosto de 1917, o governo estadual oficializou a criação dos municípios de Chapecó e Joaçaba. Segundo o IBGE, Chapecó possuía 14 mil km<sup>2</sup> de território quando de sua criação oficial, hoje, mediante os desmembramentos municipais, possui extensão de 624,3 km<sup>2</sup>, sendo o perímetro urbano em torno de 115 km<sup>2</sup>. Em 1917, Chapecó ia de Joaçaba até a fronteira com a Argentina. Chapecó – o Oeste catarinense – foi a última região a ser ocupada e colonizada em Santa Catarina. Disponível: ([http://chapeco.sc.gov.br/attachments/site\\_chapeco\\_dados/1/chapecoemdados-marco2012.pdf](http://chapeco.sc.gov.br/attachments/site_chapeco_dados/1/chapecoemdados-marco2012.pdf) Acessado em 14/032013)

catarinense, desde os períodos colonial e imperial, esteve impregnada por relações de poder e de domínio sobre sua área, como a “Questão de Palmas” e a “Guerra do Contestado”.

A Questão de Palmas, também conhecida como Questão das Missões, configurou-se como um conflito diplomático entre Brasil e Argentina entre os anos de 1881 e 1895. A contenda era que o governo argentino reivindicava os territórios situados no Oeste dos estados do Paraná e de Santa Catarina. O Barão do Rio Branco<sup>22</sup> foi o diplomata que manteve o território sobre hegemonia nacional.

A Guerra do Contestado (1912 – 1916) foi um conflito resultante das concessões de terra, cobranças de impostos, expulsão de sujeitos locais e questões religiosas. Os Caboclos viviam há bastante tempo na região, mas não possuíam a documentação da terra regularizando a posse do território que ocupavam. Por sua vez, os fazendeiros catarinenses e paranaenses queriam se apossar das terras do Oeste de Santa Catarina para expandir a produtividade:

A chamada “Guerra do Contestado” (1912-1916) é resultado de uma somatória de múltiplos fatores: além das concessões de terra, a cobrança de impostos, a penetração das relações capitalistas no campo, a expulsão de moradores da terra e questões messiânicas e religiosas. De um lado estavam os “caboclos” que viviam há um bom tempo na região – muitos sem documentação da terra que ocupavam; de outro, alguns fazendeiros interessados na expulsão dos “caboclos” da área e a companhia construtora da estrada de ferro São Paulo-Rio Grande *Brazil Railway Company*, que mantinha também uma grande indústria madeireira apoiados pelo exército e por milícias particulares. (SERPA, 1999, p. 76)

O processo de colonização oficial do Oeste catarinense foi implantado após o término da Guerra do Contestado, em 1916. A criação do município de Chapecó, em 25 de agosto de 1917, oficializou a cidade enquanto unidade política e administrativa e integrou a região Oeste ao território catarinense, pois ao término da Guerra do Contestado era necessário ocupar e desenvolver a região: o interesse em explorar o interior passou a ser incentivado pelo governo e pela iniciativa privada.

Diante da necessidade de ocupação e colonização efetiva da região, as autoridades da época, tanto estadual como federal, trabalharam juntamente com a colonização de iniciativa privada na venda e concessão de terras a imigrantes, principalmente, colonos descendentes de italianos e alemães, oriundos do Rio Grande do Sul. Esse modelo de

---

<sup>22</sup> Sobre a Questão de Palmas e a atuação do Barão do Rio Branco ver: HEINSFELD, Adelar. **A Questão de Palmas entre Brasil e Argentina e o início da colonização alemã no baixo do vale do Rio**. Joaçaba: UNOESC, 1996.

colonização oficial instituído tornou-se uma estratégia eficiente de ocupação e agenciamento desse espaço, tanto pelo setor privado, quer dizer, pelas empresas colonizadoras, como pelo setor público, sob a forma de incentivos, concessões e isenções governamentais.

O fato de o Oeste catarinense ser habitado por indígenas kaingang e guaranis e caboclos, produziu atritos nas relações com as colonizadoras e os colonos. Pois, como a ocupação e o desenvolvimento econômico dessas terras se processaram através das atividades extrativista – madeireira – e, posteriormente, agrícola e pecuária, geralmente, os grupos nativos foram forçados a deixar as terras em que viviam, para a instalação das famílias de colonos que, através das colonizadoras, tornavam-se detentoras da posse legal sobre a propriedade da terra.

Segundo Dimtruk (2006), o Oeste catarinense teria sido ocupado há cerca de 10.000 anos, quando das primeiras populações paleoíndias teriam penetrado o sul do país pela bacia do rio Paraná e seus afluentes: rio Uruguai e Iguazu. A população kaingang e guarani atual é de, aproximadamente, 25 mil pessoas, distribuídas em áreas diferentes, dispersas pelos estados de São Paulo, Paraná, Rio Grande do Sul e Santa Catarina. Os kaingang e guaranis compõem o quadro nativo regional do Oeste catarinense, porém seu número é bastante reduzido, se comparados ao período jesuítico ou mesmo anterior ao século XVII.

Os caboclos, por sua vez, viviam na região como mão de obra de fazendeiros, ervateiros e madeireiros. Em 1917, os caboclos eram a maioria da população, porém, desprovidos da posse legal necessária para manterem suas pequenas propriedades de terra, foram sendo expulsos de suas terras em prol da colonização. “Havia entre os caboclos de Chapecó, a respeito das terras, uma falsa concepção do que era posse: eles confundiram intrusamento com posse” (POLI, 2006, p. 165).

Em consequência desse processo de colonização oficial, o modo de vida caboclo e indígena viu-se profundamente abalado, pois seus costumes eram incompatíveis com a ideologia do progresso colonizatório que se instaurava a partir de 1917. Consequentemente, intensificaram-se as tensões entre nativos, caboclos e colonizadores, resultando em diversas formas de violência e na exclusão desses grupos despossuídos da posse legal da terra que ocupavam. Essas relações interétnicas permanecem tensas e conflituosas até os dias atuais, ocasionando diversas formas de exclusão, violência e preconceitos:

O caboclo sempre teve sua vida à margem de sociedade, servindo de mão de obra a fazendeiros, ervateiros e madeireiros. Embora representassem a maioria da população, os caboclos sempre foram despossuídos. Raramente conseguiam obter a propriedade de uma pequena párea de terra, para manterem suas pequenas roças caboclas. Internar-se, demasiadamente, pelo sertão acarretaria enormes dificuldades para a conservação de manufaturados básicos, como o sal, pimenta, querosene, temperos. Era necessário conseguir munição para a caça, fonte básica de alimentação [...] Na medida em que a colonização chegava, o caboclo ia internando-se cada vez mais [...] em busca de um local onde pudesse viver em paz. Permanecer em sua região poderia significar o despejo ou a miséria, pelos salários baixos ou pelo pagamento inadequado dado aos trabalhadores.” (POLI, 2006, p. 174)

Portanto, pensar que é recente a História de Chapecó, Oeste catarinense, que “iniciar-se-ia” a partir do século XX, quando do advento do processo de colonização oficial desse espaço, torna-se um grande equívoco. Como mencionado, é do conhecimento histórico a existência de outras formas de ocupação e desenvolvimento espacial e cultural bem anterior a esse processo – como é o caso das experiências das etnias nativas kaingang e guaranis, e também dos grupos caboclos.

A História de Chapecó é uma História que se consolida com processos de dominação, violência, exclusão e preconceitos. Uma História construída a partir dos agenciamentos coletivos em torno dos moldes e dos discursos dos grupos dominantes. Com anos de História documentada e também não documentada, disputas de terras, migrações, colonizações, desejos e contingências, Chapecó apresenta uma História permeada por ações de caráter cultural, político, social e econômico – geopolítico<sup>23</sup>.

Pode-se dizer que Chapecó passou por um processo de agenciamento, de invenção, pois até o período colonizatório oficial, incursionado a partir do início do século XX, era tida como região desconhecida. Ao se emancipar oficialmente do título de zona despovoada, Chapecó surge em meio a um processo de agenciamento desenvolvido pelo setor privado, associado ao poder público. De uma terra tida como desconhecida, habitada por indígenas e caboclos e não desenvolvida de acordo com os moldes socioeconômicos da utilidade e do progresso vigentes na época, Chapecó e o Oeste catarinense vão sendo produzidos sob o discurso do viés do progresso, da religião católica, da família tradicional, do trabalho dignificante e do enaltecimento da figura masculina heterossexual. Concepções

---

<sup>23</sup> A geopolítica se desenvolve a partir do início do século XX “como a fundamentação geográfica das linhas de ações políticas, que englobam necessariamente a noção de espaço [...] também o espaço das ideias e as várias concepções de mundo que são daí decorrentes” (HEINSFELD, 2008, p. 17). Desde as disputas – Contestado e Questão de Palmas – até os processos “de invenção” e “reinvenção” pelos quais Chapecó perpassou no seu processo colonizatório, configuram-se enquanto exercícios geopolíticos de agenciamento sócio espacial desse espaço.

trazidas para a região pelos colonos descendentes de italianos e alemães rio-grandenses através da ação colonizadora oficial.

As respectivas formas de ocupação e desenvolvimento social e econômico promovidas em Chapecó, a partir de 1917, devem ser associadas como fatores integrantes na composição das subjetividades coletivas locais, tanto do passado como do presente. Diversas formas de vida foram alteradas, transformadas, criadas e até destruídas nesse processo de invenção produzido pela colonização oficial. Para a população nativa – kaingang, guaranis – e caboclos, a colonização oficial representou uma transformação acentuada em suas formas de vida, pois se encontravam – assim como ainda se encontram – em situação de desvantagem no processo de enfrentamento a ser travado com a frente colonizadora, o que acabou favorecendo sua respectiva expropriação e segregação. “Os nativos passaram a ser vistos como indesejáveis pelo Estado; portanto, precisavam ser expulsos para que os colonos pudessem ocupar a terra e produzir” (RENK, 1990, p. 16).

Segundo Foucault (2006), os “discursos instituem verdades”. O fato de os discursos oficiais incidirem enaltecendo a cultura do colonizador, em detrimento das populações nativas, contribuiu para que a questão indígena permanecesse bastante delicada na região, sobretudo, em áreas rurais próximas a reservas indígenas. Além da expulsão, os povos indígenas e caboclos também foram marginalizados e segregados pela diferenciação nos valores, práticas e costumes que apresentam. Concepções utilitaristas de progresso e de desenvolvimento do colonizador se chocaram com valores mais comunitários e menos competitivos de subsistência dos grupos nativos. A expropriação territorial, socioeconômica e histórico-cultural – o agenciamento subjetivo material e imaterial – das populações indígenas e caboclas oestinas, engendrado pelo Estado, associado ao setor privado, através da instalação das empresas colonizadoras, estabeleceu o viés progressista/desenvolvimentista de ocupar, extrair e produzir na subjetividade coletiva chapecoense.

O discurso religioso, reflexo dessa perspectiva colonizatória oficial, também caracteriza-se enquanto grande dispositivo de poder disciplinarizador dos sujeitos oestinos, pois:

Foi um discurso que afetou a visão das gerações principalmente das gerações anteriores que influenciaram na minha constituição enquanto sujeito. Tu pega a minha vó, a minha mãe, o meu pai, professores de então, o discurso religioso estava muito intrincado principalmente em uma região como essa, que tem esse peso da religiosidade. Tudo gira em torno dessa questão da Igreja, a própria arquitetura da cidade se dá a partir disso. A Igreja é o centro então, você tem

lógico, uma influência grande. Nessa construção, como eu percebia de alguma forma a incoerência da divergência entre discurso e a prática que ocorria que não me afetava muito e eu fazia pra não me incomodar. (JOSÉ, 33 anos, p.12)

O relato de José\* revela que, embora a influência exercida pela religiosidade católica predominante na região não se caracterize enquanto elemento referencial direto em sua construção identitária homoafetiva, revelava-se enquanto grande dispositivo de poder atuante dentro de um outro dispositivo de poder: a “sagrada família”. Seu testemunho demonstra que, embora ele não tenha partilhado da influência dos discursos religiosos de um modo efetivo, os mesmos discursos tiveram um poder de influência na constituição das subjetividades do seu grupo familiar, que incidiram, por sua vez, em suas constituições identitárias.

O dispositivo religioso – católico – contribuiu para o agenciamento dos processos de invenção e reinvenção de Chapecó. A religião católica fomentou a positividade em torno do trabalho, do casamento com enfoque na procriação e na família tradicional, atuando diretamente nas configurações das subjetividades coletivas chapecoense em torno da tradição. O testemunho de Pedro\*, atesta o poder da religião enquanto potente instrumento de exercício de poder disciplinarizador do sujeito chapecoense em torno dos quadros gerais do próprio dispositivo familiar tradicional:

Meu pai foi seminarista oito anos, então tem um lado espiritualizado assim, muito maior. Acho que pela mãe ser de uma família mais católica, tradicional, onde as coisas não podiam ser assim diferentes, onde a história do nome, a história dos valores sociais tinham muito peso né. Porque infelizmente a mãe foi criada dentro de religião católica, dentro de um colégio interno. A mãe é da família Lunardi, então eles entram com toda essa história de tradição, desbravadores, então pra ela foi um pouco mais difícil, todas as minhas tias lá sabem obviamente né, imagina. Tudo bem tranquilo. Minha família é excelente, todos sabem, mas não tocam no assunto, nem eu imagina. (PEDRO, 44 anos, p. 03 – 04)

O discurso religioso e os valores católicos foram e são dominantes em Chapecó e praticamente toda a região. A família tradicional de Pedro\* não abre espaço para o diferente daquilo convencionalmente estabelecido, pois os valores socioeconômicos e político-culturais tradicionais são uma referência constitutiva da realidade, da identidade cultural de sua família. Além da supervalorização em torno da perspectiva da família tradicional, também o silenciamento relatado por Pedro\* em relação à sua homossexualidade, na verdade, revela muito: famílias tradicionais, como a de Pedro\*, tendem a silenciar, a “fazer vistas grossas” diante do não elaborado, não aceito.

Outro dispositivo de poder fortemente atuante nesse contexto colonizatório

corresponde ao papel desempenhado pelo discurso educacional no processo de agenciamento dos sujeitos chapecoenses. Com a colonização oficial, a educação em Chapecó passou a ser efetivada a partir dos moldes tradicionais de ensino, aprendizagem e respectivas reprodutibilidades de valores sociais católicos hegemônicos. A educação, atrelada ao discurso político e religioso, também colaborou na instrução direta dos ideários que se queriam e que se querem forjar nesse contexto.

Segregação e preconceito são marcas expressas também no contexto educacional engendrado em Chapecó. “Porque criança tá tudo ali, e ela é o espelho da família dela. Eu tinha colegas que se sentiam muito à vontade do meu lado, não eram gays, e tinham outros colegas que me batiam, eu apanhava” (MARCOS, 36 anos, p. 10). O que Marcos\* relata é a atuação insidiosa de dispositivos dentro de dispositivos. De modo semelhante ao relatado por Marcos\*, os preconceitos reproduzidos pelos colegas de Pedro\* são reflexos de suas respectivas relações familiares, forjadas, em grande parte, pela educação oriunda da religião católica. Desde as primeiras décadas de colonização oficial, além da Igreja e da família tradicionais, também a escola compôs dispositivo de modelização subjetiva e espacial do contexto sociocultural chapecoense. Mesmo que tenha sido uma educação para a moral espiritual católica e ordem civilista, foi o mecanismo que iniciou o processo de ensino, aprendizagem e constituição sociocultural em Chapecó nos moldes da cultura tradicional nacional-ocidental.

Além dos discursos religiosos, educacionais e familiares, também os discursos políticos colaboraram para com os outros discursos de poder, com objetivos que gravitavam em torno da construção de um sujeito masculino heterossexual<sup>24</sup> e de um espaço voltado para o progresso e desenvolvimento socioeconômico:

Expressões como “progresso e desenvolvimento”, base da política de colonização oficial, foram introduzidas no discurso das lideranças vinculadas às empresas colonizadoras, que justificavam sua identidade local e regional a partir de um conjunto valorativo relacionado ao “trabalho”, “à luta” e ao “sacrifício”. Um discurso regional passou a ser construído, tendo como base o mito do

---

<sup>24</sup> A discussão em torno do conceito de “masculinidade hegemônica” tem influenciado estudos de gênero. Segundo teóricos *queer*, como Richard Miskolc e Eronides Araujo, o conceito de “masculinidade hegemônica” corresponde ao ideário da reprodução histórico-social, que compôs o estereótipo da heterossexualidade enquanto forma masculina reconhecidamente dominante. Hoje, as ciências, sobretudo as humanas e/ou sociais, criticam a veementemente a “ditadura da heterossexualidade”, imposta pelo ideário da “masculinidade hegemônica”, tanto no que tange ao gênero masculino, quanto ao feminino, em prol da ideia de masculinidades múltiplas, indicando possibilidades de movimento em direção à democracia de gênero.

pioneirismo/desbravador que “faz com as próprias mãos” A Igreja Católica também se aliou ao Estado neste projeto desenvolvimentista. [...] As imagens construídas sobre a região não eram neutras. Elas “produziam estratégias e práticas” que serviam para impor e legitimar os projetos do grupo dominante que estava na base da legitimação do projeto de ocupação regional. (HASS, 2003, p. 18 – 19)

Os discursos das elites políticas controladoras do poder local implementaram diferentes processos de agenciamento, concomitantes, por sua vez, aos seus interesses político-econômicos em jogo. O trabalho foi um grande mecanismo de diferenciação e de disciplinarização dos sujeitos dessa Chapecó inventada, que se ia forjando pelos moldes da colonização oficial. Enquanto elemento necessário ao desenvolvimento econômico, o trabalho vai se tornando fator de distinção social mediante o status do progresso econômico que produzia.

As concepções de trabalho indígenas e caboclas não se encaixavam nos ditames do status do progresso daquele momento (1917 – 1950), nem mesmo do atual. Os sujeitos que não se encaixavam no processo social que se instaurava eram segregados. A segregação dos grupos kaingang, guaranis e caboclos pelo processo de colonização oficial, está relacionada aos dispositivos de poder forjados para o sucesso do agenciamento coletivo desse espaço e sua população, em torno do “trabalho dignificante” e da família tradicional.

O enaltecimento do trabalho, promovido pela colonização oficial, também está associado à necessidade de se ocupar e produzir; extrair e transportar a madeira, pois “abrir” os campos para agricultura e pecuária era tarefa árdua para a tecnologia disponível na Região. A partir do ideário de que o “trabalho dignifica o homem”, a ideia de progresso e desenvolvimento passou a compor a política oficial de colonização. A família tradicional, a educação cívica, a religiosidade católica e a positividade em torno do trabalho e do progresso econômico são dispositivos de agenciamento subjetivo presentes na sociedade chapecoense desde o início do projeto oficial de colonização.

O entrevistado Pedro\* revela o caráter de positividade em torno do trabalho difundido pelos discursos dominantes e incorporado pela sociedade chapecoense, pois relata a importância do trabalho enquanto dispositivo de disciplinarização social: “[...] nos anos 1960, 1970, 1980 ele fazia de tudo. Ele era um bom médico, ele era respeitado, e ele era rico né, então as pessoas aceitavam tranquilamente.” (PEDRO, 44 anos, p. 04) O médico, o profissional bem sucedido, com condição socioeconômica favorecida, podia vivenciar até mesmo sua homossexualidade num contexto de extrema valorização da heterossexualidade e da família tradicional, pois o dispositivo financeiro o possibilitava.

O testemunho de Pedro\* revela que é o trabalho e a condição socioeconômica que desempenham o papel de reais dispositivos de poder, que realmente realizam a disciplinarização do que se pode e do que não se pode fazer na Chapecó, sobretudo, do período pós-linchamento. Os discursos forjavam um sujeito trabalhador, bem sucedido, educado, estrito, masculino; até a “dissidência” (homossexualidade) era “compensada” pela ideia do enaltecimento do trabalho e do status socioeconômico como vetor de poder distintivo social.

O discurso de enaltecimento do trabalho como “dignificante” demonstrou-se efetivo dispositivo de poder. A ocupação de Chapecó se deu em meio à relações de trabalho em torno de disputas pelo poder e posse física e legal dessas terras. Tanto as colonizadoras, como os colonos que compraram as terras, precisaram negociar ou expulsar os nativos indígenas kaingang e guaranis, bem como os caboclos, para extrair a madeira e desenvolver atividades agrícolas e pecuárias nas terras que adquiriam. Trabalho pesado e tensões entre colonos, indígenas e caboclos configuraram uma subjetividade local, marcada pela luta física e pela violência explícita:

Durante a Primeira República, na política chapecoense, a concentração econômica e a ligação com o governo estadual favoreceram o estabelecimento de um forte mandonismo local. Nesse período, a violência, frequentemente armada, era um dos principais instrumentos de dominação oligárquica. A violência acompanha a história do Oeste Catarinense. Toda ocupação de espaços implica conflitos que giram em torno dos diferentes interesses dos grupos existentes e não foi diferente nessa região. Ela foi marcada por conflitos políticos, étnicos, econômicos e disputas de fronteiras, levando à construção de um imaginário social que remetia à uma região violenta. (HASS, 2003, p. 17)

O trabalho pesado, associado a concepções cristãs clássicas de sacrifício e redenção, foi configurando uma subjetividade coletiva voltada para o progresso econômico. A força, muitas vezes expressa sob a forma de violência explícita, configurava elementos expressos pelas subjetividades locais. O gênero masculino heterossexual, dominante em todas as esferas da vida regional, foi se consolidando atravessado por esse ideário de disciplina e positividade em torno do trabalho pesado, do casamento, da procriação, rumo ao progresso. Isso porque o objetivo dos grupos dominantes da Chapecó até a década de 1950 era definir o gênero masculino como sinônimo de trabalho, de força bruta e de coragem. A rusticidade das ações associadas ao poder de mando dos fazendeiros e das elites políticas configurou uma subjetividade e uma realidade de medo e violência em Chapecó no período.

O fato de a população letrada chapecoense ser quase rarefeita, até a década de 1960, fez com que o poder das elites locais se mantivesse solidificado na ignorância e na fragilidade do povo. Em Chapecó, o exercício do poder, através do mando e da violência explícita, era recorrente até, pelo menos, a década de 1960, sendo que muitos aspectos demonstrados pelas elites políticas dominantes locais se assemelharam a características do coronelismo brasileiro:

Na localidade o coronel representava seus interesses através do mando, da imposição e até da violência, em um contexto mais amplo (no governo), representava os interesses de uma classe maior: a burguesia agrária desejosa pelo poder e pela consagração de seus interesses políticos e econômicos. O coronelismo foi uma forma de poder político brasileiro que surgiu na Colônia, se consolidou durante o Império e floresceu durante a República. Na ordem social, o coronel surge como espécie de elemento socioeconômico polarizador que servia de referência para se reconhecer a distribuição dos sujeitos no espaço social brasileiro. (JANOTTI, 2000, p. 172)

A ascendência econômica, política e social dos colonos imigrantes na região legaram grande poder de mando aos colonos que passaram a agir como “coronéis regionais”, atuando em todas as áreas da vida chapecoense, uma vez que, possuíam poder sobre a terra, sobre a lei, sobre a religião, sobre a educação, enfim, sobre tudo e todos:

O poder chapecoense, desde a criação do município, em 1917, até por volta da metade da década de 1950, caracterizou-se por um forte mandonismo local, que se identifica com aspectos do coronelismo brasileiro. O poder político do município, durante esse período, esteve na maior parte do tempo nas mãos dos coronéis ou de pessoas ligadas a eles. A sua dominação tinha por base a supremacia econômica e os laços de dependência. A estrutura de dominação e as formas de controle social faziam parte de toda uma cultura social e política resultante das relações de poder da época, em que o público e o privado eram complementares. (HASS, 2003, p. 27)

O poder de mando das elites locais, com seus fortes traços coronelísticos, fica evidenciado em Chapecó na consagração da figura do Coronel Ernesto Bertaso<sup>25</sup> como grande fundador da cidade. O Coronel Bertaso foi uma figura representativa do poder de agenciamento explícito do colonizador sobre o espaço e população chapecoense, ao longo de sua História:

---

<sup>25</sup> O Coronel Ernesto Bertaso adquiriu destaque social em Chapecó, mediante o poder político e econômico de que ele e sua família dispunham. A Colonizadora Bertaso prosperou com a venda das terras de Chapecó e oeste catarinense para os colonos rio-grandenses. O grande monumento histórico que encontra-se na Praça Central de Chapecó é uma estátua do Coronel Ernesto Bertaso. Sobre a influência do coronel Ernesto Bertaso ver também: STANGA, Cibele. **Empresa Bertaso:** fomentar o desenvolvimento em Chapecó. Monografia de Conclusão do Curso de Graduação em História: Unochapecó, 2004.

A dominação política dos Bertaso tinha como base o prestígio que possuíam junto ao governador estadual e a população local, bem como seu poder econômico [...] no oeste catarinense, o Coronel Ernesto Bertaso era um colonizador que utilizava a maior parte de suas terras para comercialização, existindo uma relação de paternalismo entre ele e os imigrantes que incentivou a explorar a região. Na verdade, os colonos, apesar de serem donos de suas terras, acabam subordinados a uma classe possuidora, legitimando sua ação política. Vários autores [...] admitem que o coronel não é necessariamente um latifundiário. A simples posse de fortuna é o principal requisito para o mandonismo local. A estrutura coronelística de uma região é profundamente influenciada pela própria estrutura socioeconômica dominante. (HASS, 2002, p. 35 – 36)

Exercendo poder sobre o local social e pessoal, além de controle sobre territórios e processos econômicos, os outrora colonos imigrantes gaúchos, agora fazendeiros detentores do poder local, passavam a investir seus interesses na própria dominação política e social do que vem hoje a ser Chapecó. Essa elite dominante passou a organizar a sociedade, a economia, a religiosidade, a educação, a política, a cultura locais com o intuito de agenciar, tanto esse espaço físico, como também as mentalidades que o iam constituindo.

Segundo Werlang (2002), a primeira grande estratégia de agenciamento econômico da região foi a extração da madeira. Como ainda não existiam muitos recursos de transporte, a madeira extraída era transportada sob a forma de balsas através do Rio Uruguai. Além de extremamente lucrativa, a extração da madeira também possibilitou o desenvolvimento da agricultura e da pecuária, pois abriu os campos para o pasto e para o plantio de gêneros variados. “A atividade madeireira, com atuação das serrarias, destacou-se entre as atividades industriais de Chapecó. Foi a principal atividade econômica até a década de 1940” (HASS, 2003, p. 53).

Com as atividades madeireira, agrícola e pecuária iniciou-se importante etapa na construção do Oeste catarinense e na formação efetiva do povoado que vem a ser a cidade de Chapecó hoje. É interessante observar que o recenseamento de 1920 apresentou uma população de pouco mais de onze mil habitantes esparsamente distribuídos pela Região Oeste de Santa Catarina inteira. Quarenta anos mais tarde, já na década de 1960, Chapecó apresenta um elevado crescimento decorrente das lucrativas atividades madeireira e agropecuária: 52.089 habitantes; 16.668 na área urbana (32%) e 35.421 na zona rural (68%).<sup>26</sup>

---

26 Disponível em:

Segundo Hass (2003),

Na cidade, os chapecoenses aparentemente levavam uma vida calma e tranquila. Sem pressa, tomavam seu costumeiro chimarrão, enquanto fumavam seus cigarros de palha e “proseavam” na porta das lojas e botecos, com sua linguagem um tanto pitoresca. Mas, de vez em quando, a rotina do povoado mudava com os tiros de casos “mal resolvidos” atravessando-se pelas esquinas. Algumas brigas aconteciam nas festas, nos bailes e nas carreiras de cavalo [...] todos andavam armados e até mesmo uma discussão por causa de uma simples aposta poderia acabar mal. (HASS, 2003, p. 55)

Chapecó, até a década de 1950, era um povoado que se constituía em torno da violência explícita, da positividade do trabalho, da religiosidade católica, de tradições e costumes, como o casamento heterossexual e a família tradicional, valores remanescentes da cultura italiana trazidos pelos colonos rio-grandenses, no processo de colonização oficial engendrado a partir de 1917. Porém, essa realidade progressista apresentava contradições do próprio processo de colonização oficial estabelecido: a violência explícita produzida pelos conflitos em torno da ocupação das terras que vem a ser hoje Chapecó, acabou sendo, muitas vezes, a forma de enfrentamentos sociais, políticos, econômicos e culturais entre os elementos da população local. Não eram raros atritos tidos como “coisa simples” serem resolvidos “no facão ou na bala”.

As próprias atividades econômicas também acabavam refletindo, de certa maneira, nas demais ações engendradas pelos sujeitos em suas experiências e relações, tanto singulares, como sociais. Derrubar as árvores nativas para extrair a madeira, “abrindo picada”, não era tarefa fácil. A própria agricultura e a agropecuária eram empreitadas bastante dispendiosas, que consumiam energia e “endureciam” a subjetividade dos sujeitos que se ocupavam de tais tarefas (a grande maioria homens). Por essa razão também, o Oeste catarinense foi uma sociedade produzida e dominada por homens, numa perspectiva de masculinidade constituída e inventada em torno da força física, da rusticidade subjetiva e do poder de mando masculino sobre as terras, sobre a família e sobre a comunidade.

No entanto, tudo se transformou, por assim dizer, pois em 1950:

Os incêndios tornaram-se frequentes no povoado e acabaram fazendo parte da vida da comunidade. [...] Feitas de madeira facilitavam o incêndio pra dos proprietários que recebiam o seguro e construía uma de tijolo, já que a indústria da olaria despontava com toda força. Os incêndios eram tantos que os moradores da cidade apostavam qual a próxima casa que “pegaria fogo”. E eles continuaram a acontecer, até com maior intensidade, depois do linchamento, em

outubro de 1950, de uma “quadrilha de incendiários” que se acreditava andar pelo povoado. (HASS, 2003, p. 56)

Em 1950, diversos incêndios, incluindo a queima da Igreja matriz, produziram uma esfera de tensão e medo entre os cidadãos chapecoenses. Segundo Hass (2003), as investigações culpabilizaram quatro imigrantes do Rio Grande do Sul, então em Chapecó. Após julgamento, a comunidade decidiu pela condenação e morte dos acusados. Mortos por espancamento coletivo, em praça pública os acusados foram esquartejados e queimados. Esse “episódio” tornou-se capa e nove páginas de matéria na revista de circulação nacional *Cruzeiro*.

O “episódio do linchamento”, ocorrido em Chapecó no ano de 1950, repercutiu de forma extremamente negativa em âmbito nacional e até internacional, pois o “linchamento foi divulgado pelo Jornal *Le Soir*, de Bruxelas, na Bélgica, em 26 de outubro de 1950. Além disso, de acordo com o jornal *O Nacional*, de Passo Fundo (RS), foi noticiado também na rede de televisão BBC, de Londres” (HASS, 2003, p. 16).

A péssima repercussão sobre o “episódio do linchamento” em esfera local, estadual, nacional e até internacional passou a preocupar as elites dirigentes da política, economia e sociedade chapecoense, produzindo o início de um processo de reinvenção do espaço citadino e, conseqüentemente, dos próprios habitantes de Chapecó. A ideia de transformar positivamente a imagem profundamente deteriorada sobre Chapecó e Oeste catarinense, que se constituiu a partir da negatividade em torno do “linchamento”, produziu um processo de reinvenção desse espaço e de seus sujeitos, sobretudo em torno dos discursos sobre o gênero masculino, uma vez que, eram os dirigentes do poder socioeconômico e político-social no período.

Esse processo de reinvenção de Chapecó e seus respectivos componentes surgem como reflexo da necessidade identificada pela elite econômica e política de se transformar positivamente a imagem de uma sociedade então considerada bárbara e incivilizada, capaz de atrocidades como o “linchamento” de 1950. Transformar e civilizar o espaço a partir dos sujeitos que compunham esse local se tornava necessário para limpar a imagem deteriorada dessa sociedade. Os discursos oficiais passaram a requerer uma “nova” Chapecó, mais ordenada e configurada nos moldes que se estabeleciam; educação, festas e bailes para polir as práticas e costumes das elites dirigentes da sociedade local. A reinvenção do espaço foi acompanhada e produzida pela reinvenção dos discursos, das práticas, dos costumes e dos gêneros masculino e feminino.

Segundo Hass (2003),

A elite local estava à rente dos grandes acontecimentos sociais da comunidade e era responsável pelas promoções de caráter político, esportivo religioso e cultural. Além de ocupar os postos estratégicos da estrutura social, monopolizando a direção dos órgãos públicos estaduais, federais e municipais, das entidades de assistência social e das associações de classe, através dos quais decidia os assuntos importantes da comunidade, a elite promovia bailes, festas sociais, religiosas e cívicas. [...] Nas festas de gala as mulheres ia de longo. Os homens só podiam entrar no salão usando gravata e deixando a arma no balcão da entrada. (HASS, 2003, p. 57)

A partir das décadas de 1950 e 1960, Chapecó experimentou novo processo de invenção e passou a ser pensada a partir de um ideal de disciplina e civilidade. Todo um procedimento educativo e civilista passou a ser empreendido nas vidas dos chapecoenses. O poder local, através dos dispositivos de poder – principalmente os discursos da educação e da religião –, vai delimitando linhas mais tênues e civilizadas a serem percorridas pelos sujeitos nesse “novo contexto oestino” que se queria fabricar.

A força física, a truculência e a rusticidade, características atribuídas ao gênero masculino dos primeiros tempos de colonização, foram sendo lentamente substituídas pela astúcia e “elegância do cidadão”. Na década de 1950, além de uma nova Igreja matriz, Chapecó “ganhava novos ares”, por assim dizer, pois o objetivo dos dominantes era empreender um projeto efetivo de urbanização e de educação civil, no sentido de projetar Chapecó enquanto sociedade progressista e civilizada nos moldes que se instituíam tanto no Brasil, como no próprio Ocidente do período supracitado.

Segundo Foucault (2008), os discursos são dispositivos que visam disciplinar, são agentes da disciplinarização das subjetividades. Os discursos disciplinantes, enquanto dispositivos de poder, foram determinantes para a consolidação de ideais e ideais em torno de como deveria vir a ser os sujeitos que deveriam ocupar Chapecó, desenvolvê-la e transformá-la. Para Foucault, “a disciplina faz “funcionar” um poder relacional que se auto sustenta por seus próprios mecanismos e substitui o brilho das manifestações pelo jogo ininterrupto dos olhares calculados” (FOUCAULT, 2008, p.148).

Chapecó e seus respectivos atores perpassaram, em diferentes períodos, intensos processos de agenciamento, controle, domínio e disciplinarização de suas respectivas condutas. Os processos de invenção e de reinvenção de Chapecó e de seus sujeitos, desde a colonização oficial, demonstram a forma maleável, elástica e mutável com que os discursos forjados pelos dispositivos de exercício de poder – religião, trabalho, família e

ideologia – atravessam, incidem e forjam as subjetividades individuais num contexto coletivo.

Segundo Foucault (2006), o poder nas sociedades modernas se encontra diluído, por assim dizer, em múltiplas e variadas latitudes, longitudes e intensidades; o poder se invisibiliza em correlações de agenciamentos representadas por grandes corporações econômicas, religiosas, políticas, ideológicas, culturais, midiáticas, etc. Em Chapecó, a partir da década de 1960, o discurso da disciplina civilizatória passa a ser utilizado enquanto dispositivo de agenciamento de poder em sentido de disciplinar os comportamentos, as condutas, os desejos e suas respectivas formas de expressividade:

A disciplina faz crescer a habilidade de cada um, coordena essas habilidades, acelera os movimentos [...] sem deixar de ser uma maneira de fazer respeitar os regulamentos e as autoridades [...] tende a fazer crescer as aptidões, as velocidades, os rendimentos e portanto os lucros; ela continua a moralizar as condutas [...] modela os comportamentos e faz os corpos entrar numa máquina, as forças numa economia. (FOUCAULT, 2006, p. 173 – 174)

O processo de agenciamento produzido pela utilização do discurso da disciplina enquanto dispositivo de poder, desenvolvido na sociedade de Chapecó da década de 1960 e 1980, passou a forjar a inscrição de uma subjetividade masculina civilista, um “novo” devir homem, mais educado, mais “polido” e mais civilizado:

No momento em que vários temas, conceitos e enunciados em torno da constituição do ideal de trabalho e da tentativa de construção de novos modelos de masculinidade são agenciados no contexto da construção da Região Oeste Catarinense nos anos 1950 e 1960, figura, simultaneamente, um conjunto de discursos e ações voltados à valorização e necessidade da educação. Esses discursos e ações em prol da educação fazem parte dessa série de investimentos que apontam para a tentativa de constituição de um novo homem no Oeste Catarinense. (VOJNIAK, 2004, p. 78)

A educação enquanto discurso civilizatório, passa a instaurar importante exercício de poder no processo de agenciamento subjetivo do ideal de masculinidade pretendido para os sujeitos do Oeste catarinense. Os diversos discursos (religioso, político, jornalístico, etc.) convergiram para um discurso educativo e civilista forjado para a construção de um ideário masculino menos rústico e violento, característico dos primeiros tempos de colonização, quando a força bruta e a violência eram utilizados como dispositivos de poder na efetivação da conquista das terras oestinas, em prol de um sujeito masculino mais educado em moldes mais “civilizados”, de acordo com as novas conjunturas sócio produtivas que se consolidavam.

Os novos discursos estabeleciam que o novo homem do Oeste catarinense deveria ser associado à masculinidade, mas não à masculinidade bruta, rústica, tosca e violenta dos tempos iniciais de colonização oficial, e sim a uma estética da masculinidade mais relacionada à firmeza, desenvolvimento e visão empreendedora. Mesmo com o processo de reinvenção de Chapecó e seus componentes, a partir da década de 1960, a ideia de sexo e homossexualidade permaneceu mantida sob o véu do discurso moral da Igreja católica dominante. Os discursos em torno da heterossexualidade, do casamento, da procriação e do trabalho eram os objetivos consagrados como ideais para os sujeitos chapecoenses, tanto para homens, como também para mulheres:

O período que compreende os anos 1950 e 1960 é o momento em que essa mudança comportamental e de sensibilidade masculina fica mais visível no discurso da construção da Região Oeste Catarinense e do seu progresso, mas também no discurso que tematiza o próprio comportamento masculino, neste caso, muito mais visível nos jornais locais. O homem macho, corajoso, possuidor de uma moral da desforra e que respondia ao inimigo e às “intempéries” da vida através da força, dará lugar, nestes discursos, ao “homem viril”, progressista, pragmático, objetivo, racional, mais nobre, possuidor de um *ethos* do trabalho e da ordem e de uma polidez da civilização, sintonizado com a modernidade e com o progresso que se apresenta ou que se produz nos próprios discursos. (VOJNIAK, 2004, p. 70)

A ideia de masculinidade se transforma, significativamente, ao longo dos processos de invenção e reinvenção de Chapecó. De um modelo forte e rústico de homem, os discursos, a partir da década de 1950, vão estabelecer a educação e a competência como elementos nobres e distintivos do novo cidadão chapecoense. Junto ao estabelecimento dos processos de invenção e reinvenção de Chapecó se processaram respectivas recriações do próprio ideal de gênero masculino. A força e a violência representadas nos primeiros tempos do processo de colonização oficial configuravam elementos expressos para definir o gênero masculino como sinônimo de força bruta, de rusticidade.

A partir do desenrolar da década de 1960, intensificando-se nas décadas subsequentes, a imagem que se pretende constituir em torno do gênero masculino chapecoense ganha um caráter de austeridade e civilidade:

Juntamente com esse engajamento das elites locais em torno do progresso, com os investimentos em industrialização, com o deslocamento dos interesses políticos – ainda que com certas restrições – intensifica-se um discurso de normatização e reorganização de condutas, sobretudo masculinas. As mudanças socioeconômicas estão também ligadas a mudanças comportamentais. Os homens agora precisam absorver uma “personalidade altiva”, “mais nobre”, com uma visão progressista, não obstante, mantendo-se como provedores e chefes de família, enquanto que a mulher é convocada a “assumir o seu papel” como o

“anjo do lar, a base da família, sonhadora, aquela que sabe silenciar”. (VOJNIAK, 2004, p. 67)

Esse processo de civilizar e educar a sociedade para a civilidade, implementado pelas elites políticas, através dos discursos religiosos, ideológicos e educativos, incorporado pela sociedade chapecoense a partir da década de 1960, surge tanto como necessidade de se transformar uma imagem profundamente deteriorada que se configurou sobre esse espaço, mediante o “linchamento”, como também, em relação às novas configurações socioeconômicas agroindustriais que se estabeleciam.

A realidade agroindustrial exigia uma subjetividade masculina mais racional, educada e treinada para a continuidade do progresso a partir do trabalho organizado. Os novos “homens de negócio” precisavam de educação, astúcia e agilidade para gestarem a economia, a família, a cidade e a sociedade. Da mesma maneira, a própria realidade do trabalho agroindustrial exigia um sujeito mais sociável e disciplinado para as novas relações de trabalho e consumo que se estabeleciam. As mulheres permaneceram, no geral, relegadas a poucas possibilidades de expressão, geralmente associadas a questões materno-matrimoniais até pelo menos a década de 1990.

A necessidade era modificar a perspectiva que definia um “velho oeste” como um lugar incivilizado e permeado pela “ação irracional de bárbaros e ignorantes”. Para tanto, precisava-se “iluminar a inteligência e educar a afetividade” dos “homens de bem” que deveriam ser cristãos, trabalhadores honestos e, acima de tudo, heterossexuais. Era necessário, logo após nominar e adonar essa terra de ninguém, especificar linhas mais definidas de civilidade e bom comportamento para seus distintos habitantes. Segundo Vojniak (2004),

Percebemos dentro de uma perspectiva histórica, o quanto as questões concernentes à identidade masculina fazem parte de um processo complexo em que estão inseridas rupturas, reorganizações e ressignificações. Ao mesmo tempo em que uma série de discursos pressupõe uma mudança de sensibilidade entre os homens, na qual o velho dá lugar ao novo, o coronel é substituído pelo “homem moderno” e a “incivilidade” é atropelada pelo “progresso”, alguns princípios são retomados. Novos homens ocupam importantes postos políticos e econômicos na Região e investem em educação, divulgam novos hábitos, costumes e novas formas de sociabilidade, mas, em parte, parecem conservar “antigas posturas”. (VOJNIAK, 2004, p. 111)

Não apenas os espaços, mas as sociabilidades e também as “gentes” incorporaram um processo de sofisticação e reabilitação de suas próprias condutas. Entre as décadas de 1960 e 1990, há todo um discurso em prol de um procedimento educativo e civilista,

discretamente circunscrito nas vidas dos chapecoenses. Discursos enquanto dispositivos, como: da religião, da educação, da saúde, do trabalho, da família, da heterossexualidade e do casamento – sempre reconfigurando-se –, foram utilizados como formas de se forjar as subjetividades chapecoenses ao longo de sua História. Uma concepção de educação e de constituição cristã-patriarcal moralizante tornou-se o ideal sonhado pela elite político-econômica dominante e posto em prática de modo mais universalizante em Chapecó, desde a década de 1960.

A partir da década de 1960, não é mais necessário expulsar violentamente indígenas e caboclos das terras que os sustentaram por gerações, também não é mais necessário derrubar as grandes árvores para extrair a madeira e abrir os campos para o plantio e para a criação de animais. Não foram somente os negativos discursos em torno do “linchamento” que produziram esse processo de reinvenção de Chapecó e seus sujeitos sociais; mais provavelmente, esse triste episódio tenha sido a grande alavanca dessa reconfiguração sociocultural de Chapecó em torno de aspectos de educação e civilidade mais “polidos”, por assim dizer.

Na realidade, a própria dinâmica econômica que surgia exigia esse polimento dos comportamentos, essa disciplinarização das condutas, essa educação para o convívio social, tendo em vista a emergência das agroindústrias no período. As novas configurações em torno do trabalho agroindustrial passam a exigir maior delicadeza nas novas relações sociais de consumo e produção que se estabeleciam. “Coincidentemente”, ao passo que Chapecó esforçava-se para transformar a imagem e respectivos discursos, profundamente deteriorados, que se instauraram sobre seu espaço e população, mediante a negativa repercussão do “episódio do linchamento”, iniciava-se o desenvolvimento das primeiras agroindústrias no final da década de 1960, com suas respectivas exigências produtivas e socioculturais.

O desenvolvimento da agroindústria, a partir dos anos de 1960, 1970 e 1980, transformou Chapecó em centro político-administrativo-comercial regional, pois, paulatinamente, a mecanização da agricultura e emergência da atividade agroindustrial, transfigurou muitos camponeses em operários, e agricultores em empresários, A atividade agroindustrial acabou acelerando profundamente a urbanização de Chapecó, tal como mostra a tabela abaixo:

ANO	HABITANTES	URBANA	%	RURAL	%
1960	52.089	16.668	32%	35.421	68%
1970	49.865	20.275	41%	29.590	59%
1980	83.768	55.269	66%	28.499	34%
1991	123.050	96.751	76%	26.299	21%
2000	146.967	134.592	91,5%	12.375	8,4%
2007	169.803	153.443	93%	11.549	7%
2008	171.789	159.763	93%	12.026	7%
2008	179.073	156.538	93%	12.535	7%
2009	174.187	161.994	93%	12.253	7%
2010	183.530	168.113	91%	15.417	8,3%
2011	186.337	_____	_____	_____	_____

População urbana e rural de Chapecó 1960 – 2011 (Fonte: IBGE<sup>27</sup>).

Entre as décadas de 1960 e 2010, Chapecó vivenciou os reflexos de uma crescente e intensa urbanização decorrente do desenvolvimento agroindustrial, o que ocasionou o acentuado o êxodo rural entre as décadas de 1970 e 1990. Conforme é possível observar na Tabela acima, uma grande inversão na ordem cultural, demográfica, econômica, social, urbana e rural se processava entre as décadas de 1960 e 1990 no contexto de Chapecó.

Nota-se que, segundo o também mecanismo de controle – Tabela extraída dos dados oficiais disponibilizados pelo dispositivo de controle estatal IBGE – Chapecó possuía pouco mais de 50 mil habitantes na década de 1960, dos quais 68% viviam na zona rural e apenas 32% no perímetro urbano. Cerca de trinta anos depois, na década de 1990, o quadro se altera drasticamente: mais de 123 mil habitantes, sendo que apenas 21% viviam no campo e mais de 76% habitavam o espaço urbano do Município. A tendência urbanizadora atravessa a década de 1990, sendo que a década de 2001 apresenta certa estabilização, uma vez que, 93% da população passa a integrar o perímetro urbano, e apenas 7% permanece no campo.

Segundo Alba (2002), Chapecó emerge como grande centro político-econômico do

<sup>27</sup> Disponível em: IBGE – DPE. Coord. de Pop. e Indicadores Sociais – COPIS. Estimativas da população residente. Acesso em 22/05/2013 Acessado em 12/03/2013.

Oeste catarinense com o advento do desenvolvimento das agroindústrias a partir da década de 1960. O progresso agroindustrial se configurou como um dos principais agentes responsáveis pela formação e transformação do espaço urbano do município de Chapecó. É necessário também considerar todo esse movimento de transformações sócio-urbano-industriais, sobretudo das décadas de 1960 e 1990, como contributivos às ideias de educação técnica e polimento social que convergiram e se associaram às novas configurações de poder e trabalho na reinvenção de Chapecó:

Além dessas políticas de fortalecimento da base produtiva de Chapecó e região, podemos perceber a presença marcante do Estado, nas demais infraestruturas (rurais e urbanas) como eletrificação, aberturas e pavimentação de rodovias e estradas, canalização e tratamento de água, esgoto, telefonia, etc. Nestes aspectos, a Secretaria dos Negócios do Oeste teve participação fundamental. (ALBA, 2002, p. 55)

Esse contexto de mudanças sócio espaciais é interpretado como parte integrante dos processos de serialização e modelização subjetivas pelas quais os sujeitos chapecoenses e oestinos perpassaram e que ainda sentem de algum modo. As transformações produzidas pela colonização oficial, com seus processos de seleção de um modo de vida (colonizadores) em detrimento da exclusão de outros (kaingang, guaranis e caboclos) e as novas configurações de educação e civilidade pós-linchamento e industrialização constituem a Chapecó, tanto do passado, como também do presente.

Nota-se que, em todos os processos de agenciamento, engendrados no contexto chapecoense, houve intervenção de ordem estatal associada a atuação privada: da concessão de terras à isenções fiscais, onde governo atuou como ator coadjuvante na formação de Chapecó e do Oeste catarinense, à educação civilista disciplinadora dos comportamentos. De trabalho árduo à “auto reinvenção” de sua própria cultura – subjetividade –, os colonos imigrantes gaúchos ergueram uma sociedade sólida, amparada em discursos de valores católicos de respeito ao patriarcalismo, ao matrimônio, à “sagrada família [heterossexual]”, à positividade em torno do trabalho.

A partir da década de 1960, as elites locais, associadas a instituições/dispositivos como a Igreja e aos setores estatais responsáveis pela saúde e pela educação, procuravam disseminar valores socioculturais como forma de controle socioeconômico e político-cultural – subjetivo – da população chapecoense:

Entre esses valores estão a importância do trabalho e do sofrimento, o caráter sagrado e indissolúvel da família, o princípio hierárquico da autoridade, a importância da vida comunitária, o senso de justiça e retidão de conduta, o

controle da sexualidade e da procriação, etc. (POLI, 1999 apud HASS, 2003, p. 51)

Valores relacionados à tradição cultural cristã italiana, trazidos pelos colonos rio-grandenses, contribuíram para a formação de uma subjetividade tradicional, voltada para a consagração dos preceitos ético-morais católicos, como o casamento heterossexual (procriação) e o trabalho dignificante (sacrifício e prosperidade). Também discursos advindos de concepções mais utilitaristas relacionadas às noções de progresso e desenvolvimento se processaram na construção da subjetividade coletiva de Chapecó.

Portanto, caracterizado pela diferenciação de espaço e de “papéis naturalizados” para homens e para mulheres, desenvolveram-se as concepções do que deveria e do que não deveria compor o ideal de masculinidade e feminilidade para um Oeste civilizado progressivo e progressista, já bem diferente dos primeiros tempos de colonização, e aspirante por essa mudança. Nada mais “i-lógico” do que “masculinizar e heterossexualizar” os responsáveis, presentes e futuros, pelo sucesso desenvolvimentista do Oeste catarinense.

Conforme a tabela do IBGE, exposta anteriormente, Chapecó adquiriu mais da metade de sua população atual entre 1980 e 2011; de 83,768 mil habitantes na década de 1980, a cidade apresenta 186,337 em 2011 (IBGE, 2011). Entre as décadas de 1990 e 2012, Chapecó consolidou uma crescente urbanização, acompanhada pela relativa consolidação de uma nova forma de pensar e agir do homem, do gênero masculino, feminino, etc. É justamente nesse momento de grandes transformações sociais que se procura compreender como as identidades em torno da homossexualidade masculina eram e são produzidas e vivenciadas por seus respectivos praticantes, e como eram e são concebidas pela sociedade chapecoense entre 1980 e 2010.

#### **4 HOMOSSEXUALIDADE MASCULINA EM CHAPECÓ: UMA CONSTRUÇÃO EM MOVIMENTO**

Essa pesquisa problematiza processos de construção identitária da homossexualidade masculina em Chapecó, no período da sua História mais recente (1980 – 2010), no sentido de compreender parte da multiplicidade histórica que se produz na dinâmica regional. Acredita-se que a problematização de aspectos da construção da identidade homossexual masculina em Chapecó, pode contribuir significativamente para a compreensão de um grupo social pertencente a essa sociedade em transformação, como também da própria sociedade de um modo geral.

A partir de dez depoimentos realizados com sujeitos de identidade homossexual masculina, que vivenciaram e/ou vivenciam experiências homossexuais em Chapecó no período, são levantadas algumas questões: Como a identidade homossexual era construída? Quais as referências macro e micro identitárias da homossexualidade? Quais e como alguns dispositivos atuaram na construção identitária? Como foi o processo de enfrentamento e tomada de posição frente à construção da identidade homoafetiva? Como foram e são expressas as experiências homoeróticas por seus praticantes? Como a sociedade chapecoense tratou e trata essas respectivas práticas? Existiram e/ou existem práticas coercitivas geradoras de processos segregacionistas em relação à homossexualidade?

Em perspectiva dialógica com a Filosofia e a Psicologia, tais indagações

conduziram esse trabalho a uma problematização da construção identitária homossexual em Chapecó, entre 1980 a 2010, de forma a compreender como se foi forjando essa “realidade desejante” no contexto chapecoense do período.

#### 4.1 PRIMEIRAS MANIFESTAÇÕES DO DESEJO

Ao se falar de identidade homossexual<sup>28</sup>, é preciso considerar as identidades sexuais, independentemente, enquanto processos de produção subjetiva do desejo, enquanto processos de construção singular atreladas ao campo social, pois as identidades, inclusive sexuais (homo, hetero, bi, etc.), se constituem no contexto das relações de poder e subjetividade<sup>29</sup> em que se se encontra interagindo. As experiências sociais, culturais, afetivas, sexuais, etc. vão atuando e incidindo na constituição singular da identidade sexual, desde as primeiras experiências do sujeito com o mundo.

Nessa perspectiva, os depoimentos indicam que o desejo afetivo e sexual encontra-se presente desde as primeiras lembranças do sujeito, pois atua diretamente na construção da identidade sexual e de gênero:

Minha primeira lembrança, é difícil de identificar quando foi, porque eu acho que tive essa questão da atração e do desejo, mas uma coisa não tão entendida, que sempre foi por meninos. Sempre foi, lembro na escola, no jardim o que eu considerava belo já eram os meninos, sempre eu achei a beleza masculina, dos colegas, dos coleguinhas maiores [...] Também a minha atração sempre foi pelos meninos mais velhos. Já tinham essas características mais do masculino mesmo, originário do homem, sempre foi, não tenho uma lembrança, por exemplo, de uma questão relacionada a essa ideia do desejo por uma menina. (JOSÉ, 34 anos, p. 01 – 02)

O testemunho de José\* revela que a construção do seu desejo e sua respectiva

---

<sup>28</sup> Para Foucault (2006), a sexualidade, o sujeito homossexual e a identidade sexual são uma invenção do século XIX. No entanto, não invenção no sentido de “novidade”, enquanto fenômeno social, mas como dimensão classificatória da existência humana e como “elemento de poder”. A classificação da sexualidade humana, a partir do século XIX, reiterou os papéis de dominação e sujeição historicamente perpetrados na civilização ocidental, pois ao legitimar a heterossexualidade como “sexualidade saudável”, realizou a segregação das demais formas de sexualidade humana. A partir dos estudos de Foucault, Derrida e Butler, a Teoria *Queer* defende que a identidade sexual e de gênero são um “construto sociocultural”, quer dizer, são identidades não inatas, mas desenvolvidas a partir da interação no campo social. Esse assunto será retomado adiante na problematização da identidade homoafetiva em relação à identidade de gênero.

<sup>29</sup> Para Foucault (2006), a História da humanidade é a História dos jogos de poder em torno dos processos subjetivos que se produzem e materializam temporal e espacialmente. Para o filósofo francês, as relações humanas não são apenas permeadas por relações de poder e subjetividade, como em verdade, elas – as relações humanas – são as próprias relações de poder e subjetividade.

identidade homossexual se fazem presentes em suas subjetivações<sup>30</sup>, desde os momentos mais precoces, desde as suas primeiras memórias sobre seus primeiros processos de singularização desejante no campo social. As lembranças de José\*, demonstram que seu desejo por meninos, nos primeiros contatos do contexto escolar, representam um importante referencial constitutivo da sua construção identitária homossexual, pois a manifestação do desejo homossexual em si está representada em suas memórias mais remotas, por assim dizer.

É importante considerar que essa pesquisa, ao se utilizar da produção de fontes orais através de entrevistas, compreende que as lembranças – as memórias – correspondem a formulações subjetivas singulares já históricas a respeito do passado; jamais um testemunho fiel do que se passou. Portanto, os testemunhos são entendidos não como o passado, mas como interiorizações selecionadas intencional e/ou involuntariamente a respeito do passado que é rememorado a partir de pontos específicos “trazidos” nas entrevistas.

Segundo Tedesco (2011):

A memória é muito importante e tem um poder destabilizante; pode também produzir pluralidades de significados e tempos, ou melhor, pressupõe-se isso [...] Em torno da perspectiva da memória se colocam diversas questões ao nível do sensível, pois “a experiência carrega consigo a noção de sentidos, vividos e temporalidades, elementos fundamentais para viver a vida cotidiana e entender a passagem dos tempos [...] tem muito a ver com subjetividade: é manifestação de indivíduos motivados por representações, imaginários, estratégias, consciência do vivido e dos tempos que mudam; é uma espécie de atestado e antídoto da passagem do tempo, é uma força de contraponto [...] a memória uma espécie de representação de signos de experiência e de consciência; representação que precisa enfrentar o espaço e o tempo e que auxilia na compreensão pragmática e simbólica que temos de nossa experiência, de nosso passado. (TEDESCO, 2011, p. 111)

A memória é ritualística em sua produção, uma vez que, se processa em torno de eventos que se fazem merecer dedicar à lembrança. As memórias carecem de historicidades, tradições e simbologias em suas confecções e também em suas rememorações. A convivência social é constituída e constituidora de memórias que se fazem lembrar ou não, de acordo com as conjunturas subjetivas que se estabelecem em

---

<sup>30</sup> Os processos de subjetivação – as singularizações –, segundo Guattari e Deleuze (2009), correspondem ao processo de retomada das subjetividades e subjetivações por seus próprios produtores; quando se consegue desatrelar dos dispositivos de poder que forjam subjetiva e/ou materialmente o desejo e vivencia-se os desejos autenticamente produzidos de modo mais autêntico. Podem ser, muitas vezes, as “originalidades”, as linhas de fuga à modelização social dominante em exercício.

torno das relações de poder vivenciadas nos dados contextos. Portanto, as lembranças (as memórias produzidas pelos testemunhos nessa pesquisa) não são o passado propriamente dito, mas recortes produzidos in/conscientemente sobre ele.

Entendida como representação das experiências do passado, a memória revela uma carga de subjetividade que essa pesquisa lançou mão, justamente, por se tratar de uma investigação a respeito de processos de subjetivação homoafetiva. Os relatos produzidos revelam toda a produção subjetiva envolvida na sua elaboração, pois as memórias produzidas pelos entrevistados, além de possuir referência com o passado, também carregam características psicológicas de representação subjetiva atuais inerentes.

Para Tedesco (2011):

A experiência carrega consigo a noção de sentidos, vividos e temporalidades, elementos fundamentais para viver a vida cotidiana e entender a passagem dos tempos [...] tem muito a ver com subjetividade: é manifestação de indivíduos motivados por representações, imaginários, estratégias, consciência do vivido e dos tempos que mudam; é uma espécie de atestado e antídoto da passagem do tempo, é uma força de contraponto [...] a memória uma espécie de representação de signos de experiência e de consciência; representação que precisa enfrentar o espaço e o tempo e que auxilia na compreensão pragmática e simbólica que temos de nossa experiência, de nosso passado. (TEDESCO, 2011, p. 111)

As memórias são entendidas, tanto como fontes representativas de experiências constitutivas das subjetividades identitárias afetivas e homossexuais, como também da demais identidades políticas, sociais e culturais. Os testemunhos produzidos e analisados nessa dissertação são compreendidos como produtos e produtores de sentido, de valores, e até de verdades, pois acima de tudo são discursos. Como foi mencionado anteriormente, os discursos são [em parte] intencionais e atuam como dispositivos que sempre querem se efetivar através de um saber poder sobre a verdade. É desse modo que as memórias produzidas nas entrevistas são entendidas aqui, enquanto produções subjetivas sobre o real, como representações de poder sobre experiências vivenciadas e jamais como o real e/ou o passado em si.

Também é importante salientar que, numa pesquisa inspirada no método cartográfico de investigação, onde se se propôs a cuidar do objeto de pesquisa com particular intimidade, atuando na confecção dos testemunhos problematizados, as memórias são pensadas também conforme o contexto das relações de poder e subjetividade da própria produção das entrevistas. Pois, as memórias são [também] elencadas a partir de objetivos que são tanto conscientes, onde se quer demarcar elementos em detrimento de outros, como inconscientes, onde se revelam elementos mais autênticos; sem o exercício

do mecanismo de autocensura subjetivo. Ambos apresentando-se como imprescindíveis e indissociáveis.

As entrevistas apresentam variação de tempo de duração, localização e conteúdo que merece ser destacada, pois [também] revela a diversidade do público pesquisado. Foram feitas entrevistas que têm a duração de cinquenta e cinco minutos e entrevistas que têm duração de três horas e meia. Os locais onde foram realizadas acabam por refletir muito do potencial subjetivo de seus discursos: de entrevistas desenvolvidas nas residências dos entrevistados, à entrevistas realizadas em parques e cafés. As mesmas perguntas revelaram similaridades nos conteúdos e formas discursivas de representatividade, como também demonstraram diversidades e peculiaridades características no público pesquisado.

Possivelmente essa plasticidade das fontes produzidas se deva ao olhar mais cartográfico pretendido pela pesquisa, pois procurou-se instigar os entrevistados em sentido de rememorarem e relatarem “livremente” experiências íntimas atuantes em seus processos de construção subjetiva de suas respectivas identidades homossexuais. Nessa perspectiva, as entrevistas foram desenvolvidas de modo mais aberto e dialógico, delegando o máximo possível de liberdade na produção dos depoimentos sempre vistos como indícios, como pistas dos processos subjetivos em investigação.

A produção das fontes orais revelou que o potencial produtivo da memória na constituição das subjetividades humanas se revela [também] no processo de construção dos próprios sentidos para com o passado, uma vez que “re-cria”, constantemente, os próprios conectores do passado enquanto referências constitutivas do presente. Nessa perspectiva, os entrevistados relatam que, desde suas primeiras lembranças, o desejo homossexual já estava presente em suas constituições subjetivas. A presença relativamente “precoce” do desejo homoerótico demonstra importante indicador da construção identitária homossexual no grupo pesquisado.

A Psicologia, sobretudo a partir da Psicanálise, corrobora o fato de ser o desejo sexual algo presente na construção do sujeito desde os primeiros contatos com o mundo. Há os que digam até mesmo antes: durante a gestação. Isso indica que a construção da identidade homossexual remonta aos processos e experiências vivenciadas pelo sujeito em seu percurso sócio histórico, pois não aparece um ponto fixo que materialize a identidade homossexual em um momento específico da vida dos sujeitos entrevistados.

Assim como José\*, Matheus\* também demonstra “indicadores precoces” de sua

construção identitária homossexual: “Eu me percebi desde sempre assim, acho que com seis, sete anos de idade, é muito engraçado porque a sexualidade é uma coisa que ela se manifesta desde que a gente é muito pequeno” (Matheus\*, p. 01). De modo semelhante, Pedro\* também percebe sua construção homoafetiva desde suas primeiras lembranças. Para ele, a escola, como espaço privilegiado no contexto da socialização, se mostra um local onde os desejos sexuais e afetivos extrafamiliares<sup>31</sup> começam a ter suas primeiras materializações propriamente ditas:

A primeira lembrança que eu tenho é em torno dos sete anos, no colégio, que eu era apaixonado por um coleguinha de turma. Eu estudava no Bom Pastor e eu lembro que assim, ele sentava do meu lado na carteira, que a gente sentava com as carteirinhas juntas né. O nome dele era Marcio, nunca me esqueço, ele usava um óculos, ele era o mais bonito da turma, e ele sentava do meu lado, e estar do lado daquele menino era muito desconfortável pra mim. Porque tinha alguma coisa nele que me incomodava, na verdade hoje eu entendo que obviamente né, e eu me lembro da cena; de levantar da carteira e eu fui falar com a minha professora lá na frente que eu queria trocar de lugar, que eu não queria ficar sentado do lado dele. De tão forte que era a presença dele, me incomodava, a primeira vez assim, são as primeiras lembranças que eu tenho de atração por homens, com sete, oito anos de idade. (PEDRO, 45 anos, p. 02 – 03)

Pedro\* interage e o contato com o colega de aula produz um desejo que atua na construção de sua identidade homossexual, sobretudo, por demonstrar-se um sentimento “forte” o bastante para exigir seu posicionamento: “[...] fui falar com a minha professora lá na frente que eu queria trocar de lugar, que eu não queria ficar sentado do lado dele. De tão forte que era a presença dele, me incomodava [...]” O incomodo sentido por Pedro\* em relação a presença de seu [inconsciente] objeto de desejo (colega), além de manifestar a presença do desejo, também revela um sentimento de não compreensão do próprio desejo. Incompreendido, mas, no entanto, presente, o desejo homoafetivo sentido por Pedro\* também vai constituindo sua identidade enquanto sujeito do desejo.

O depoimento de Pedro\*, além de revelar que o desejo atua diretamente na construção da identidade sexual, também demonstra que é no contato social que se constituem as próprias subjetividades, quer dizer; as identidades sexuais, assim como as demais identidades se constituem no “devir a ser” dos sujeitos no campo social. Segundo Guattari, “a ideia de “devir” está ligada à possibilidade ou não de um processo de

<sup>31</sup> Essa pesquisa não ignora os estudos, eminentemente psicanalíticos, que indicam que os primeiros “investimentos” do desejo se processam em relação aos sujeitos mais próximos, naquilo que se convencionou denominar de contexto familiar. No entanto, as lembranças trazidas pelos entrevistados demonstram que, é partir do contato e da interação sociocultural no espaço escolar que se produziram as primeiras representações do desejo homoerótico que se fixaram na memória, enquanto elementos constitutivos de suas respectivas identidades homossexuais.

singularizar. Singularidades femininas, poéticas, homossexuais, negras, etc., podem entrar em ruptura com as estratificações dominantes.” (GUATTARI, ROLNIK, 1986, p. 74) José\* relata certa ruptura com as estratificações dominantes em relação à seu devir homossexual, à sua singularização desejante no campo social: “Eu compartilhava muito aquilo com as meninas, tanto que na 4ª série, as meninas surtavam pelos meninos do 2º grau e eu surtando em silêncio.” (JOSÉ, 34 anos, p. 01 – 02) José\* “vem a ser”, socializa, interage, deseja, se identifica, mas sente que não pode expressar publicamente seus sentimentos; compreende que o contexto de relações de poder vivenciado o impedem de fazê-lo.

O “desejo em silêncio” vivenciado por José\* revela que, mesmo nas primeiras manifestações desejantes que o sujeito investe no campo social, geralmente, o faz, justamente, de acordo com as respectivas reelaborações e tentativas de inserções aos códigos gerais da cultura dominante em que se encontra interagindo. Quer dizer, José\* sabia que não lhe era permitido exteriorizar seus desejos homossexuais, sabia que havia um código sexual relativamente estabelecido, portanto, evitava inscrever publicamente sua premissa desejante homossexual, tendo em vista da clandestinidade que sua síntese desejante incorpora diante da expectativa dominante estabelecida.

No entanto, mesmo em “silêncio”, José\* não deixa de sentir seus desejos homoafetivos. Além de um aspecto de sua constituição identitária, seu desejo homossexual “em silêncio” revela, de qualquer modo, um certo posicionamento diante de si e um certo enfrentamento in/consciente em relação à sexualidade dominante, pois, além de exigir a conscientização frente sua “diferença”, o faz a partir da exclusão social explícita do seu desejo. Quer dizer, José\* “inicia” sua constituição enquanto sujeito desejante homossexual a partir da negação social explícita do seu desejo. A construção subjetiva da identidade homossexual de José\* perpassa os “sabores e dissabores” característicos de sua própria (im) possibilidade subjetivação no campo social.

No contexto das relações sociais escolares, José\* experimenta o desejo pelo mesmo sexo “em silêncio”. Embora sofrendo e sentindo seus desejos em silêncio em segredo, José\* os sente, os identifica os produz. Seu desejo homossexual está presente para além de suas formulações subjetivas inconscientes, pois está em sua consciência. Sua identidade homossexual vai sendo constituída em seu vir a ser no mundo, quer dizer, na multiplicidade de relações produzidas no campo social. Seu relato testemunha que, além de processos de realização desejante, as relações de interação sociais também produzem

processos de frustração e sofrimento na dimensão dos sentidos e sentimentos do desejo, por sua vez, também constitutivos das identidades homossexuais.

Independentemente de sentimentos de realização e/ou frustração desejante, é possível constatar, através dos depoimentos, que tanto a família, como a escola, correspondem a contextos privilegiados no que concerne à sociabilidade, sobretudo, nos primeiros anos de vida do sujeito. Os entrevistados revelam que suas primeiras interações desejantes homossexuais se processaram no contato social do ambiente escolar:

A minha primeira paixão, é obvio que foi no colégio: eu me apaixonava pelos meus amigos, Então o meu melhor amigo era por quem eu era apaixonado. Aí quando chegou aquela fase do colégio em que os meninos começam a ficar com as meninas pra mim foi a pior fase da minha vida. Porque via os meus amigos ficando com as meninas, era aquele amigo, eu tinha o amigo que eu era apaixonado por ele. E eu via ele ficando com meninas e ai eu ia em festas junto com ele, e ai eu via aquilo em silêncio, assim. (MARCOS, 36 anos, p. 02)

Marcos\* experimenta as primeiras sensações desejantes diante de sua homossexualidade em constituição. São sentimentos que se articulam às experiências e expectativas frente às suas possibilidades de inscrição desejante no campo social chapecoense de então (década de 1990). O contexto escolar, enquanto seu universo social, propicia a produção de contatos desejos e sensações – experiências – importantes na construção da sua identidade homoafetiva.

Da euforia dos primeiros desejos homoeróticos, dotados de sua carga de felicidade, Marcos\* sente também a emergência de sentimentos de frustração, pois seu desejo não encontra espaço para realização no contexto social vivenciado. Elemento igualmente importante na constituição identitária homossexual de Marcos\*, e demais entrevistados: a frustração desejante relatada acaba por demonstrar a multiplicidade de experiências que interagem na construção subjetiva singular do sujeito do desejo.

O sofrimento relatado por José\* e Marcos\* em relação à sua construção identitária homossexual, demonstra que trabalhar com memórias também “pode despertar lembranças dolorosas que, por sua vez, despertam sentimentos intensos que, muito fortuitamente, podem afligir um informante” (THOMPSON, 1992, p. 272). Muitas vezes, as memórias mais marcantes na construção subjetiva dos sujeitos são aquelas cujos processos geraram algum tipo de dor, incômodo e/ou sofrimento, ou seja, as marcas produzidas por processos de sofrimento e/ou frustração desejante também constituem as identidades, inclusive homossexuais.

Todas as sensações, inevitavelmente, atuam na construção subjetiva singular do sujeito do desejo. Sentimentos de felicidade e frustração desejante se “mesclam” no devir produtivo das construções identitárias singularizadas no campo social. Nessa perspectiva, sentimentos de incompreensão, tristeza e sofrimento também são relatados como contributivos na construção identitária homossexual masculina em Chapecó no período:

Qual era o motivo, eu era ridicularizado, não era uma coisa clara pra mim, acho que era porque eu era homossexual, porque eu parecia uma bichinha, mas eu era sempre maltratado. Isso era a mensagem, era clara, eu não tinha espaço, era por causa de sexualidade sim, eu era diferente. (MARCOS, 36 anos, p. 10)

Para Marcos\*, o contexto escolar foi um espaço produtor de muitas experiências sociais, tanto desejadas como indesejadas no processo de constituição da sua identidade homossexual. Seu testemunho demonstra que a escola, enquanto instituição, também é fruto de seu tempo e espaço, pois caracteriza-se enquanto instituição que acaba por refletir valores oriundos das relações sociais, culturais e familiares dos alunos, quer dizer, o contexto escolar também é constituído pela realidade do campo familiar e social de poder<sup>32</sup>.

Muitos valores diversificados se chocam nas relações de sociabilidade escolar, podendo gerar contextos de estranhamento, identificação, negação, preconceito, segregação, etc. De violência simbólica à violência física<sup>33</sup>, Marcos\* relata a atuação cruel do poder em sua socialização escolar; “ser ridicularizado” por “ser diferente” o colocou frente a frente com sua condição de sujeito à margem de sua realidade social. Seu testemunho demonstra que, à medida que o sujeito vai se inserido no campo social, inevitavelmente, “sabores e dissabores” serão experimentados, pois são experiências singulares atreladas ao contexto de relações sociais de poder em atuação.

---

<sup>32</sup> Segundo Foucault (2006), o poder corresponde às relações relativamente organizadas e coordenadas; é a “baliza” de todas as relações humanas de um modo único, pois participa na produção das subjetividades. Foucault problematiza o poder para além das concepções clássicas de dominação e sujeição, em prol de uma genealogia do poder. Para o pensador francês, é mais importante compreender os modos de agir incorporados pelo exercício do poder e como se exercem sobre os sujeitos em diferentes e complexas dimensões; os mecanismos e instituições pelas quais o poder se faz valer. Na realidade, Foucault desenvolve uma genealogia do exercício do poder, suas formas de produzir e incidir na experiência/inscrição singular-social humana.

<sup>33</sup> O conceito de violência utilizado remete, além da física, também ao conceito de violência simbólica desenvolvido por Pierre Bourdieu (1988): “Chamo violência simbólica, violência terna, insensível, invisível até para suas próprias vítimas, e que no essencial é exercida sobretudo pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento.” Nessa perspectiva, bem além das violências em suas expressões “materializáveis”, essa pesquisa procura problematizar a ideia em torno das violências em suas formas mais sorrateiras e insidiosas: suas formulações simbólicas, mais agenciadas.

Para Foucault (2006):

O poder não existe. Quero dizer o seguinte: a ideia de que existe um determinado lugar, ou emanando de um determinado ponto, algo que é um poder, me parece uma ideia baseada em uma análise enganosa e que, em todo caso, não dá conta dá conta de um número considerável de fenômenos. Na realidade, o poder é um feixe de relações mais ou menos organizado, mais ou menos piramidalizado, mais ou menos coordenado [...] De modo geral, penso que é preciso ver como as grandes estratégias de poder se incrustam, encontram suas condições de exercício em micro relações de poder. Mas sempre há também movimentos de retorno, que fazem as estratégias que coordenam as relações de poder produzam efeitos novos e avancem sobre domínios que, até o momento, não estavam concernidos. (FOUCAULT, 2006, p. 248-249)

O poder não existe como elemento isolado da vida, pois não é palpável, não pode ser pego, mas está em tudo; em todas as nossas relações com o mundo, como em todas as nossas relações para conosco. Geralmente, o poder se instaura por intermédio de certa hierarquia de relações que se articula a partir de determinadas hierarquias de valores sociais. É “comum” se produzirem quadros agenciadores excludentes e/ou segregacionistas em torno das práticas não tidas como tradicionais dentro do quadro hierárquico de valores e relações de poder dominantes em um contexto social. Tal como relata Marcos\*, que não compreende muito claramente o motivo real de sua exclusão, apenas a sente e a interioriza.

Porém, a atuação negativa dos colegas que agem com violências para consigo, leva Marcos\* a confrontar algo que nem ele havia elaborado subjetivamente: sua “diferença” desejante. A ação excludente e segregacionista dos colegas produz um processo de questionamento de si ímpar em sua constituição identitária [homossexual]. Marcos\* relata sofrer, tanto em relação à realidade subjetiva experimentada no campo social, como em relação às repercussões dessa atuação social do poder em suas subjetividades. Todos esses sentimentos vão interagindo em sua construção identitária, inclusive homossexual.

A diferença, enquanto diversidade, é característica da escola porque é característica das pessoas e da (s) cultura (s) de um modo geral. Tanto no passado como no presente a diferença, ora atrai, ora repele. Às vezes, as diferenças sexuais, culturais, de grupo, de gênero, etc. são aceitas, outras vezes são excluídas, segregadas. Quando a diferença não é elaborada, reiterada e/ou aceita pelo grupo, podem se desencadear contextos de preconceito, hostilidade, violência e segregação, tal como relata Marcos\* a respeito de suas respectivas lembranças. Segundo Guattari (1986):

A segregação é uma função da economia subjetividade capitalística diretamente vinculada à culpabilização. Ambas pressupõem a identificação de qualquer processo com quadros de referência imaginários, o que propicia toda espécie de

manipulação. È como se a ordem social para se manter tivesse que instaurar, ainda que da maneira mais artificial possível, sistemas de hierarquia inconsciente, sistemas de escalas de valor e sistemas de disciplinarização. Tais sistemas dão uma consistência subjetiva às elites (ou as pretensas elites), e abrem todo um campo de valorização social, onde os diferentes indivíduos e camadas sociais terão que se situar. Essa valorização capitalística se inscreve, essencialmente, não só contra os sistemas do valor de uso, como Marx descreveu, mas também contra todos os modos de valorização do desejo, todos os modos de valorização das singularidades. (GUATTARI, ROLNIK, 1986, p. 41)

Não integrar os códigos impostos pela cultura dominante, ser excluído, invisibilizado, segregado, são sensações descritas pelos entrevistados em relação às suas experiências de inscrição homossexual no contexto de suas primeiras manifestações desejantes no campo social. A frustração, a dor, o sofrimento incorporam a auto culpabilização, que pode ser associada como um mecanismo de autocontrole segregacionista onde o sujeito se autorregula mediante o próprio desvio da norma. Quer dizer, os entrevistados demonstram [inconscientemente] que a auto culpabilização por não atingir as expectativas afetivo-sexuais dominantes atuam pesada e dolorosamente na construção de suas respectivas identidades homossexuais.

Tanto Marcos\*, como também Matheus\*, relatam que a escola pode ser um espaço que gera exclusão e segregação, pois revelam lembranças de preconceitos que desencadearam contextos segregacionistas em relação às suas respectivas identidades homossexuais em construção. Na realidade, como nem sempre as relações sociais são integradoras, os testemunhos revelam elementos capazes de confirmar quadros de preconceito, violência e segregação no ambiente escolar. O relato de Matheus\* também chama a atenção para o “despreparo” da instituição escolar em relação à própria “preparação psicológica” dos diversos sujeitos nela inseridos:

Eu acho que a escola na minha época, os professores não estavam preparados, apesar de que as pessoas dizem que a educação hoje é ruim, porque a educação decresceu. Acredito que a educação, eu acho que em termos de conteúdo, talvez sim, agora em termos de preparação psicológica os professores aumentaram porque as pessoas hoje estão mais preparadas para conviver com as diferenças, coisa que há vinte, quinze anos atrás as pessoas não estavam preparadas e não era exclusiva culpa dos professores, porque infelizmente essas discussões não estavam tão à tona como hoje elas estão. Então por exemplo, antigamente os professores que me deram aula lá na 1ª, 2ª, na 3ª, na 4ª, 5ª série, que hoje nem é mais série que se fala, e sim ano, no próprio Ensino Médio, eles não estavam preparados pra essa discussão, entende. Então assim, na escola eu não vou dizer que eu não sofri, eu sofri bastante, no Ensino Médio bastante, ainda mais. (MATHEUS, 33 anos, p. 08 – 09)

Enquanto instituição, enquanto dispositivo de exercício de poder<sup>34</sup>, a escola é relatada como um espaço, tanto possibilitador de situações e experiências positivas de relação e realização desejante, como também de contextos excludentes e segregacionistas. Matheus\* relata que a escola, por ser uma instituição de caráter modelizante e disciplinarizador, que configura-se enquanto mecanismo de exercício de poder social, acabou por não dar conta de suas demandas homossexuais. Para ele, a escola apresentou-se como um espaço não devidamente preparado para a inclusão da sua homossexualidade.

De fato, é de se acreditar que o contexto escolar chapecoense da década de 1980-1990 (incluindo desde os alunos até os professores), geralmente, não abrisse espaço para a emergência e/ou inclusão daquilo que se punha demasiado diferente dos padrões socialmente vigentes, pois a escola em um contexto mais universal (brasileiro, senão mundial) não possuía essa discussão naquele período. Na melhor das hipóteses, a homossexualidade passou a configurar assunto e realidade explícita escolar a partir de meados da década de 2000.

O contexto escolar é relatado pelos entrevistados como um espaço de relações de poder e subjetividade no qual, inevitavelmente, surgiram tanto situações de identificação como de estranhamento e até segregação. A identidade homossexual, tida como diferente da identidade sexual tradicionalmente aceita – heterossexual – é estigmatizada. Essas experiências subjetivas de preconceito e segregação geraram sentimento de dor, angústia e sofrimento, que também atuaram e ainda atuam, por assim dizer, na construção das identidades homoafetivas dos sujeitos entrevistados.

É interessante ressaltar que, mesmo em contextos de experiências traumáticas, se desenvolvem atitudes capazes de criar linhas de fuga<sup>35</sup> produtoras de habilidades de enfrentamento diante do campo social: “Nunca me coloquei como a única vítima, nunca

---

34 Para Foucault (2006), o poder atua de formas múltiplas. O pensador francês destaca que o poder não é uma estrutura física, mas uma “energia” relativamente articulada no sentido de agenciar as subjetividades humanas. Para Foucault, as formas e mecanismos de atuação do poder sempre visaram o controle e a disciplina das subjetividades individuais e coletivas. Foucault afirma que instituições, como: família, escola, Estado, polícia, prisão, mídia, tecnologia, ciência, religião, arte, são dispositivos que disciplinam e controlam as subjetividades.

35 O conceito de linha de fuga desenvolvido por Deleuze e Guattari (2009), assim como de tática proposto por Certeau (2002), correspondem à (s) maneira (s) de produção e (re) criação de caminhos para a realização desejante; onde prevalecem as “reapropriações” dos componentes subjetivos singularizados pelos próprios sujeitos do desejo. É quando o sujeito produz alguma forma autêntica de experimentação do desejo que, por sua vez, encontra-se relativamente impossibilitado diante dos quadros rígidos do poder social vigente. Seria nesse território das subjetivações autênticas que se circunscreveriam os desejos mais subversivos.

fiquei chorando, nunca fui deprimido por essa situação, então eu sofria bulling, fazia bulling também, tava tudo certo e errado né”. (FILIPE\*, 24 anos, p. 07) Seu relato demonstra uma forma autêntica de enfrentamento da situação segregacionista experimentada no contexto escolar: não se colocar no papel de vítima, mas criar a habilidade de enfrentar o contexto vivenciado, de “entrar no jogo de poder” que se colocava.

A atitude de Filipe\* vai ao encontro do que Guattari (1986) denominou de linhas de fuga e Certeau (2002) propôs enquanto “teoria das práticas cotidianas” que, criticando a formalidade das práticas instituintes, valoriza a criatividade das “*bricolagens*” populares enquanto “artes de fazer” potencialmente autênticas. “As táticas do consumo, engenhosidade do fraco para tirar partido do forte, vão desembocar então em uma politização das práticas cotidianas” (CERTEAU, 2002, p. 45). O que Filipe\* revela, ao revidar o bulling sofrido como forma de enfrentamento, caracteriza aquilo que Certeau denomina de “tática”, de “manobra de ação criativa” assumida pelos sujeitos nos processos socioculturais que vivenciam em prol de suas respectivas realizações desejantes.

As “táticas” de defesa e de enfrentamento relatadas por Filipe\* podem ser relacionadas às múltiplas “maneiras” de fazer as próprias linhas de fuga que o desejo homossexual precisou e precisa, geralmente, fazer para se inscrever no campo social. Seu enfrentamento corresponde às maneiras criativas de “driblar” as estratificações dominantes, em prol da experimentação mais autêntica do desejo: suas “maneiras de fazer” constituem as mil práticas pelas quais usuários se reapropriam do espaço organizado pelas técnicas da produção sociocultural” (CERTEAU, 2002, p. 41).

Para Filipe\*, não se pôr no lugar de vítima e enfrentar, a partir de “táticas de enfrentamento” semelhantes às “táticas de ataque”, foram as formas, as linhas de fuga, as maneiras de fazer desenvolvidas para o enfrentamento social na inscrição da sua identidade homossexual – das suas subjetividades. *Bricolagens*, linhas de fuga, maneiras de fazer, táticas de posicionamento e enfrentamento da própria produção desejante frente às estratificações sociais de poder dominantes.

Marcos\* relata a produção de diferentes linhas de fuga, diferentes formas de relação desejante em sua construção identitária homossexual. Seu relato traz elementos subjetivos importantes para a compreensão de sua construção identitária homossexual, pois, através de sonhos, seu desejo por meninos se fazia valer em sua subjetivação:

Quando eu era muito novo, eu estava no colégio a 1ª série do primário eu tive um sonho com um homem mais velho, que entrou dentro da minha casa me pegou e me levou embora para viver com ele, e a gente se amava então. E eu era muito novo, eu era uma criança. E como eu vou te dizer isso, eu acordei excitado. A gente no sonho, a gente foi morar junto no apartamento, a gente dormia abraçado um no outro, a gente se beijava na boca, entende. Até que a minha mãe e o meu pai vieram me pegar e me levaram de volta, embora, e eu acordei. Eu fiquei deprimido quando acordei, fiquei completamente deprimido por semanas depois, porque o sonho tinha acabado. E aquilo eu não sabia dizer se aquilo tinha me definido ou se aquilo era reflexo daquilo que eu já era, entendeu. (MARCOS, 36 anos, p. 01 – 02)

Marcos\* sente desejo por seu colega de aula e vivencia esse sentimento não compreendido através de sonhos eróticos com o seu objeto de desejo. Segundo Freud, no sonho acontece como que uma manifestação inconsciente de nossos desejos; seria o local onde nossos desejos inconscientes se manifestariam; seria um trabalho do inconsciente que traz à tona nossos desejos mais íntimos e até desconhecidos – inconscientes. Nessa perspectiva, Marcos\* deseja, não vivencia, não compreende, então [inconscientemente], em seu sonho, “realiza” seu desejo.

Fora o sonho que Freud identificara como sendo a “porta de entrada” para o “acesse” ao inconsciente<sup>36</sup>. Em “A Interpretação de Sonhos” (1900), Freud tratou de evidenciar que os mecanismos inconscientes postos em ação nos sonhos – deslocamento, condensação e simbolismo –, constitutivos dos “processos primários”, seriam também evidenciados em outras formulações inconscientes – atos falhos, lapsos, chistes, dentre outros. Tamanha foi e é a importância dos sonhos na Psicanálise que a própria terapia psicanalítica, enquanto procedimento terapêutico, ainda concede posição de destaque à análise interpretativa dos sonhos.

Além da percepção da presença do desejo homoerótico, evidenciada no sonho de Marcos\*, uma interpretação possível de se fazer com certa segurança, seria de que seu sonho poderia representar uma tentativa [inconsciente] de experimentação e compreensão do seu desejo [interditado] pelo colega de aula. Nesse sentido psicanalítico, seu testemunho

---

<sup>36</sup> Em seu artigo “O Inconsciente” (1915), Freud denominou os conteúdos inconscientes como os “representantes das pulsões”, que se encontrariam no limiar entre somático e psíquico, muito além da oposição entre consciente e inconsciente, pois jamais se tornariam objetos da consciência e apenas se manifestariam no inconsciente por intermédio da ação de seus representantes – sonhos, por exemplo. Para a Teoria do aparelho psíquico freudiano, o sujeito encontrar-se-ia em meio a ininterruptas tentativas de inscrições desejantes, tanto conscientes como inconscientes, que, por sua vez, estariam mais no domínio do instinto propriamente dito, do que da racionalidade. O mais relevante nessa pesquisa em relação ao inconsciente é que ele também atua na produção desejante e, conseqüentemente, nas respectivas identidades sexuais, pois é parte constitutiva das subjetividades humanas.

revela que, “simbiótica e in/conscientemente” às primeiras experiências sociais, sua identidade homossexual ia se constituindo. Portanto, o sonho de Marcos\* pode ser compreendido como uma expressão/experimentação in/consciente do seu desejo, quer dizer, uma produção [também] “in/voluntária” à sua própria subjetivação.

O relato de Marcos\* demonstra que os sonhos constituem importante fonte de referencial subjetivo para a compreensão de diversos aspectos constitutivos de um sujeito, inclusive de sua identidade sexual. O sonho o marcou, logo também o constituiu. Marcos\* “vivenciou” em seu sonho uma experiência homoafetiva por seu colega. No entanto, a realidade o atormenta: “Eu fiquei deprimido quando acordei [...] porque o sonho tinha acabado. E aquilo eu não sabia dizer se aquilo tinha me definido ou se aquilo era reflexo daquilo que eu já era, entendeu [...]” (MARCOS, p. 01 – 02).

Importante observação colocada! Seria o sonho um definidor ou uma referência da homossexualidade de Marcos\*? Nem ele o sabe ao certo, nem se quer aqui delimitar certezas estritas acerca de processos tão subjetivos. De outra forma, teríamos que nos perguntar se a “presença e ação dos pais” no sonho representariam vetores disciplinantes exteriores ou não em suas subjetivações, e assim por diante. O que de fato é sensível é que, ao evidenciar como fonte de desejo um objeto masculino, o sonho homoerótico de Marcos\* já representa, por si só, elemento importante no processo de construção da sua identidade homoafetiva.

Os sonhos, como manifestação do desejo constitutivo da identidade homossexual de Marcos\*, também representam a multiplicidade subjetiva atuante na construção das suas próprias identidades subjetivas, inclusive homossexuais:

Anos depois eu tive um sonho com o vizinho que a gente tinha de casa e que eu, o meu corpo estava nu amarrado no dele que também estava nu. E eu era pequeno, eu era do tamanho, eu tinha 5cm de altura, e ele me guardava na cueca dele. Pode rir, eu não falava disso, eu achava que era perturbado por causa disso, entendeu. Anos depois tive um sonho com um professor de educação física, eu já estava na 5ª ou 6ª série, 5ª série, entendeu. Então veja bem, professor de educação física, mas veja bem, o sonho também tinha uma relação com aquele que eu tinha tido antes, que era eu estava amarrado no corpo do professor de educação física, e ele a gente andava pelo meio do mato, uma floresta sem fim, completamente nus os dois. Ai o meu tamanho era normal, e a gente estava amarrado o tempo todo, e ele me levava pra cima e pra baixo, e eu me sentia seguro, e assim me sentia bem. (MARCOS, 36 anos, p. 02 – 03)

Marcos\* deseja singularmente, mas não vivencia suas emoções no campo social. Seu inconsciente não se dá por vencido e produz “realidades” de experimentação desejante: sonhos eróticos com seu objeto de desejo. Seus sonhos homoeróticos o

impressionam, o marcam, pois acabam por evidenciar seu desejo homossexual. Algo que até então ele não compreendia começava a se fazer entender: seu desejo e identidade homossexual. Os sonhos mostraram-se formas com que seu in/consciente – suas subjetividades – procurou elaborar a “situação” do seu desejo no contexto de relações de poder vigente. Elemento que demonstra como as subjetividades encontram-se articuladas, aproximadamente, a todos os processos de produção singular-social material e imaterial humanos.

Segundo Deleuze e Guattari (2009), sonhos, desejos, consciente, inconsciente são subjetividades. E subjetividades se caracterizam como “pulsões” do in/consciente humano, produzidas singularmente em contextos sociais de relações de poder, assumidas e vividas pelos sujeitos em suas existências particularizadas – sempre conectadas no campo social. As subjetividades são oscilantes, tanto entre uma relação de alienação e opressão, onde se estabelece uma relação de total castração e submissão das subjetividades, como numa relação de expressão e criação, onde prevalecem as reapropriações dos componentes subjetivos singularizados – as subjetivações.

Segundo Guattari (1986):

O que vai caracterizar um processo de singularização [...] é que ele seja auto modelador. Isto é, que ele capte os elementos da situação, que construa seus próprios tipos de referências práticas e teóricas, sem ficar nessa posição constante de dependência em relação ao poder global, a nível econômico, a nível do saber, a nível técnico, a nível das segregações, dos tipos de prestígio que são difundidos. A partir do momento em que os grupos adquirem essa liberdade de viver seus processos, eles passam a ter uma capacidade de ler sua própria situação e aquilo que se passa em torno dele. Essa capacidade é que vai lhes dar um mínimo de possibilidade de criação e permitir exatamente esse caráter de autonomia tão importante. (GUATTARI, F. ROLNIK, S. 1986, p. 465)

Os sonhos de Marcos\* são processos de singularização de seus desejos – suas subjetividades – e demonstram que nas relações mais diversas que o ser humano vivencia, tais como: afeto, trabalho, alegria, sexo, frustração, ensino, aprendizagem, etc., vivenciam-se relações de poder e subjetividades construtoras das identidades singularizadas. Ações, vivências, sensações – experiências – são subjetivas, e as projeções desejantes homossexuais de Marcos\*, manifestadas em seus sonhos, representam um importante indicador do “processo auto modelador” realizado por sua singularização desejante em seu processo de identificação homossexual, frente a si no campo social em que se encontrava inserido.

A carga subjetiva, trazida pelos sonhos homoeróticos de Marcos\*, revela a

tenacidade do seu desejo homoafetivo na sua construção singular, enquanto sujeito do desejo. Seus sonhos representam seu processo de subjetivação homoerótica frente ao social. A não experimentação “materializada” do seu desejo pelo colega do mesmo sexo é “trabalhada” na “experiência inconsciente” dos seus sonhos, demonstrando que o desejo, geralmente, busca as formas mais variadas possíveis de realização. Os sonhos como maneiras de tentar experimentar o desejo interdito pelo contexto social acabam por atestar o poder de potência do desejo (homo) sexual na construção subjetiva do sujeito.

A identidade homossexual se constitui em relação com a construção das demais relações identitárias dos sujeitos. É possível afirmar que as primeiras manifestações do desejo demonstraram-se bastante múltiplas, variadas e importantes na construção identitária homossexual do público entrevistado de um modo geral. Vejamos agora como as correlações de gênero incidem nessa dimensão.

#### 4.2 RELAÇÕES ENTRE IDENTIDADE SEXUAL E DE GÊNERO

Ao se falar de identidade homossexual, é preciso problematizar algumas questões referentes à identidade de gênero<sup>37</sup>, sobretudo por haver íntima, e até certo ponto, indissociável relação entre essas dimensões, uma vez que, a identidade sexual se constitui em relação à identidade de gênero e vice versa. No entanto, uma não significa necessariamente a outra e há muito mais em jogo no processo de construção das identidades, tanto de gênero como sexuais.

Segundo Felipe\*:

Antes de perceber o meu gosto por garotos em si, eu comecei a gostar do vestuário feminino e de objetos femininos, né. Então o primeiro objeto feminino que eu tenho lembrança, era uma saia vermelha de lã da minha irmã, uma saia de prega, daquelas bem brega sabe, que todo o mundo tinha, não sei se é estilo Paqueta, Chiquitita. Acho que era tudo da minha época, acho que era mais Paqueta, quando eu era criança quatro, cinco anos, pelo que eu lembro. E aquela saia era o meu sonho de consumo, mas eu lembro que eu colocava e como eu não

---

<sup>37</sup> Gênero é entendido nessa pesquisa de um modo bastante “democrático”. Partindo da concepção de gênero proposta pelos estudos *queer*, compreende-se a relação simbiótica, elástica, mutável e transvalorativa entre identidade de gênero e identidade sexual. Portanto, gênero nesse trabalho é um conceito visto como inter-relacional entre aspectos sexuais, fisiológicos e subjetivos dos sujeitos. Ser pertencente ao sexo masculino não requer identificação com algum suposto “universo de coisas masculinas”, pois as relações entre sexo, gênero e sexualidade são relacionais, mas não estritas e nem estáticas. Para a Teoria *Queer*, não há um “universo de coisas masculinas”, nem um similar feminino; existem possibilidades de identificação múltiplas e variadas na dinâmica da construção identitária de gênero, sexo e sexualidade.

tinha o entendimento ainda do que é masculino e feminino né. (FILIPE, 24 anos, p. 01 – 02)

Filipe\* traz elementos significativos no processo de construção de sua identidade homoafetiva: o “vestuário e os brinquedos femininos” chamavam mais sua atenção e interesse que os similares masculinos. Para Filipe\*, as noções de “universo feminino” e “universo masculino” não correspondiam à sua singularização desejante, pois suas subjetividades, autenticamente, expressavam desejo por objetos tradicionalmente destinados ao gênero feminino.

As subjetivações de Filipe\*, [simplesmente] sublevam a tradição, o convencionalmente estabelecido e se identificam e interagem com objetos, sujeitos e contextos tidos como destinados a outro gênero que não o seu. Sem se importar com essas convenções não por ele estabelecidas, Filipe\* vai compondo suas identidades homossexual e de gênero sem as definições e distinções tradicionalmente colocadas no campo social, pois relata que o que lhe interessava era seu vir a ser no “seu momento”, no “seu desejo”. Seus testemunho revela que a identidade de gênero e a identidade homossexual são “coisas distintas”, mas que também encontram-se intimamente relacionadas e conectadas.

A Teoria *Queer* é trazida nessa pesquisa como horizonte teórico-prático em torno da temática de gênero e homossexualidade, tendo em vista a sua grande contribuição para uma discussão mais construtivista em torno dessas respectivas identidades. A Teoria *Queer* defende que os sujeitos são, em grande parte, o resultado de uma construção social e que não existem “papéis sexuais” biologicamente inatos na subjetividade humana. O que existem são formas socialmente diversificadas de se vivenciar um ou variados desejos e/ou “papéis sexuais”. Os estudos *queer* propõem uma “desnaturalização” desses “papéis sexuais e de gênero” que estabelecem diferenciações estritas entre o feminino e o masculino na construção da identidade sexual.

Segundo Jagose (1996):

Em sentido genérico, *queer* descreve as atitudes ou modelos analíticos que ilustram as incoerências das relações alegadamente estáveis entre sexo biológico, gênero e desejo sexual. Resistindo a este modelo de estabilidade – que reivindica a sua origem na heterossexualidade, quando é na realidade o resultado desta – o *queer* centra-se nas descoincidências entre sexo, gênero e desejo. [...] Quer seja uma performance travesti ou uma desconstrução teórica, o *queer* localiza e explora as incoerências destas três concepções que estabilizam a heterossexualidade. Demonstrando a impossibilidade de qualquer sexualidade “natural”, coloca em questão até mesmo categorias aparentemente não problemáticas como as de “homem” e “mulher”. (JAGOSE, 1996, p.)

Os estudos *queer* propõem que o sujeito produz-se nas relações e atravessamentos múltiplos e variados de uma constante dialética com relação a si no campo social: as identidades se constroem e desconstroem dentro de um contexto de relações hierárquicas de poder. Costuma-se confundir a construção da identidade sexual com a identidade de gênero sem compreender que, embora correlacionadas, são distintas. As construções de gênero e de sexualidade se processam a partir das produções subjetivas no jogo das relações de poder, o que envolve também as próprias relações sexuais e de gênero, como também pressupõe relações socioculturais e político-econômicas que se estabelecem e se atravessam no contexto vivenciado pelos sujeitos.

É importante salientar que a discussão em torno da sexualidade humana é complexa e que cada cultura a significou e normatizou de formas diferentes. Como discutido no capítulo I, uma grande discussão ética, moral, médica e política se produziu e ainda se produz em torno dos discursos sobre os desejos homossexuais. Diversas instituições (filosóficas, religiosas, jurídicas, médicas, científicas, governamentais, midiáticas, etc.), em diferentes momentos da História, se ocuparam em produzir, definir e agenciar mecanismos de controle e regulamentação das práticas e desejos homossexuais na cultura Ocidental. Os discursos acerca da homossexualidade revelaram diferentes apreciações; ora era pecado moral, doença fisiológica, perversão psíquica ou delinquência social.

Segundo Foucault, “discursos instituem verdades” e atuam como uma representação da realidade social; os discursos [se] instituem enquanto suposto saber poder sobre a ideia convencionalizada em torno de verdade. Assim, como as representações acerca da homossexualidade não foram e não são homogêneas e/ou absolutas, também não existe nenhuma identidade, seja de gênero e/ou sexual, sem construção e inscrição no campo social; elas não são fornecidas e nem estão acabadas, são instáveis e estão em constante transformação. Tanto as identidades de gênero quanto as identidades sexuais são “elásticas, plásticas e maleáveis” – múltiplas.

A construção da identidade sexual se associa à identidade de gênero, porque as relações e identidades de gênero e sexualidade se vão constituindo, uma em relação à outra. Porém, dizer que a identidade de gênero e sexual se constituem uma em relação à outra não significa dizer que uma vem a ser a outra. Tanto as identidades sexuais como as de gênero produzem-se numa relação de construção relacional social-singular, pois o desejo não se produz somente conforme padrões estabelecidos socialmente. Ao contrário, o desejo é também autêntico ao seu produtor, ao seu sujeito, tal qual relata José\*:

Durante muito tempo na vida eu queria ser mulher, durante muito tempo, assim, na infância principalmente, eu queria ser mulher porque eu acreditava que poderia vivenciar aquele desejo por homens apenas sendo mulher. Nunca me passou pela cabeça por exemplo, por mais que eu tinha esse peso do errado, nunca me passou pela cabeça, engraçado nunca tinha pensado nisso agora que eu estou falando e refletindo, eu deixar isso, digamos eu achar que eu precisasse me curar, entendeu. Como falavam é errado, é uma doença, aquilo me inibia, mas em nenhum momento eu deixava de sentir, eu tinha mais desejo, então de ser, querer ser uma mulher pra poder vivenciar aquilo do que pensar “vou abandonar isso, de repente vou buscar uma forma de deixar isso”. Não eu sempre quis ser, poder vivenciar essa experiência. (JOSÉ, 33 anos, p. 10)

O drama relatado por José\* para com suas subjetivações de gênero e desejantes homoafetivas está intimamente relacionado ao grande equívoco em se engessar a construção da identidade sexual em relação à identidade clássica de gênero; fato que se verifica no contexto social chapecoense desde a sua colonização oficial. Seu testemunho demonstra que, em Chapecó, a tradição “embutiu” uma gama de determinações e pressupostos “naturalizados” de comportamentos diferenciados para homens e para mulheres nas diferentes conjunturas e espaços sociais.

Tal é o “problema” desse engessamento de gênero em relação a noções biológicas, que José\* sequer conseguia visualizar a possibilidade de experimentar sua homossexualidade sem deixar de ser homem e vir a se tornar mulher. Essa problemática o marca; no passado por gerar contradições inerentes à sua condição fisiológica e desejante, já que não compreendia a possibilidade da própria homossexualidade; e no presente, pois constituiu sua identidade de gênero e homossexual – memórias. Os relatos demonstram que as identidades de gênero e de sexualidade eram e são, muitas vezes, associadas a ideias biológicas e sociais de “papéis naturalizados”: homem/masculino, mulher/feminino. Mas, e o sujeito? E os seus processos de subjetivação singular frente ao seu contexto social?

Mesmo diante da premissa reguladora social chapecoense do período, José\* preferia pensar em vir a ser mulher para poder vivenciar suas expectativas homossexuais, do que deixar de desejar. Ao mesmo tempo em que demonstra-se um aspecto dramático de sua construção identitária, tendo em vista da “confusão” em torno do querer vir a ser mulher diante do objeto de desejo homem, essa síntese desejante também se caracteriza como interessante linha de fuga às estratificações dominantes em direção a realização desejante.

Interessante também ressaltar a sensação de surpresa relatada por José\* diante da “constatação inédita” a respeito da relativa naturalização com que sempre percebeu a

própria homossexualidade. Sensação de surpresa que é tanto fruto da própria rememoração mecânica produzida na entrevista, como também da própria perspectiva cartográfica de investigação interativa que, justamente, procurou “abrir caminhos mais dialógicos” no processo de rememoração para a produção de subjetividades orgânicas e originais nas entrevistas. Em geral, os entrevistados, em momentos variados das entrevistas, revelaram-se surpresos por constatarem alguns elementos, contextos, sensações, etc. não problematizados e avaliaram positivamente as “auto análises” que as entrevistas produziram em suas subjetivações.

Mesmo que Chapecó apresentasse um contexto onde as relações de gênero estabeleciam a naturalização da heterossexualidade e da diferenciação tradicional de gênero, assim como outros entrevistados, José\* relata sua “transgressão” ao se identificar com o “universo feminino”:

Uma vez na 4ª série que eu levei, tamanha era essa minha vontade de compartilhar esses desejos com as meninas que eu levei uma peruca pra escola, pro recreio pra poder pôr a peruca e brincar com as meninas no time das meninas contra os meninos. Foi a fase do “pega-pega” das meninas contra os meninos, que se trancavam no banheiro que era a prisão e eu sempre tinha que jogar no time dos meninos porque eu era menino, só que eu não me identificava com eles nesse sentido. Então um dia eu levei uma peruca e as meninas me deixaram entrar no time delas. E engraçado que pelas crianças, assim, foi algo normal, os meninos e as meninas aceitaram, aquela turma que estava ali. Havia um preconceito maior por quem estava em turmas maiores, tipo turmas mais avançadas e da própria escola. Porque eu lembro que depois a orientadora pedagógica me chamou pra uma conversa com ela, muito a partir dessa ideia do errado, entendeu, de que eu precisava ser diferente, não podia fazer isso. Ela começou com a ideia de ser um objeto que você não pode trazer na escola, mas todo o discurso dela tinha incutido, não pode fazer porque é errado, você não é uma menina. Mas em nenhum momento sabe, houve da parte dela a intenção, tipo uma forma de tentar entender, tipo: “então tá que você sente porque você trouxe a peruca”. (JOSÉ, 33 anos, p. 10 – 11)

O testemunho de José\* também associa explicitamente sua construção identitária homossexual às correlações de gênero. Preferir “brincar com as meninas”, com os “objetos femininos”, se identificar com o “universo feminino” equivale à relação entre as ideias e concepções em torno de “papéis naturalizados” para cada gênero. Ao contrário, essa pesquisa, em sentido *queer*, acredita que não existem “papéis naturalizados” em nenhuma dimensão. Em uma perspectiva sócio construtiva existem apenas variáveis desejantes singularizadas em processo de inscrição/frustração subjetiva no campo social.

José\* relata sua experiência de castração frente a suas subjetivações em relação à sua construção homossexual de gênero. Querer estar com as meninas, se identificar com

seu “universo feminino”, com seu objeto de desejo (meninos) não lhe era permitido, pois o contexto escolar colocava a visão social normatizadora que não considera sua homossexualidade e sua construção de gênero. Não lhe foi permitido vir a ser ele mesmo [livremente], na medida em que isso vem a ser possível, pois os discursos o queriam forjar estabelecendo que ele “não é uma menina”. Mas sua subjetivação seguia-se produzindo: será que não? Por que não?

É importante salientar que, segundo José\*, “pelas crianças, foi algo normal, os meninos e as meninas aceitaram, [...] havia um preconceito maior por [...] turmas mais avançadas e da própria escola.” Seria esse “preconceito maior” demonstrado pelas turmas mais avançadas e pela própria Escola, verificado por José\*, um reflexo da ação modelizante do dispositivo social já estabelecido de modo mais efetivo nesses grupos? Será que esse “preconceito maior” ainda não se havia difundido fortemente entre seus colegas (crianças), que “aceitaram” sua interação singularizada? Muito possivelmente, pois seus colegas (crianças) ainda não teriam sofrido todo o “peso” do exercício insidioso do poder disciplinarizador em torno da definição de sexualidade e de gênero tradicionalmente estabelecida. Já os alunos mais velhos e a própria coordenação escolar já haviam sido reiterados com mais intensidade, mediante o próprio fator tempo, pois já o estavam reproduzindo.

O testemunho de José\* não apenas relata uma identificação sexual e de gênero singular e uma tentativa de experimentação autêntica dessa relação desejante em torno do gênero e da sexualidade, como também evidencia o caráter disciplinarizador incorporado pelo instituição escolar enquanto dispositivo de exercício de poder agenciante subjetivo singular e coletivo. De forma semelhante a José\*, Simão\* também relata sua identificação com o gênero e objetos “femininos”:

Eu acho que sempre brincava mais com as meninas, na verdade tinha os meus amigos, tinha dois grupos né, eu acabava brincando com meninas e meninos e eu acho que eu era muito de esperar que fosse assim. Tipo, eu gostava de conviver com os meninos, mas tipo, brincadeira de menino que é jogar bola eu não gostava, eles jogavam eu ficava assistindo né. Então algumas coisas teoricamente eu deveria, que os outros todos faziam, eu não fazia. (SIMÃO, 42 anos, p. 01)

O fato de Simão\*, José\* e Filipe\* não sentirem identificação com elementos do “universo masculino”, mas preferirem relacionar-se com aspectos, objetos, contextos e sujeitos do “universo feminino”, representa como o processo de construção da identidade sexual e de gênero carrega multiplicidades de fatores psicológicos relativamente

individualizados pelo sujeito no seu contato com o campo social. Não é que eles desconhecem as exigências sociais tradicionais vigentes que estabeleciam as diferenciações clássicas de gênero e sexualidade, mas que suas subjetivações se ligavam a elementos aos quais se identificava seu desejo, independentemente de “papéis e/ou universos convencionados”.

Os relatos demonstram que, em uma sociedade cristã, patriarcal, de descendência majoritariamente católica italiana como Chapecó, a existência de “posturas” esperadas para meninos e outras para meninas interferiu na constituição identitária homossexual de modo significativo. É possível relacionar a noção clássica de gênero vigente em Chapecó, que diferencia exclusivamente o feminino do masculino, como um dispositivo de poder disciplinarizador, pois visava e visa agenciar a identidade sexual em torno da ideia de “papéis naturalizados” para homens e para mulheres.

No entanto, mesmo com as restrições sociais locais impostas em torno da ideia tradicional de gênero e sexualidade, as fontes revelam que o desejo produz formas múltiplas de realização e, conseqüentemente, identificação, incluindo até mesmo as “dissidências desejantes” relatadas pelos entrevistados.

#### 4.3 REPRESENTAÇÕES: REFERÊNCIAS MACRO E MICRO IDENTITÁRIAS

Segundo Guattari e Deleuze (2009), o desejo e as identidades, tanto sexual como de gênero, se processam de múltiplas formas, tanto no “plano molar” – “das grandes contingências”, da suposta “história universal” – como também em “nível molecular” – nas formas com que os sujeitos vivenciam os atravessamentos sociais relacionados às suas subjetivações. Isso não resume toda a problemática em torno do “universal” e do particular/local, pois, essencialmente, um não existe sem o outro, etc. Essa pesquisa não tem o intuito de relacionar o molecular e o molar, mas discutir as macro e micro referências identitárias da homossexualidade em Chapecó no período de 1980 a 2010, isto é, o macro e o micro campo na investigação histórica: o sujeito e a coletividade a que se relaciona e vice versa.

Pensando a homossexualidade em suas referências identitárias, é necessário verificar-se a atuação de alguns atores e dispositivos de “referências locais”. É preciso compreender como os sujeitos de identidade homossexual e suas consecutivas imagens e

representatividades se produziam em Chapecó no período, e como suas representatividades incidiram na construção subjetiva das respectivas identidades homossexuais investigadas nessa pesquisa. Segundo José\*:

Tinha um professor que era bem bicha, ele sempre andava de bicicleta com aquelas Caloi 10, assim, bem roupa justa, empinadinha sempre ia assim. E eu achava o máximo aquele jeito, tinha bem essa coisa do feminino e tinha que ele jogava na cara da sociedade e não estava nem aí sabe, porque ele ia mesmo. Então acho que essa coisa de provocação que ele fazia pela simples atitude de andar de bicicleta como ele bem entendesse e com a roupa que ele queria e que se sentia bem, já era um tapa na cara da sociedade, então ele é uma figura que eu lembro muito. Embora nunca tivesse tido contato com ele, acho que marcou essa questão, dessa imagem e do burburinho que gerava quando ele passava. (JOSÉ, 33 anos, p. 03)

O conceito antropológico de estranhamento pode contribuir para a compreensão da reação de espanto e entusiasmo demonstrada por José\* diante da postura “diferenciada” do professor. A coragem do professor por se mostrar diferente da norma estabelecida em torno do gênero e da sexualidade atrai a atenção de José\*, o “aproxima” de um sujeito real que possui características que lhe são semelhantes. Esse é um elemento importante na construção da sua homossexualidade, pois o fator de identificação que atraiu a atenção de José\* foi a coragem demonstrada pelo professor em expor sua homossexualidade publicamente.

Mesmo que inconscientemente, ocorreu um processo de identificação de José\* em relação à imagem do professor referido, pois “fixou-se” em sua memória. Ele se identifica com um sujeito “semelhante”, que tem “força” para vir a ser quem deseja, pois, como todo processo de construção identitária, se faz necessária a construção de um processo de identificação com o outro. E a identificação com um sujeito e/ou grupo é um processo que conduz à construção identitária, pois as identidades também se constroem singular e socialmente frente às semelhanças e diferenças sensíveis no processo interativo com os sujeitos no campo do real.

Nessa perspectiva de identificação com referências constitutivas, Pedro\* testemunha que:

O Ernesto, meu professor, alguns que eram referência como nós jovens da minha época, os que tinham a mesma idade que eu. Aqui em Chapecó que eram referência, tinha aqui em Chapecó o Paulleti que era superfamoso né, o Dr. Y que era um médico muito falado, extremamente falado né, que morreu faz pouco tempo, o G. que mataram dentro de casa, era daquela geração, ele era super falado também. Outro que era muito falado é o ex-presidente da Chapecoense, o S., muito comentado como veado aquela época. O D. M. [...] pessoas de

referência, mas porque tinham posição social, senão seriam linchados. Eram referências na época né [...] Com quem eu convivi mais era o Dr. Y, que era um médico, um dos primeiros médicos daqui. Veio para Chapecó, ele fervia de todas as maneiras possíveis, que tu possa imaginar, e ele não tinha nenhum problema com isso né, todo o mundo sabia que ele era ótimo médico. Anos 1960 tu imagina o que era isso né, anos 1960, 1970, 1980 e fazia de tudo. Ele era um bom médico, ele era respeitado, e ele era rico né, então as pessoas aceitavam tranquilamente [...] Pra ter uma noção, naquela época o Paulleti tirou a roupa na avenida, e desceu pelado, completamente nu a avenida inteira, e o Dr. Y do lado, de carro com ele, completamente bêbados. [...] Eles faziam orgias homéricas, e o Paulleti morou junto com o Dr. Y., e do lado da casa do Dr. Y mora, morava na época uma das minhas melhores amigas. Tanto que ela roubou um namorado do Dr. Y, hoje a gente ri muito com isso. (PEDRO, 44 anos, p. 04)

Novamente, relatos de espanto e entusiasmo diante de sujeitos cujas figuras representam um enfrentamento no contexto social local e uma tomada de posição em relação a suas respectivas práticas homossexuais e subjetividades não tradicionais. Pedro\* testemunha “peculiaridades”, formas de vir a ser “ousadas”, produzidas e expressas por sujeitos de identidade homossexual que representaram papel de destaque na sua construção identitária homoafetiva. O relato de Pedro\* revela, inclusive, que a ousadia foi marca registrada por certos sujeitos que, justamente pelo grau de exposição e enfrentamento, acabaram por se tornar figuras de referência sobre a homossexualidade na região.

Porém, Pedro\* destaca que tais sujeitos demonstravam posturas “chocantes” em relação à sociedade do período porque “[...] Eram pessoas de referência, mas porque tinham posição social, senão seriam linchados [...]”, fator que demonstra o caráter positivo em torno do trabalho e da posição socioeconômica como vetor de possibilidade de inscrição desejante no campo social da Chapecó da década de 1960 a 1980. De acordo com o processo de “reinvenção” de Chapecó, desenvolvido a partir da década de 1960, problematizado no segundo capítulo, o tradicionalismo religioso de outrora fora abrindo espaço para o potencial do status socioeconômico demonstrado.

Essa nova configuração assinalada por Pedro\* vai ao encontro com a nova conjuntura socioeconômica e cultural que perpassava Chapecó na décadas de 1960 a 1980, quando a “rusticidade coronelística” dos primeiros tempos de colonização estava sendo substituído pela “elegância do cidadão”. Nesse contexto, a homossexualidade vai “aparecendo” nas décadas de 1980, 1990 e 2000, mais principalmente por estarem associadas a condições socioeconômicas favorecidas apresentadas pelos sujeitos do que a uma questão de “afrouxamento” e/ou maior democratização nos valores tradicionais de positividade em torno da religião católica ou da família tradicional no contexto local. Isso será discutido mais profundamente adiante.

Pode-se dizer que os relatos de José\* e de Pedro\* chamam a atenção da importância da produção de quadros relativamente positivos de identificação no processo de construção da sexualidade. Sobretudo num contexto em que o oposto era praticamente via de regra:

Na minha construção tinha um cara que era cabelereiro o Fugi, aquele que não sei o que, que era gay, entendeu. Porque todo mundo ridicularizava horrores a pessoa, e tratava a pessoa mal, e era extremamente hostil. Ele era barrado, que horror o comportamento, hoje eu penso, imagina que comportamento ele se comportava assim pra se defender, porque se ele não conseguia esconder o que ele era, ele resolveu expor total. Deveria ser horrível ser maltratado, mas não existiam ícones, não existiam, não existiam figuras que eu pudesse dizer, a isso aqui sabe, porque não existia era muito velado isso. (MARCOS, 36 anos, p. 06)

Marcos\* percebe a postura negativa exercida pela sociedade com relação aos sujeitos homossexuais do período, justamente no momento em que começava a construir sua identidade homossexual. Isso o incomoda porque ele se identifica com esses sujeitos segregados. Marcos\* revela que, como a tradição cultural regional foi e é de fomento à positividade em torno do trabalho, da religiosidade católica e da família tradicional, Chapecó apresentou pouco espaço para os “diferentes” nos seus quadros socioculturais vigentes.

A segregação deflagrada pelo contexto social chapecoense em relação aos homossexuais do período, instaura medo e sofrimento em Marcos\*, pois ele se identificava com tais sujeitos. O preconceito sofrido por eles também é experimentado imagicamente por Marcos\* nesse processo de identificação in/consciente. Os depoimentos demonstram que a própria segregação cultural e social pode estar associada à autodesqualificação social a que muitos homossexuais se colocaram no período, pois segregação, preconceito e exclusão são imagens e conceitos que a maioria dos entrevistados traz à tona enquanto referências identitárias locais no período:

Os gays que eu tive contato na minha infância, na minha adolescência. Eu lembro que tinha o Conselheiro Tutelar que mais tarde até deu em cima de mim. Teve alguns outros gays que tiveram ações judiciais movidas contra eles, até com pessoas que eu conhecia na minha infância, na época que eu tinha doze, treze anos, que tiveram envolvimento com pessoas que enfim, que jogavam vôlei comigo, que eu conhecia na minha época, que eram relações mais de abuso sexual, porque era não consentido pelos meninos, mas que eles tinham envolvimento bem frequentes com esses meninos. Então meu modelo de homossexual na época, como eu ficava sabendo, que fiquei sabendo dessas histórias. A maioria era o tipo, pessoas mais velhas que tentavam se relacionar com os meninos mais novos de doze, treze anos. Então era bem assustador assim, a disparidade de idade no relacionamento. Na adolescência então tem uma implicação grande dessa negatividade né. (FILIPE, 24 anos, p. 03)

Para Filipe\*, a homossexualidade estava expressa na sua construção referencial sob

códigos do ilícito, do abuso e da violência. As imagens negativas em torno da homossexualidade o assustavam, pois eram figuras com as quais, de algum modo, ele possuía algum tipo de identificação, mas que, no entanto, agiam de modo extremamente dissonante com as normas de aceitação, tanto as vigentes como as suas que são, em parte, reflexos daquelas. Portanto, Filipe\* sente um desconforto e teme por seu futuro, visto que não possui referências positivas sobre seu presente e passado, gerando angústias e sofrimentos que incidem diretamente na sua constituição homossexual.

A angústia e o sofrimento, gerados pela identificação negativa daquilo que o constitui enquanto identidade sexual, marca a adolescência de Filipe\*: “[...] Até acho que por isso que tentei dar uma mascarada ou tentei, talvez involuntariamente, repensar alguns desejos meus em algumas épocas.” A negatividade, em torno das figuras e representações locais da homossexualidade no período, contribuiu para que Filipe\* desenvolvesse um processo de negação de sua própria homossexualidade, já que não conseguia se visualizar naqueles “moldes”. Porém, é importante salientar que é também na “não identificação”, na percepção daquilo que não se deseja identificar, que se reforçam processos de identificação com aquilo que realmente nos interessa. É também na identificação com aquilo que não se deseja, com aquilo que se mostra enquanto indesejado, que o sujeito constitui suas respectivas identidades (homo) sexuais.

Pensando a homossexualidade em suas “referências universais”, ou seja, nas imagens, discursos e representações sobre o tema no mundo e no Brasil, no período de 1980 a 2010, temos a religião como um forte dispositivo de poder local-universal, constitutivo das identidades homoafetivas locais. A esse respeito, os relatos demonstram praticamente não haver identificação positiva em relação à religião no que concerne às suas respectivas homossexualidades, visto que:

A religião tem um discurso muito, a católica da qual eu fiz parte, reforça esses discursos, na verdade eu acho que na maneira que eu tive esse contato com a religião, foi muito que eles nem consideram qualquer tipo de subjetividade, ali não há espaço, e aí lógico também teve uma influência grande no início, mas até certo ponto, porque eu nunca fui tão apegado. (JOSÉ, 33 anos, p. 12)

O desaparecimento em relação à religião, relatado por José\*, revela seu distanciamento em relação ao próprio discurso religioso. Seu testemunho deixa entender que não havia espaço, dentro do discurso difundido pela religião dominante no período (católica), para sua identidade homossexual e isso o afasta (va) dessa instituição. Para ele, o discurso religioso não comporta suas subjetivações e essa falta de identificação acaba por afastá-lo do

contexto religioso.

A falta de identificação e respectivo afastamento em relação à religião e religiosidade também é relatado por outros entrevistados:

Eu fui criado dentro da doutrina da Igreja Católica, obviamente, batizado, crismado com tudo que tem direito. Mas uma das grandes coisas que me afastaram da Igreja Católica foi a questão sexual, toda essa postura que a Igreja tem contra a homossexualidade; que é horrível, que não pode. Quando eu comecei a ter mais noção das coisas concluí que não posso frequentar um lugar, uma religião, uma Igreja, uma doutrina que não me aceite. (PEDRO, 44 anos, p. 11)

Mesmo sendo criado em um contexto de religiosidade católica tradicional, Pedro\* relata não sentir-se identificado com quadros de referência que não o aceitem enquanto sujeito desejante, identitário e subjetivo. Para ele, a partir do momento em que foi tomando consciência e posicionamento diante de sua homossexualidade, também foi se afastando dos discursos religiosos católicos tradicionais que realizam a segregação da homossexualidade em prol da heterossexualidade. No entanto, mesmo que excludente, o peso do discurso religioso não demonstrou vir a ser um instrumento direto de poder agenciante sobre as subjetividades dos entrevistados. De qualquer modo, a cultura católica regional revela-se um dispositivo insidioso de agenciamento das subjetividades locais quando se verifica seu poder de atuação sobre a constituição do contexto familiar.

Além de um dispositivo de poder disciplinarizador, a religião também é um espaço onde experiências positivas de socialização afetiva se produziram e se produzem:

Teve dois pontos que, primeiro o coral que por mais que tivesse essa questão com a Igreja, era regido pelo frei e tudo mais, mas o coral pra mim foi muito mais um espaço de vivenciar e de dialogar com pessoas diferentes, do que esse peso religioso. Então, um lugar de extravasar, de ter as experiências pela primeira vez, era adolescência, tem todo esse aspecto que ajuda, e a catequese eu fiz por fazer porque tinha que se cumprir tabela, foi algo que eu não questionei. Assim, por mim não foi nem um peso, mas também não foi uma grande revelação. Teve o último ano que até que era, a mãe de uma amiga minha que dava aula de catequese que aí, a gente saía da Igreja e ia pra casa dela a gente fazia discussões, mas sempre essa discussão do amor ao próximo mas nunca se entrava nessa questão do sujeito, do indivíduo, a tem que se amar o próximo mas até tem uma certa revolta em que me ajudava a não acreditar nesse discurso religioso. Porque era essa questão de amar o próximo, mas não o próximo que eu era, então gerava uma certa revolta, não uma revolta louca, mas uma revolta tranquila, assim. (JOSÉ, 33 anos, p. 11)

José\* relata suas linhas de fuga, os processos de retomada do desejo autenticamente expressas pelo seu produtor num contexto onde as regras interditavam-no. Mesmo que o campo social, no caso do contexto religioso, não permitisse a experimentação homoafetiva,

José\* relata suas formas de experimentação desejante homossexual como linhas de fuga autênticas aos seus desejos frente à estratificação dominante do poder disciplinarizador. Embora também confirme que a perspectiva religiosa não correspondeu a uma influência explícita de poder, mas a uma forma insidiosa que se fixava nas concepções socioculturais, tanto familiares como locais, seu testemunho revela a construção de táticas de engenhosidade desejante frente às possibilidades de inscrição.

Além dos sujeitos locais e da religiosidade católica, os entrevistados também conferem à mídia e à figura pública o caráter de dispositivo de poder agenciante “universal” em suas construções identitárias homossexuais:

Eu gosto muito de como o Jean Luiz representa essa questão do gay hoje, acho que ele surge até e a gente vai ver a própria construção, existe um início ali relacionado, até com essa coisa, o programa do Big Brother que isso eu acho querendo ou não, por mais que não concorde com muitos aspectos com esse tipo de programa, eu acho que quando o Jean Luiz ganhou, o fato de ser gay assumidamente, demonstrou uma maior aceitação da sociedade. Dos regimes sociais pela figura do homossexual, olha só ele venceu um programa que é a questão do voto popular, então isso demonstra sobre muitos aspectos uma mudança no olhar das pessoas o tema sobre o assunto, acho que é uma construção que se dá a partir da questão sobre a imagem e se dá de muitos aspectos da representação própria, mas é algo que vem à tona. Mas não é aquele gay tão estereotipado, tão carregado. A própria participação pública dele eu acho interessante, as posturas que ele assume. E simpatizo com a maneira com que ele construiu isso mesmo, tem alguns preconceitos meus mesmos em relação tipo de Big Brother, mas se não fosse pelo Big Brother não teria tido essa representabilidade sobre esse assunto específico, sobre a essa construção da imagem da persona. É o que eu acho que é bacana assim, aí ele, no Brasil mas quem. (JOSÉ, 33 anos, p. 05)

Para José\*, figuras representativas na sociedade, que lutam por direitos homossexuais, como Jean Luiz, são destaque na construção referencial macro identitária da homossexualidade. Seu relato demonstra que figuras cuja imagem e/ou discurso alcançam repercussão pública e que defendem a homossexualidade vêm contribuindo para o processo de desconstrução de estereótipos negativizantes em relação ao tema. A “celebridade”, por possuir grande poder de propagação imagética e discursiva, tem a possibilidade de colaborar no processo de desconstrução de discursos pejorativos em prol da construção de ideias como o respeito às singularidades identitárias, sobretudo, sexuais.

Na realidade, é possível afirmar que, atualmente, as celebridades vêm ganhando notável destaque em relação à formação de opinião de um modo geral. Foi-se o tempo dos grandes intelectuais influenciando gerações com seus complexos e críticos “sistemas de pensamento”, em prol de uma “cosmética da imagem”, do discurso e da atitude ligada a

sujeitos de apelo midiático imediato e impactante. Não mais Nietzsche ou Foucault, mas participantes de *reality show!* Não se está a criticar veementemente todas as celebridades, mas se questiona se isso é realmente necessário: abandonar as referências filosóficas e científicas em prol de referências bem mais aparentes, fictícias e superficiais.

É inevitável admitir que é um fenômeno ascendente o fato de as celebridades possuírem poder de discurso superior ao científico e filosófico na cultura ocidental no tempo presente. Fator que superficializa profundamente as relações de compreensão, identificação e produção identitária de um modo geral, sobretudo em sociedades onde a mídia convencional vem a ser o principal veículo de informação. No entanto, não sucumbindo ao pessimismo que esse tipo de constatação pode conduzir, acredita-se também no potencial positivo desse novo ator de influência “universal” que é a celebridade nos tempos atuais:

O peso de construção da imagem da celebridade é tal, a que elas acabam falando, acho que pessoa que de alguma maneira ou outra se manifestam, qualquer celebridade que de uma maneira ou outra se manifesta favorável, uma figura pública de alguma maneira expõe sua homossexualidade já ajuda. Na questão da desconstrução porque querendo ou não tem pessoas que geram núcleos de influência. Então você ter essas pessoas dispondo isso de uma maneira tranquila, ajuda muito. Nessa nova possibilidade de ser menos pesado, de ser mais natural, mais tranquilo pra aquilo que cada um acredita ser né o seu. (JOSÉ, 33 anos, p. 06)

Segundo José\*, a produção da sua identidade homossexual, assim como as dos demais entrevistados, encontra-se relacionada aos processos de identificação sociocultural. É a partir de quadros de referência e identificação social que suas subjetividades vão sendo constituídas singular-coletivamente e sua homossexualidade vai se “estruturando”, por assim dizer. Para ele, exemplos positivos como o de Jean Luiz atestam o poder de influência propagado pela figura pública, que tem, por sua vez, tanto a capacidade de gerar quadros positivos em relação à homossexualidade, como também o contrário.

A identificação com figuras públicas é algo constante em nossa sociedade. Na atualidade, a “celebridade”, isto é, sujeitos cuja imagem e/ou discurso possuem repercussão pública, encontram papel de destaque no processo de formação de ideias, opiniões e identidades, tanto em níveis singulares como coletivos. Geralmente, o sujeito produz pontos de identificação com a imagem e/ou discurso sustentado pela figura pública, que o atraem e o fazem sentir-se “próximo” da realidade apresentada pela celebridade, gerando um quadro de identificação.

A identificação com sujeitos públicos pode ser considerada “positiva”, no sentido de contribuir para a criação de referências sociais nos processos de subjetivação, de “interiorização” e questionamento dos códigos e valores socioculturais mais “universais”. Os relatos também apontam figuras de destaque no cenário da indústria sociocultural internacional, que se tornaram verdadeiros “ícones gays”<sup>38</sup>:

Quando eu comecei a me descobrir gay que eu percebi que é a primeira coisa que todo o gay houve é Cher e Madonna, e eu não sei explicar o que que acontece o que essa atração por música pop que o gay tem, mas é muito forte, e muito forte mesmo, e eu acho que as letras e o ritmo das músicas também influenciam, assim, bastante. Mas eu lembro de ouvir Cher, Madonna, Britney Spears, Cristina Aguilera, assim e aí tu começa se imaginar, nossa, eu sou a Cristina, aí tu começa cantar loucamente pela casa, aí tu vive o som e a letra, eu sempre tive muita influência na música pop gay, porque são cantoras gay! (JOÃO, 25 anos, p. 06)

João\* revela sua identificação com ícones da cultura pop que, por sua vez, são associadas à homoafetividade. Ele cita a questão da identificação não apenas com a arte produzida, mas com as próprias figuras representadas pelas “divas do pop”. Dentre os vários citados ícones gays, a cantora e atriz Cher<sup>39</sup> representa grande referencial entre todo o público homossexual entrevistado, sobretudo mediante sua postura icônica histórica de defesa e enfrentamento frente a comunidade LGBT<sup>40</sup>. Assim como João\*, Matheus\*

38 O conceito de ícones gays, também referindo-se às divas do pop, é recente e remonta à segunda metade do século XX, pois anteriormente o exílio, senão a prisão e até a morte, eram realidades vivenciadas pelo público homossexual. Marcadamente, a década de 1960 deflagra a gradual emergência de figuras artísticas e midiáticas de destaque – públicas – que defenderam e/ou assumiram a homossexualidade em contextos nacional e mundial. A esse respeito ver: AMBROSE, Tom. **Heróis e exílios: ícones gays através dos tempos**. Goiás: Gutemberg, 2011. E os sites: <http://www.experienceproject.com/l/pt/s/historias/Top-25-%C3%8Dcones-Gay/1010640> e <http://igay.ig.com.br/2013-03-05/a-musica-pop-em-12-icone-gays.html> Acessados em: 21/01/2014.

39 Desde meados da década de 1960, a cantora e atriz Cher já imperava na comunidade LGBT. Na realidade, a comunidade LGBT ainda nem existia e Cher já fazia apologia à defesa da autonomia de gênero e da homossexualidade. A americana Cherilyn Sarkis, conhecida como a excêntrica e não menos talentosa Cher, é considerada a Deusa do Pop há seis décadas. A Diva de 68 anos desempenhou uma trajetória artística e pessoal em prol da pluralidade e autonomia sexual e de gênero reconhecida mundialmente. Seu carisma, força, perucas exuberantes, roupas ousadas, voz grave, beleza etérea e extrema autenticidade foram e são fonte de inspiração, sobretudo para drags, travestis e transexuais, mas também gays e lésbicas revelam-se fãs da artista. O fato de sua filha ter se tornado transexual também colaborou para a consolidação de Cher enquanto maior ícone gay das últimas seis décadas (1965-2014). A esse respeito ver os sites: [http://cherclouser.warnerreprise.com/row/;](http://cherclouser.warnerreprise.com/row/) <http://virgula.uol.com.br/famosos/calçada-da-fama/saiba-porque-cher-e-a-maior-diva-gay-da-historia/> e <http://portalpoplandia.com/2014/02/16/por-que-cher-e-considerada-deusa-pop/> (Acessados em 21/01/2014)

40 LGBT é a sigla do Movimento em defesa da liberdade e igualdade para lésbicas, gays, bissexuais, transexuais e transgêneros. Oriunda da antiga sigla GLS (gays, lésbicas e simpatizantes), a sigla e o movimento “evoluiu” para GLBT na década de 2000, sendo renomeada para LGBT em 2008 em função das exigências pela visibilidade lésbica que se apresentou desde então.

também afirma que “quem representa a homossexualidade [é] a Cher, sempre foi um ícone, sempre vai ser.” A “força e coragem” da artista são atitudes admiradas entre o público homossexual desde a década de 1960, quando do início do seu estrelato. Tanto no cinema como na música, assim como também na própria vida pessoal e social, Cher é reconhecida internacionalmente por seus “papéis” em defesa da pluralidade, democracia e autonomia de gênero e sexual.

Força e coragem são elementos com os quais os sujeitos homossexuais se identificam, tanto localmente, como “universalmente”, visto que são sentimentos que se relacionam com suas vivências, seus enfrentamentos e tomadas de posição diante de suas homossexualidades. Ocorre um processo de identificação positiva a partir de elementos que “chamam a atenção” e que “fixam pontos” da subjetividade, através de elementos de encontro, admiração e/ou semelhança. Portanto, a força e a coragem são descritos como elementos que aparecem como pontos de identificação para com as respectivas referências identitárias.

O ritmo, as letras, a imagem, a força, a coragem, a representação – todos funcionando como discurso – são mencionados como elementos referenciais identificadores que demonstram um processo de identificação positiva. Os entrevistados demonstraram identificar-se com a postura corajosa e audaciosa expressa pelas divas do pop – os ícones gays:

Acho que as Divas como Cher e Madonna expressam sim uma questão identitária que foge dos padrões e isso acaba gerando uma comoção e acaba influenciando pessoas que de alguma forma querem até certo ponto ligar-se a esse “foda-se” e ser quem elas são independentes de serem tachadas por isso. Isso então inevitavelmente acaba acontecendo e um próprio fenômeno que eu presenciei que eu identifico bastante começa, inclusive até, principalmente com mais recentemente essa questão de artistas que são respeitados pelo seu trabalho e também se expor no sentido de se apresentarem enquanto homossexuais, gays, também acaba gerando essa ruptura, influenciando no sentido de naturalizar a questão cada vez mais. (JOSÉ, 33 anos, p. 13)

José\* expõe diversos elementos de identificação com os denominados ícones gays da mídia pop, também destacando a postura de força, coragem, enfrentamento e posicionamento expressas por elas. Para ele, o “peso” atribuído à figura e/ou discurso da celebridade produz quadros de comoção coletiva, e o fato de muitas celebridades defenderem e/ou assumirem publicamente a defesa da homossexualidade acaba contribuindo, por sua vez, para a naturalização desses códigos, práticas e valores socioculturais; logo também para uma identificação quase que inerente do público

homossexual para com elas.

Três pontos merecem ser particularmente destacados em relação à identificação homossexual com as divas do pop – os ícones gays. Primeiro, há uma identificação generalizada na atualidade, em relação a figuras públicas e celebridades. Na realidade, nos dias atuais é muito mais comum as pessoas conhecerem, gostarem e se identificarem com divas do pop, do que com cientistas e intelectuais, principalmente porque a produção e o acesso à informação seguem as regras dos jogos de poder e subjetividade vigentes que, na atualidade, estão a cargo dos discursos do produzir e consumir rápido e superficialmente. Segundo, a identificação citada pelos entrevistados é eminentemente com ícones do gênero feminino, sobretudo pelos motivos discutidos anteriormente em torno das relações e identificações com as correlações de gênero, correlacionados aos processos constitutivos entre gênero e sexualidade. E terceiro, a característica de coragem, enfrentamento e tomada de posição desempenhados por tais celebridades, que os “aproximam” mediante seus respectivos processo de enfrentamentos socioculturais frente suas respectivas homossexualidades.

Essas foram as principais experiências positivas com o dispositivo midiático de referenciação identitária em relação à homossexualidade relata pelos entrevistados. No entanto, num contexto geral, a atuação da mídia e sua influência é percebida com negatividade pelos participantes da pesquisa. Matheus\* relata que a mídia, principalmente nacional, “mostrou uma imagem muito deturpada do homossexual [...] na verdade mostrou uma imagem deturpada do homossexual que se revelou na década de 1980, que era aquele homossexual drogado, aidético e bagunceiro.” O homossexual era retratado como sendo o “desordeiro”, o “transviado”, aquele que não pertencia ao contexto sociocultural. Segundo Matheus\*, o homossexual era retratado pela mídia nacional do período como “o diferente”, mas no sentido de delinquência anômala, não de autenticidade:

Eu acho que tinha muito gueto, as coisas eram muito ali é o nosso lugar, então outras pessoas não iam, e se iam é porque simpatizavam e tal. André eu acho que agora a mídia fala, mas muito tempo sem literatura sobre isso, se existia era uma coisa que a gente não tinha muito acesso né. Não se discutiam questões sexuais, eu sou da época em que não se falava de sexo, em colégio de forma alguma né, então tudo o que a gente aprendia, a gente aprendia na rua, com alguém né, e eu sou da geração da AIDS né, então isso é outra coisa que foi. “Nós somos os culpados da AIDS”, então tu imagina. (PEDRO, 44 anos, p. 14)

O peso social que a deflagração da AIDS trouxe ao público homossexual talvez só possa ser comparado às terríveis formulações católicas medievais acerca do assunto. O fato

de ter sido atribuída erroneamente aos homossexuais a “responsabilidade” sobre a propagação do HIV na década de 1980 repercutiu e ainda repercute de modo extremamente negativo para a comunidade LGBT de um modo geral. De transgressores sociais, os homossexuais passaram a compor novamente um grupo minoritário incrivelmente segregado: “o grupo de risco”.

Segundo Pedro\*:

E eu fazia faculdade de medicina na época da AIDS né, então era uma coisa muito diferente, eu hoje olho pra trás e digo, meu Deus, e como Rio Grande é uma cidade de porto, o Hospital Universitário era referência em AIDS, até hoje é no Rio Grande do Sul. Mas ele tinha muito caso de AIDS, em função do próprio porto. A gente tinha contato com a doença AIDS, desde o terceiro ano de faculdade assim, muito próximo da gente, aquilo era chocante. Você não tem ideia ver o Cazuza com AIDS ver o, saber que o Renato Russo morreu de AIDS, que o menino aquele da novela, muito antigo, um ator da Globo muito famoso, o Lauro Corona, foi o primeiro a morrer de AIDS, assim famoso. Então assim, o que era aquilo né, assisti Filadélfia, o filme então era uma coisa, chocantíssimo tá, então assim eu tive um colega de faculdade, que eu convivi muito é meu amigo até hoje, que teve contraiu AIDS, em 1992. Aí começou aparecer um amigo, outro amigo, morre um, morre aquele, não tem tratamento, não tem remédio, não tem isso, então assim foi uma, hoje vocês tão no paraíso né. (PEDRO, 44 anos, p. 14 – 15)

Além da triste realidade trazida pela emergência da AIDS no contexto social e afetivo vivenciado, segundo Pedro\*, a mídia reforçava o estigma em torno da doença na construção do estereótipo do “homossexual aidético e promíscuo”. Para José\*, “o jornalismo ainda tenta se colocar num posto que não pertence a ele; de mediador das coisas.” (José\*, 33 anos, p. 07) Quer dizer, a mídia, enquanto dispositivo de poder, incumbindo-se de seu suposto papel de “detentora do poder da verdade sobre a informação”, acabou por realizar a segregação explícita da homossexualidade em torno da AIDS, até pelo menos meados da década de 1990.

Isso também deve-se ao fato de que o poder de formação de referenciais identitários que a mídia desenvolve foram e são canalizados para a produção de quadros desejanter em torno de bens de consumo. A homossexualidade não conferia valor de mercado propriamente dito até praticamente meados dos anos 2000, portanto, foi, geralmente, tratada com indiferença, invisibilidade, deboche e/ou segregação até bem recentemente.

O sujeito homossexual praticamente não possuía quadros de referência que não fossem negativos no contexto midiático, principalmente no Brasil. Segundo Matheus\*, na mídia brasileira prevaleceu a incoerência, o deboche e a desqualificação da homossexualidade, a partir da ridicularização do sujeito homossexual nos principais

programas televisivos:

É cabeleireiro, nada contra os cabeleireiros, muito pelo contrário, tenho vários amigos que são gays que são cabeleireiros, adoro os cabeleireiros mas, quer dizer, a mídia pintou um gay, que era drogado, e que só servia pra ser cabeleireiro entendeu. [...] Quer dizer que era só isso, a gente assistia TV olhando, que a gente era pequeno, nas novelas nas mini séries, nos programas de televisão, só aparecia o Seu Peru, na Escolinha do Professor Raimundo, aquela aberração entendeu. Tipo era, eu me lembro da minha época de infância do Seu Peru na escolinha do professor Raimundo entendeu, tipo era aquela visão do homossexual todo de rosa, com óculos, não sei mais o que entendeu. [...] Era o mordomo entendeu, era algum mordomo que tinha, que só servia pra servir as madames entendeu, serviam pra ser papagaio de pirata, das madames. Só servia pra fazer aquilo, ficar correndo atrás de madame, e na verdade era só pra isso, e era a única referência que a gente tinha, e aí na verdade o que acontece, a mídia na verdade durante muitos anos e daí a própria televisão reforçou esse estereótipo do homossexual que só serve pra algumas determinadas funções, e hoje nós estamos em todas as partes. (MATHEUS, 34 anos, p. 13)

Para Matheus\*, a mídia brasileira, sobretudo a Televisão, sempre mostrou uma imagem e/ou discurso muito deturpados sobre a homossexualidade e o sujeito de identidade homossexual. O deboche, a zombaria e a ridicularização eram, e muitas vezes ainda são, as maneiras pelas quais os homossexuais eram e são expressos na mídia nacional. Matheus\* demonstra seu desgosto pela maneira com que a homossexualidade e seus respectivos praticantes eram expostos no contexto da mídia nacional. Para ele, além de segregacionista, a mídia no Brasil contribuiu para a limitação de possibilidades de expressão desejante e identitária homoafetiva, profissional e, conseqüentemente, sociocultural dos sujeitos de identidade homossexual.

Essas formas de exclusão, violências e preconceitos, difundidas pela mídia, são relatadas como referências constitutivas nas respectivas construções identitárias homossexuais dos entrevistados. São elementos que fazem a contraposição àquilo com o que se identificam, com o que sonham, com o que desejam para si, pois são o oposto do que suas expectativas desejantes singulares reivindicam política e socialmente. A repulsa aos referenciais midiáticos brasileiros do período, também é fator de construção identitária de suas respectivas homossexualidade, pois no oposto, naquilo que se nega, também se constituem as identidades.

A mídia, enquanto equipamento/mecanismo – dispositivo de exercício de poder – de enunciação coletiva, “retoma” e agencia as subjetividades para a finalidade do lucro. Na medida em que a homossexualidade vai sendo reiterada pela ordem sociocultural dominante, a mídia também vai transformando seu discurso em torno da identidade e do sujeito homossexual, quer dizer, na medida em que a homossexualidade e seus respectivos

sujeitos incorporam status socioeconômico vantajoso à ordem capitalística de subjetividades, a mídia, enquanto dispositivo de poder, vai agenciando seus discursos em prol de certa “naturalização” de algumas práticas e posturas homossexuais já reiteradas ao binômio consumo e produção capitalístico.

O discurso midiático, como dispositivo de exercício de poder, instituiu e ainda institui, ideias e ideais – discursos – que atuam enquanto verdades no contexto das representatividades singular-coletivas. O corpo, o sexo e as sexualidades são incorporados ao discurso midiático insidioso, e se tornam “cosmeticamente” compráveis e vendáveis, visto que o que importa é a lógica do útil e do lucro, de acordo com o valor do mercado. Não há muito espaço para o desejo autêntico na atualidade, pois os próprios desejos já se (re) produzem nessa lógica do valor, do útil e do lucro, com a ideia de mercadoria – inclusive a identidade homossexual.

Segundo Guattari (1986):

A ordem capitalística é projetada na realidade do mundo e na realidade psíquica. Ela incide nos esquemas de conduta, de ação, de gestos, de pensamento, de sentido, de sentimento, de afeto, etc. Ela incide nas montagens da percepção, da memorização, ela incide na modelização das instâncias intrasubjetivas – instâncias da psicanálise reifica nas categorias de Ego, Superego, Ideal de Ego, enfim, naquela parafernália toda [...] A ordem capitalística produz os modelos das relações humanas até em suas representações inconscientes: os modos como se trabalha, como se é ensinado, como se ama, como se trepa, como se fala, etc. Ela fabrica a relação com a produção, com a natureza, com os fatos, com o movimento, com o corpo, com alimentação, com o presente, com o passado e com o futuro – em suma, ela fabrica a relação do homem com o mundo e consigo mesmo. (GUATTARI & ROLNIK, 1986, p. 42)

A ordem capitalística impõe-se sobre o sujeito do desejo. Os sexos, a música, as identidades, tudo, inclusive a homossexualidade, precisa ser mapeado, esquadrihado, incorporado e modelizado pela ordem capitalística, no sentido da lógica do lucro, do mercado, da propriedade e da mercadoria. Nada de singular no campo do desejo deve escapar ao agenciamento capitalístico, que precisa extrair seu potencial, somando, subtraindo, dividindo e multiplicando tudo ao valor mercadológico. Até aquilo que antes era negado, excluído, segregado, como é o caso da homossexualidade, passa a ser reiterado pelo sistema capitalístico de agenciamento subjetivo, que se apropria do sujeito do desejo dentro da própria escala desejante.

A exemplo da última novela da Rede Globo “Amor à Vida”, de Silvio de Abreu, em que o personagem homossexual “Felix” (Matheus Solano) além de “roubar a cena”, passando de coadjuvante a ator principal, desfechou o primeiro beijo gay da televisão

brasileira; fato impensado há pouco mais de uma década, quando o mesmo autor viu-se “obrigado” pela opinião pública a “assassinar” o casal lésbico vivido por Cristiane Torloni e Silvia Pfeifer de “Torre de Babel” (1999). A reiteração da homossexualidade em todas as áreas sociais, culturais e políticas está intensamente relacionada ao processo de reiteração econômico e financeiro que os homossexuais vem experimentando na atualidade. A posição socioeconômica vem transformando positivamente a situação do homossexual no contexto midiático, social, político e cultural brasileiro e mundial.

No entanto, embora muito se tenha avançado, no que concerne à visibilidade homossexual em âmbito nacional, Pedro\* afirma que o discurso midiático permanece, essencialmente, mascarando as diversidades:

Na TV brasileira, o casal começa gay na novela, parece que vai ser gay, mas aparece uma mulher no meio. Isso, agora tá aparecendo uma mulher no meios. A terceira novela seguida da Globo que aparece uma mulher no meio porque até pode ser meio gay, meio gay, a moda é ser *flex*, tão dizendo. Mas sabe que eu acho que é uma tendência, o bissexualismo das pessoas. O é o problema, não apareceu nenhum caso de um homossexual que seja coerente com o perfil social. O amor e o sentimento não tem sexo né, eu posso gostar de você agora e dele amanhã, sendo mulher né, se fosse mulher e não importa muito isso. Porque sentimento tu tem por todo o mundo, tu tem pelo pai, pela mãe, pelo amigo, pela irmã né, homem pela mulher. (PEDRO, 44 anos, p. 13)

Pedro\* relata que, ao mesmo tempo que se percebe certa visibilidade em relação à homossexualidade produzida pelo contexto midiático atual, ainda prevalece a não seriedade na abordagem do tema. Porém, mesmo que com relativa superficialidade, a homossexualidade vem deixando de ser segregada, pois vai sendo “incorporada” pela ordem social dominante ao ser reiterada ao sistema social de agenciamento das subjetividades capitalístico. A homossexualidade está sendo incorporada pela mídia mais por sua ascensão nos quadros socioeconômicos, do que por uma transformação ética dos dispositivos midiáticos, sociais, políticos e culturais em relação nesse contexto.

É interessante destacar que as lembranças de Pedro\* revelam que também na contradição das referências negativas se constituem sua identidade homossexual, já que, tanto no contexto local, como “universal”, as referências negativas também acabaram colaborando para a construção da sua identidade homossexual. Mesmo o ato de negar algo requer um processo de identificação oposta, mas que já é uma identificação com aquilo que não se quer – o indesejável. Quer dizer, aquilo que os sujeitos vêm a ser também está relacionado com aquilo que eles não querem vir a ser; na construção negativa do outro, o “eu” também se constitui.

A identificação com referências positivas e/ou negativas macro e micro estruturantes vai constituindo as subjetividades em todas as suas dimensões, pois é preciso criar os quadros referenciais semelhantes e opostos aos quais “eu” me identifico para compor as respectivas identidades constitutivas do sujeito. Os depoimentos revelam que, no processo de construção identitária homossexual, não apenas sujeitos, figuras, imagens e referenciais considerados positivos encontram-se atuantes, visto que, muitas vezes, as referências negativas também colaboraram para a constituição das identidades, que foram sendo tecidas [também] em contraponto, em oposição àquilo que não desejavam, que não consideravam como positivo. Mesmo na identificação negativa e na própria negação também se iam compondo as identidades homossexuais desse grupo que vivenciou e/ou vivencia na cidade de Chapecó nas décadas de 1980 a 2010.

#### 4.4 TORNANDO-SE UM SUJEITO: ACEITAÇÃO E TOMADA DE POSIÇÃO

Os relatos demonstram que perceber-se diferente dos demais sujeitos no contexto social foi um processo que exigiu bastante energia e gerou uma infinidade de sensações e sentimentos, tanto positivos como também negativos. Desde suas primeiras lembranças, os entrevistados se percebiam diferentes daquilo que se esperava dentro do contexto dos valores e códigos socialmente estabelecidos pela tradição regional e até “universal”. Segundo os testemunhos, constituir-se e compreender-se homossexual, sem muitos quadros de referência e/ou a partir de referências mais negativas, foi tarefa bastante complexa, para não dizer dramática. Muitas vezes, a confusão estabelecida pela equivocada concepção que indiferencia identidade de gênero de identidade sexual também se revelou importante vetor de compilação das subjetividades homoafetivas entre os entrevistados.

Perceber-se que aceitar-se e tomar posição frente a seus desejos é uma tarefa que também exige um processo de posicionamento complexamente autêntico e singular por parte dos sujeitos. Os testemunhos atestam que o processo de enfrentamento e de tomada de posição frente à identidade homossexual foi um processo bastante complexo e dramático, mas importante na construção da própria identidade homossexual. Para alguns entrevistados, a questão da compreensão e aceitação de si enquanto sujeito homossexual foi relativamente clara, já outros, relatam sentimentos de dor e sofrimento no processo de conscientização e aceitação de sua própria homossexualidade.

## Segundo Matheus\*,

A minha sexualidade sempre soube, e isso sempre foi muito claro, é incrível que isso, fazendo uma retrospectiva da minha infância, da minha adolescência, da minha juventude, isso sempre foi muito claro pra mim. O que eu sentia e o que eu era, nunca teve aquele momento, meu Deus eu sou gay e agora, vou ter que ir pro psicólogo, eu vou ter que fazer terapia, eu vou procurar um padre, eu sou culpado. Tanto que eu participava da Igreja porque eu acho que isso é normal, eu achava que isso era normal. Porque eu sabia que era um sentimento que eu não gostava de ter, mas eu tinha, e fazer o que, era assim e pronto. Ia na Igreja eu era do grupo de jovens, entendeu porque eu sabia que por mais que a Igreja condenasse, eu sabia que Deus conhecia, como até hoje ele conhece meu coração, e ele gosta de mim da forma que eu sou. Tanto é que na minha casa você vê que tem um monte de coisa sacra, e ele tá me olhando, me abençoando e ele me aceita do jeito que eu sou, a Igreja pode não me aceitar, agora Deus, eu sei que me aceita. (MATHEUS, 33 anos, p. 03)

Matheus\* percebe sua homossexualidade enquanto algo natural, pois “sempre soube” de seu desejo pelo mesmo sexo. Interessante que, paralelamente à naturalização com que Matheus\* encara e trata sua homossexualidade, de modo similar ele o faz em relação à religião: “eu sabia que Deus conhecia [...] e ele gosta de mim da forma que eu sou.” Além de uma referência positiva em relação à identificação relacional de sua homossexualidade com a sua forma de interpretação religiosa, o testemunho de Matheus\* também pode estar demonstrando certo apelo de aceitação: ao se referir a Deus como ser compreensivo e inclusivo, ele acaba por reivindicar uma aceitação incondicional, delegada pelo “ser supremo”.

Ao reivindicar a aceitação divina em relação à sua singularidade homossexual, Matheus\* [mesmo que inconscientemente] acaba por buscar e estabelecer seu espaço enquanto sujeito aceito dentro do contexto cultural e social em que vivencia. Isso colabora em seu processo de aceitação e posicionamento diante de sua homossexualidade. A própria forma de encarar a religião e o espaço religioso, enquanto contextos de aceitação, é uma forma poderosa de posicionamento e enfrentamento na sua construção identitária homossexual, frente ao campo social experienciado.

No entanto, enquanto alguns entrevistados tinham a questão da sua homossexualidade compreendida como realidade desejante “inerente”, outros sofreram mais para compreender, aceitar, vivenciar e se posicionar frente à sua respectiva homoafetividade. Simão\* revela sentimentos de angústia e medo diante de seus desejos homossexuais, pois ele incorpora a interdição social do próprio desejo:

Eu não queria pra mim, e aí na verdade teve nessa fase até meus vinte, vinte e cinco anos por aí eu não tive, eu olhava, queria, mas sempre com medo, tipo eu

tinha a desculpa de que tu pode olhar, é normal você olhar e achar as pessoas bonitas. Pra mim eu tinha essa justificativa, até o dia que eu entendi que não, fugi não dá, e foi quando eu tinha vinte e três, vinte e quatro anos por aí não sei, que foi a primeira vez que eu beijei um menino na verdade. Foi a primeira paixão da vida. Foi dentro da faculdade, depois disso eu me decepcionei né, aí eu hibernei de novo e eu voltei a ter relações só com mulheres e fui morar junto durante quatro anos com uma mulher. E quando eu separei é que voltei ter de novo algo com menino, eu estava com vinte e oito, vinte e nove anos eu acho e foi realmente que assim, na verdade, a primeira relação sexual com homens mesmo. (SIMÃO, 42 anos, p. 05)

Simão\* relata um processo de experimentação e tomada de posição complexo, dramático, sobretudo por ter mantido relações heterossexuais por grande parte de sua vida, em função da não aceitação de sua homossexualidade. Sua postura corrobora com o fato de ser função do poder incidir de modo a produzir esquemas de auto regulação singular, como lembrado por Simão\*. Seu processo de posicionamento demonstra uma realidade bastante agenciada nos moldes das expectativas culturais dominantes. O fator marcante no testemunho de Simão\* é que este foi o único entrevistado que apresentou esse sofrimento acentuado, essa negação explícita de seus desejos por um período relativamente significativo de sua vida.

Fuga, medo, culpa: sentimentos expressos por Simão\* no que concerne a sua homossexualidade. Sentimentos que se foram produzindo em meio ao agenciamento social de sua produção desejante. O depoimento de Simão\* demonstra que os vetores disciplinantes funcionam inteiramente diferentes de sujeito para sujeito; enquanto ele encontrava-se agenciado ao discurso tradicional, que o entravava nas experimentações e expressões desejantes homossexuais, os demais entrevistados acabaram tanto vivenciando como assumindo suas respectivas homoafetividades bem anteriormente (no período da adolescência).

Segundo José\*:

Eu me assumi, pra mim mesmo, olha, foi tarde, com dezoito anos. Eu lembro que foi no 2º grau, que junto com o Paulo\* um amigo meu, a gente começou na verdade a dialogar, a conversar mais sobre o assunto, porque o Paulo\* também é gay e ele viu em mim a possibilidade de se abrir nesse sentido. E a gente numa dessas, conversando a gente admitiu um para o outro esse desejo pelo sexo masculino. Engraçado que o Paulo\*, a gente nunca teve nada, a gente nunca sentiu atração física, essa atração, desejo um pelo outro, a gente nunca chegou a ter, mas a gente foi muito cúmplice nessa questão, dessa revelação do poder se abrir pro outro. Então foi nesse momento que aí eu consegui não racionalizar, mas eu consegui processar a ideia de que eu sou isso, e vou vivenciar isso. Eu posso vivenciar, eu devo, eu vou vivenciar isso e vou assumir as consequências que isso possa trazer, porque a ideia do preconceito continuaria existindo, mas ela me parecia menos agressiva, este preconceito do que esse preconceito colocado por mim mesmo. Em função de todo o processo e aí deslanchou.

(JOSÉ, 33 anos, p. 02 – 03)

José\* compreendeu sua identidade homossexual ao assumi-la para o amigo; além de compreender, também auto firmou sua identidade diante de si ao expô-la no campo social. Os relatos demonstram que perceber-se, assumir-se, pontos necessários a serem marcados se se quer pensar em vivenciar de modo mais autêntico as possibilidades desejantes, sexuais e afetivas. Os entrevistados trazem essa prerrogativa, pois todos são publicamente assumidos como sujeitos de identidade homossexual.

No entanto, os entrevistados revelaram não ter sido tarefa fácil conscientizar-se e posicionar-se diante de suas identidades homossexuais no campo singular e coletivo. Nesse processo de posicionamento, revelaram sentimentos de dispêndio, angústia, frustração, sofrimento, confusão, negação, etc., singularizados face ao campo social. Nenhum processo de posicionamento identitário pode ser considerado fácil, por assim dizer, geralmente, se configuram em condições traumáticas, porém, suficientemente capazes de gerar quadros de comoção singular mais “efetivos” em relação à realidade desejante no campo social.

Se posicionar diferentemente dos padrões socialmente colocados é um processo de enfrentamento de si diante de si, e de si perante o mundo. É nesses momentos de tomada de posição, de enfrentamento da realidade que as identidades se constituem mais profundamente, por assim dizer. Se posicionar em relação à sua identidade sexual diante de si e do mundo é um “evento fundante”, uma “passagem ritualística”, um processo de autoafirmação necessário para uma experiência social do desejo mais orgânica.

No seu processo de posicionamento, Pedro\* “racionalizou” – elaborou – sua identidade homoafetiva, pois ao assumir sua homossexualidade para o amigo, compreendeu e auto afirmou sua identidade, enquanto sujeito político do desejo. Segundo Guattari (1986),

O sujeito, a meu ver, está na encruzilhada de múltiplos componentes de subjetividade. Entre esses componentes alguns são inconscientes. Outros são mais do domínio do corpo, território no qual nos sentimos bem. Outros são mais do domínio daquilo que os sociólogos americanos chamam de “grupos minoritários” (o clã, o bando, a turma, etc.) Outros, ainda, são do domínio da produção do poder: situam-se em relação à lei, à polícia, etc. (GUATTARI & ROLNIK, 1986, p. 34)

Estar na encruzilhada, no limiar de diversos elementos subjetivos, é estar nos/entre extremos em relação ao processo de inscrição desejante no campo social. Quando Pedro\*

revela sua homossexualidade ao amigo, além de compreender sua condição desejante nos quadros gerais da cultura em que se encontra inserido, ele se posiciona diante do respectivo amigo, do mundo e de si. Seu testemunho demonstra que a tomada de posição diante da identidade sexual é um processo que requer um exercício intenso de inscrição social e que repercute profundamente na construção das suas subjetividades singularizadas de um modo geral.

A coragem admirada nas micro e macro referências identitárias, demarcada pelos entrevistados, encontra-se correlacionada ao fato de identificarem-se com esse tipo de postura de enfrentamento perante o campo social, tendo em vista que seus próprios posicionamentos exigiram carga de força e coragem. São relações íntimas e complexas que escapam ao estrito controle da razão, pois se produzem [principalmente] nos sentidos e nos sentimentos constituídos e constituidores das subjetividades.

Para Louro (2000):

Estamos diante das relações de si para consigo, relação essa que é simplesmente “consciência de si”, mas constituição de si enquanto “sujeito moral”, na qual o indivíduo circunscreve a parte dele mesmo que constitui o objeto dessa prática moral, define sua posição em relação ao preceito que respeita, estabelece para si um certo modo de ser que valerá como realização moral dele mesmo; e, para tal, age sobre si mesmo, procura conhecer-se, controla-se, põe-se à prova, aperfeiçoa-se, transforma-se.”(LOURO, 2000, p. 293)

O posicionamento sempre é em relação a algo, e se posicionar diante de si é um posicionamento de si também diante do mundo. Ao revelar sua identidade homossexual ao amigo, Pedro\* o faz frente a si, enquanto seu posicionamento; e ao campo social, enquanto laços afetivos. Elementos importantes em sua constituição identitária: seu posicionamento frente o amigo é seu posicionamento diante de sua própria identidade em relação a um representante do campo social; o outro. Pois, é [também] em relação, tanto de identificação como de negação, a esse outro que o eu subjetivo, dotado de suas respectivas identidades, se constitui.

Segundo Foucault (2006), o sujeito e suas identidades – suas subjetividades – produzem-se nas relações e atravessamentos múltiplos e variados de uma constante dialética com relação a si no campo social. Para Foucault, as identidades se constroem e desconstroem dentro de um contexto de relações relativamente hierárquicas de poder. A tomada de posição no que diz respeito à identidade sexual revela-se um processo complexo, no qual a identidade se inscreve em relação a si, correlacionada ao outro no campo social. Não é um momento fácil, ao contrário, é um processo dramático, pois

envolve uma forte produção subjetivo-emocional.

Nessa perspectiva, Pedro\* relata sua angústia no processo de posicionamento de sua homossexualidade frente a si e ao campo social:

Foi difícil me assumir, imagina eu escondia de todo o mundo, eu nunca vou me esquecer daquela minha amiga, que tá naquela foto ali, a Dani, nós éramos colegas de turma e até hoje a gente é muito amigo. E nós viajavamos juntos, pra Londres, pra Paris fizemos a viagem quando a gente tinha vinte e cinco anos, aí eu dormia com ela no quarto tal, mas nunca nada. O dia que eu resolvi contar pra ela, foi uns quatro, cinco anos depois, ela olhou pra minha cara, ela e a irmã dela que foi minha colega também, riram que se mataram né. (PEDRO, 44 anos, p. 03)

Pedro\* revela sua dificuldade em tomar posicionamento com respeito à sua identidade sexual, pois “escondia de todo mundo”, que é justamente o oposto de posicionar-se. O fato de Pedro revelar esconder-se, pode ser compreendido como uma tentativa de fuga e/ou negação de sua homossexualidade. A negação produz exercício disciplinante em seu processo de tomada de posição frente sua homossexualidade. Pedro\* também relata que os amigos corresponderam a laços afetivos importantes no processo de posicionamento com respeito à sua identidade homossexual.

De modo semelhante, Filipe\* revela serem os amigos laços afetivos importantes em seu posicionamento homossexual, já que compartilham de códigos socioculturais semelhantes, aproximadamente:

Então, pros meus amigos foi muito tranquilo, eu acho essa afirmação, e que foi necessário, foi uma coisa muito natural, de confissão, que alguns amigos eu nunca precisei chegar e falar: eu sou homossexual, não. Os dias, a rotina, alguma situação já disse isso por mim, então com os meus amigos eu nunca tive problema. Com a minha família, a minha irmã acho que é a primeira pessoa que soube de mim né, tanto que ela já sabia e a primeira coisa que ela me disse, tu não precisava ter me dito eu já sabia, desde a infância. Então a minha irmã sempre teve essa percepção, eu com os meus pais. (FILIPE, 24 anos, p. 03)

Os laços afetivos e afinidades culturais aproximam e facilitam processos de compreensão e posicionamento identitários. O relato de Filipe\* demonstra que a identificação com sujeitos cria laços afetivos capazes de produzir contextos de compreensão que permitem a aceitação de elementos subjetivos singulares, como as identidades sexuais diferenciadas da norma posta. A própria falta de necessidade de “assumir formalmente”, de oficializar sua homossexualidade perante os amigos, citada por Filipe\*, revela o alto grau de afinidade e aceitação presente nesse tipo de laço subjetivo. O fato de não precisar formalizar sua identificação homossexual colabora para uma

socialização mais criativa e original.

Nesse sentido, José\* também relata o papel positivo desempenhado pelos amigos em seu processo de posicionamento homossexual:

Com certeza os amigos ajudaram, pra mim pelo menos foi fundamental. Foi processando essa questão, a partir que eu tive diálogo com pessoas que eu senti a segurança de que eu posso ser quem eu sou, eu posso expressar os meus sentimentos diretos. E não vai haver julgamento entende, eu não vou estar sendo tachado ou sendo advertido por estar expondo isso. Tanto que a questão dos amigos foram as primeiras pessoas pra quem eu falei, foram os meus amigos bem antes, inclusive da minha família, da minha mãe. Então isso eu tenho total convicção sem as amizades eu não, sem a postura desses amigos, eu não teria me assumido. [...] Eu queria, tinha muita coisa a oferecer, mas quem não estava disposto a respeitar isso, então não tinha por que eu permanecer. Eu acredito que o Paulo\* teve uma influência, até pelo fato dele também ser gay, foi ele que puxou a conversa foi ele que expôs, e eu acho que existe aquela questão do encontro mesmo. De você se vê um pouco, não tão isolado não tão sozinho, isso é algo que é difícil não só por mim, então a maneira com que o outro passa a ser visto como um semelhante, alguém que compartilha determinados sentimentos. Acho que por isso meus amigos ajudaram a eu dar passos importantes dentro desse meu assumir e não ser mais aquela coisa velada. (JOSÉ, 33 anos, p. 03)

José\* relata que os amigos possuem um papel central em sua tomada de posição homossexual, visto que, através da identificação afetiva e cultural, sentia-se entre semelhantes, sem os preconceitos de um julgamento sobre suas práticas. O fato de seu melhor amigo também ser homossexual é citado por José\* como elemento contributivo para um processo de identificação e respectiva construção de uma relação possibilitadora do contexto de enfrentamento e tomada de posição diante de sua homossexualidade frente o campo social.

Os amigos são as pessoas com quem, geralmente, se constituem laços de identificação cultural e afetiva significativos. A convivência e as trocas de experiências realizadas no âmbito das relações de amizade são bastante contributivas na construção identitária e no posicionamento de José\*. Diante das trocas culturais e afetivas produzidas no contexto das relações de amizade, ele encontrou espaço para elaborar seu processo de enfrentamento e demarcar sua tomada de posição diante de si no contexto social em que se encontra inserido. Seu depoimento revela, inclusive, que no processo de posicionamento frente sua homossexualidade, os amigos caracterizaram-se como mais tolerantes do que sua própria família.

Os entrevistados revelam que posicionar-se enquanto homossexual diante do contexto familiar, demonstrou-se processo marcadamente emocionante e dramático. Segundo Pedro\*:

Eu contei pro meu pai e pra minha mãe, eu tinha vinte e sete anos, que eu voltei morar com eles de novo, então não tinha como mais esconder. E quando eu fui contar o pai me disse assim, nem precisa dizer ele disse, eu já sei o que tu vai contar, a gente sempre soube, e não muda absolutamente nada pra nós, a gente te ama do mesmo jeito. O meu pai é uma pessoa muito. A mãe já chorou mais, não queria que falasse sobre isso né, porque a mãe já é outra história. (PEDRO, 44 anos, p. 03)

Pedro\* relata que assumir sua homossexualidade foi um processo bastante complexo e que gerou sentimentos intensos de angústia e sofrimento, sobretudo em relação ao contexto familiar e sua respectiva [não] aceitação. Seu depoimento evidencia o caráter elementar exercido pela família no processo de enfrentamento e tomada de posição diante de sua homossexualidade. A necessidade de assumir sua homossexualidade e o consecutivo drama relatado em torno da aceitação familiar de Pedro\* atestam o caráter revestido de dispositivo de poder incorporado pela função familiar<sup>41</sup> na constituição dos sujeitos em, possivelmente, todas as dimensões subjetivas.

A família de Pedro\*, sobretudo sua mãe, sofre com o posicionamento do filho diante de sua sexualidade. Além de elementos subjetivos evidentes de afeto e preocupação, é um sofrimento que evidencia a atuação de outros dispositivos de poder em jogo na constituição da identidade dos próprios componentes do grupo familiar: a religiosidade católica e o contexto sociocultural colonizatório tradicional vivenciado. Elementos expressos na comunidade e, conseqüentemente, nos contextos familiares. Pode-se arriscar dizer que associado à religiosidade católica, com suas características de valorização da família tradicional, está o caráter “desbravador” masculinizante da cultura colonizadora local, como geradores do sofrimento apresentado pela mãe de Pedro\* diante do posicionamento homossexual do filho.

Como discutido no capítulo II, Chapecó apresenta um contexto social no qual o enaltecimento dos valores tradicionais, em torno do catolicismo, do trabalho e da família tradicional, se caracteriza pela expectativa em torno da heterossexualidade dos sujeitos, tanto masculinos como femininos. A expectativa social confrontada com a homossexualidade do filho produz tensão e sofrimento no processo de posicionamento da

---

41 A família enquanto grupo, independente da consanguinidade, foi e é tradicionalmente um dispositivo de poder quase que inerente ao sujeito, tendo em vista o próprio grau de dependência afetivo e financeira que um sujeito possui em relação a ela, mesmo que por tempo relativamente determinado. Freud viu na relação familiar, mais propriamente na dita relação triangular edípica de desejos amorosos e hostis, que a criança sente em relação aos pais, ou figuras paternas, a própria constituição do sujeito. Lacan amplia a representatividade familiar na construção subjetiva do sujeito, com o conceito de função familiar (paterna e materna). A ideia de função familiar é utilizada nessa pesquisa enquanto um mecanismo de exercício de poder disciplinarizante das subjetividades.

homossexualidade de Pedro\*; as exigências em torno de sua realidade desejante não correspondiam às suas possibilidades de inscrição.

De modo semelhante, Marcos\* relata o sofrimento vivenciado em torno de seu processo de posicionamento e aceitação homossexual no contexto familiar:

Minha mãe me dizia que tinham duas coisas que ela nunca iria, jamais aceitar num filho, a primeira delas seria ser drogado e a segunda e pior seria ser homossexual, entendeu. Isso era o reflexo do que se falava na época, o curioso é o seguinte, aconteceu daquela época pra cá é que a gente fala e convive normal e minha família sabe de tudo. Mas penso que a família é muito importante na construção de uma pessoa e minha mãe demorou para aceitar a ideia de eu ser gay, então não foi fácil entendeu. (MARCOS,44 anos, p. 09)

Marcos\* relata acreditar que a “família é muito importante na construção de uma pessoa.” Logo, esperava compreensão e acolhimento por parte de seus familiares, sobretudo de sua mãe. No entanto, a cultura familiar regional, que “gravita-va” em torno da positividade da família tradicional, realizava nova forma de segregação da sua homossexualidade. Seu relato demonstra que a interdição de sua homossexualidade estava sendo exercitada através do agenciamento familiar, pois era uma prescrição moral proferida por um dispositivo de poder eminente em suas subjetivações: a figura materna<sup>42</sup>. Suas lembranças revelam que, via de regra, aquilo que se diferia muito da realidade estabelecida pela tradição era tido como desvio e, portanto, não aceito, tanto pela sociedade como também pelas próprias famílias componentes dessa sociedade.

Coerção e agenciamento velados, realizados de modo insidioso e sorrateiro pela instituição familiar, enquanto dispositivo de disciplinarização social. É a isso que Marcos\* se refere quando relata a atitude da mãe diante de sua homossexualidade. Da negação

---

<sup>42</sup> Para se falar em figura ou função materna, conceito criado por Lacan para designar a figura desempenhada pelo papel feminino na criação de um sujeito, faz-se necessário compreender a ideia freudiana sobre o Complexo de Édipo. O conceito freudiano de Complexo de Édipo gira em torno da ideia do mito grego de Édipo-Rei: desejo pela morte do progenitor do mesmo sexo, em prol do desejo sexual pelo progenitor do sexo oposto. Segundo a Psicanálise freudiana, seria essa passagem ritualística presente na “fase fálica” (entre os três e os cinco anos de idade) e na “puberdade” (adolescência) que seriam estruturadas à personalidade e à orientação desejante singularizadas do homem. Sob sua forma “positiva”, se processaria a história de Édipo-Rei, na emergência do desejo pelo sexo oposto; em sua forma “negativa” se processaria o inverso, com a prevalência do desejo homossexual. Em o Anti-Édipo, Guattari e Deleuze (2009), não negam a existência do Complexo de Édipo, no entanto, desconstruem essa “ditadura edípica” limitadora e segregacionista que se impusera sobre a civilização ocidental, chamando mais a atenção para a multiplicidade das contingências produtoras dos desejos atuantes nas subjetivações humanas. De qualquer modo, os entrevistados demonstram uma relação bem mais próxima com a figura materna, do que com a figura paterna. O que é bem típico de uma sociedade com características de descendência de colonização italiana, centrada no distanciamento e na formalidade das relações masculinas, e maior afetividade nas femininas. Essa pesquisa considera a constituição e passagem edípica como mais um importante elemento constitutivo das subjetividades humanas.

relativamente velada, Marcos\* experimenta a reação explícita potencialmente adversa diante de sua homossexualidade: algo tão íntimo, algo tão seu precisava ser exposto, julgado. Desejo seu, mas diferente, essa é a grande questão, pois e se Marcos\* fosse heterossexual como seria isso? Não aconteceria, pois o sujeito heterossexual simplesmente corresponde àquilo que se espera, que está convencionalmente estabelecido. O sujeito heterossexual, ao contrário do homossexual, não precisa se justificar, nem se expor, nem sequer aguardar ansioso pela possível [suposta] aceitação sociocultural de sua própria identidade desejante.

Enquanto, os depoimentos revelam o drama em torno do processo de posicionamento homossexual vivenciado pelo público entrevistado, de maneira completamente diferente, sujeitos heterossexuais simplesmente podem vir a ser heterossexuais, não dependem de aceitação alguma da família, da sociedade, etc., pois correspondem à idealística estabelecida pela sociedade normatizada. Certamente um sujeito heterossexual não precisa perpassar por situações semelhantes aos sujeitos homossexuais entrevistados nessa pesquisa, nesses níveis de enfrentamento e tomada de posição sexual diante da família e da sociedade.

A complexidade da tomada de posição diante de uma sexualidade não tradicionalmente aceita, como é o caso do público pesquisado nessa dissertação, pode gerar sofrimentos, sobretudo quando não acontece a aceitação e/ou apoio familiar esperado. Como é o caso relatado por João\*:

Foi a partir dos quinze, assim, com quinze anos eu fiquei com o primeiro menino e ao mesmo tempo que eu gostava muito de me descobrir cada vez mais, e que saber que realmente eu era gay. Que eu gostava disso, ao mesmo tempo eu queria não gostar, eu queria dizer que não era verdade que, que era só uma fase mas que não, que aquilo não era pra mim. Porque a minha mãe já havia me pedido várias vezes se eu era gay porque como eu falei tu tem atos diferentes né, e as pessoas falam disso, ainda mais numa cidade como Chapecó. Então tu é comentado, e daí a minha mãe me pedia, e eu dizia. Não, não, não! E ela dizia, e ela falava mal, e a família fazia piadinhas disso. A televisão faz piadinha disso, enfim todos fazem né! E tu se sente mal, e tu se sente, tu não é normal, tu acha que as pessoas não vão te aceitar, que tu vai sofrer bastante, que isso é vergonhoso em frente a sociedade. Como que um profissional como eu quero ser um bom profissional, uma pessoa bem sucedida se eu vou ser gay! Aí tu começa a refletir sobre isso, aí você diz não, não posso, aí fica esse conflito interno de eu quero mas eu não posso. Então me assumi, pros meus amigos e vivo isso, mas ainda existe conflito com minha mãe que não aceita a ideia, é complicado minha mãe. (JOÃO, 25 anos, p. 02)

João\* revela a confusão entre querer se “descobrir cada vez mais” e a negação da própria homossexualidade, pois a pressão social e familiar (materna) acabou por

influenciar seus processos de enfrentamento e tomada de posição, tanto diante de si como da família e até mesmo da sociedade. Não sentir-se “normal”, sendo que esse “normal” corresponderia ao tradicionalismo heterossexual, traz à tona as idealizações particularizadas diante do contexto social. O sofrimento e a angústia vivenciados em seu processo de aceitação, enfrentamento e posicionamento homossexual faz João negar-se enquanto sujeito do desejo diante de si e dos outros. Porém, seu desejo homossexual é latente no “conflito interno de eu quero mas não posso”. Não pode porque seu desejo é não normatizado, não correspondente às expectativas sociais, familiares e [conscientemente] pessoais, mesmo assim ele o deseja.

A negação explícita demonstrada pela mãe de João\* corresponde a uma prática de não aceitação declarada da homossexualidade do filho. É uma atitude que faz João\* sofrer com relação à sua própria homossexualidade e constituição enquanto sujeito subjetivo do desejo. É um exercício de poder que visa sua disciplinarização dentro dos quadros gerais da cultura heterossexual dominante. Seu desejo por homens requer seu posicionamento, mas a relação familiar enquanto dispositivo de poder exerce uma função repressora disciplinante em suas próprias subjetivações, que também passam a questionar suas próprias sínteses desejanter homossexuais.

A negatividade exercida pela negação explícita de sua homoafetividade, realizada por sua mãe, leva João\* a auto negar sua própria constituição subjetiva homossexual. João\* passa a questionar-se e a desejar não desejar, pois ele não quer magoar seus entes queridos, não quer ser excluído, não aceito, indesejado. Por isso nega seu desejo e conseqüentemente a si. É triste, angustiante e dramática sua experiência de posicionamento identitário homossexual frente ao contexto particular e familiar. As marcas traumáticas desse processo traumático também atravessam e constituem suas identidades como um todo – bulimia, anorexia, depressão<sup>43</sup>.

Sentimentos de frustração, medo e negação são relatados como elementos presentes no processo de conscientização e posicionamento homossexual de João\*. A não aceitação familiar e a ação coercitiva, emanada pela perspectiva familiar, forjam uma realidade cruel, excludente e segregacionista. Esse tipo de experiência também é potencialmente constituinte das identidades homossexuais, pois incidem profundamente nas memórias.

---

<sup>43</sup> Existem diversos estudos na área da Psicologia que relacionam quadros de bulimia, anorexia e/ou depressão a dificuldades de conscientização, enfrentamento e tomada de posição com relação às respectivas identidades sexuais não normatizadas. A esse respeito ver: LAPLANCHE, J& PONTALIS, J. B. **Vocabulário da Psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

De modo similar, Filipe\* também relata ter sofrido com a negação, por ora velada, de sua homossexualidade, exercida no contexto familiar:

Meus pais fingiram que nada acontecia por muito tempo. E quando eu resolvi assumir pra eles, então eu já assumi que eu namorava também, então eu assumi que era homossexual e assumi que eu namorava, duas bombas no mesmo dia né. Então meu pai que eu achei que fosse ter alguma reação mais agressiva, mais violenta, talvez levantando o tom de voz, até me batendo talvez, ele só falou que a vida era minha, que ele nunca ia se sentir culpado por causa disso, que ele achava que tinha me dado tudo na minha criação. Então eu disse pai, isso não tem nada a ver com a relação, com a tua criação, falei pra ele ficar bem tranquilo. (FILIPE, 24 anos, p. 08)

A negação velada exercida pela família de Filipe\* pode ser entendida como uma forma de violência simbólica em relação às suas subjetivações, pois acontece de modo mais implícito e insidioso. Mesmo sendo aparentemente menos agressivo às subjetividades, como o caso da reação familiar descrita por João\* que sofreu exercício de violência explícita em relação à sua identidade; o processo de silenciamento produzido no contexto familiar de Filipe\*, em relação à sua sexualidade, também constitui elemento de experiência traumática atuante na construção da sua homossexualidade.

É importante salientar que as reações são relativas às experiências e respectivos contextos familiares e que, assim como as próprias identidades, as maneiras de reagir também se demonstraram diferenciadas. Pois, também casos de elaboração, aceitação e inclusão são relatados:

Contar pra minha mãe foi um dos momentos mais difíceis. Mas se deu duma maneira que me surpreendeu muito, assim pela reação da minha mãe, porque eu já tinha ouvido dela não diretamente pra mim, mas ouvido comentários preconceituosos por parte dela. Que é aquilo que eu falei, aquela reprodução que a pessoa fala, nem se dá conta, mas e aí eu lembro que eu contei pra ela eu já estava na faculdade, já tinha assumido pra mim pra alguns amigos. E aí eu fui falar pra ela, comecei a chorar, foi no aniversário dela que fui contar pra ela. Eu tinha dezoito anos, até que ela me acalmou e falou, olha eu sei o que você tem pra me dizer, mas é algo que eu não posso falar por você. Aí eu falei que eu era gay e ela falou, que já sabia, que isso não mudava nada, me acalmou e aí houve uma tranquilidade a partir daí em lidar com a minha família. Com o meu pai eu nunca tive o ímpeto de falar até porque ele nunca participou muito da minha vida assim, das minhas coisas, da minha decisão. Hoje eu já tenho uma relação de convívio que é tranquila, que não tem nada, nenhum peso, nada, mas ele não é alguém que participa da minha vida, assim ativamente que eu acho que tenha necessidade de falar. Ele deve saber, até porque desde criança eu sempre brincava, as minhas brincadeiras eram com as minhas primas, era com boneca, eu nunca gostei do carrinho, da coisa padrão. Presenciei uma discussão dele com a minha madrasta, também inclusive sobre isso. (JOSÉ, 33 anos, p. 03 – 04)

José\* expressa fortes sentimentos ao relembrar seu processo de posicionamento homossexual no contexto familiar. Diferentemente dos casos problematizados

anteriormente, ele descreve a reação de “naturalidade” com que se processou seu posicionamento identitário frente sua realidade familiar (mãe). A confusão de sentimentos e a pressão trazem comoção ao seu processo de posicionamento homossexual mediante sua mãe. A relação distante para com o pai acaba por não exigir tal tipo de relação de confiança pessoal, mas seu processo de posicionamento homossexual é experimentado com sua mãe carregado de sentimentos de tensão, afeto e realização.

De modo semelhante, Rafael\* também descreve como sendo relativamente “tranquilo” o contexto de seu posicionamento homoafetivo frente seus familiares:

Na verdade eu falei que queria contar pra minha mãe e ela disse não, não precisa porque eu já sei o que tu vai falar, eu disse então tá bom. Porque a minha mãe não chegou a pedir ela mas falar com um amigo dela, ele conversar comigo né, e daí quando ele veio conversar comigo nossa, eu fiquei todo ofendido. Eu fiquei meses sem falar com ele, depois de um tempo quando eu fiquei, quando eu saí a primeira vez com um cara. No dia seguinte eu quis contar pra ela, daí quando eu acordei fui contar pra ela, ela falou que não precisava contar, não precisa contar porque eu já sei, é então tá bom se já sabe [...] Então não, foi uma coisa que eu não precisei contar já sabem, a gente nunca conversou sobre isso. Com a minha mãe sim até porque com o meu pai e o meu irmão, tem mais um irmão, um por parte de mãe, um por parte de pai, mas tipo com a minha mãe sempre foi, foi super tranquilo. (RAFAEL, 30 anos, p. 02)

Rafael \* expressa incômodo para com a atitude desempenhada por sua mãe em tentar descobrir, através de um amigo da família, a “misteriosa” sexualidade do filho. Todavia, esse evento “indiscreto” não apenas o incomodou, como também constitui-se como um importante elemento necessário ao seu processo de posicionamento, uma vez que, o colocou frente a frente com sua própria realidade desejante homossexual. O questionamento o fez refletir sobre sua condição enquanto sujeito do desejo.

Após vivenciar a experiência homoerótica, Rafael\* decide revelar sua homossexualidade à sua mãe, pois sente a necessidade de se posicionar diante de si, de sua família e do mundo. Em seu relato, é sensível como sua tomada de posição diante sua homossexualidade foi aceita com “naturalidade” por sua mãe, demonstrando que as diferenciações de posicionamento e aceitação são respectivas aos sujeitos e consecutivos contextos familiares.

Ser aceito demonstrou-se característica buscada pelos entrevistados nas diferentes conjunturas com as quais interagem. Também demonstraram que ser aceito acaba por requerer um processo de enfrentamento e de tomada de posição diante de si em relação ao campo social. Os testemunhos atestam a complexidade e a importância do processo de enfrentamento e posicionamento frente à identidade homossexual, como sendo [quase]

imprescindível na constituição subjetiva singular do sujeito político do desejo. Não é apenas uma questão de assumir sua homossexualidade, mas de posicionar-se enquanto sujeito político desejante frente a si no campo social vivenciado.

Os processos de enfrentamento e tomada de posição descritos revelam a importância da coragem e da aceitação, enquanto requisitos importantes no desenvolvimento e na construção das identidades homossexuais do grupo estudado. Os depoimentos permitem a percepção de que o sujeito subjetivo é aquele que faz escolhas, que ama, que sente frio, que acerta, que erra, que sofre, que sente raiva, que trepa, que ama, etc. – que se posiciona. Portanto, a constituição do sujeito e da sua identidade sexual acaba por exigir uma tomada de posição que requer um processo de compreensão, aceitação e enfrentamento singular, tanto com respeito ao social, como a si diante desse campo social.

#### 4.5 EXPERIMENTANDO: DEVIR HOMOSSEXUAL EM CHAPECÓ (1980-2010)

Como discutido anteriormente, além de o desejo homossexual demonstrar-se presente desde as primeiras memórias reveladas pelos entrevistados, diversos aspectos, dispositivos e relações foram citadas como atuantes no processo de constituição das respectivas identidades homossexuais. Essa pesquisa compreende que o papel das vivências homossexuais também corresponde a experiências importantes no processo de construção identitária homossexual por seus respectivos praticantes.

Nessa perspectiva, a adolescência é citada pela maioria dos entrevistados como sendo o momento das primeiras “grandes experimentações homossexuais”. A esse respeito, é importante salientar que, nas sociedades ocidentais, a adolescência é considerada como sendo o momento formal de passagem para a fase adulta. Portanto, a adolescência é tida como o “momento oficial” das experimentações afetivas e sexuais que vão constituir as respectivas identidades sexuais dos sujeitos:

Essa fase da minha adolescência foi de descoberta né, eu estava querendo, sentindo vontade de ficar com os guris, mas sempre por debaixo dos panos, no sigilo, porque eles queriam assim e eu também. Ainda não me entendia, o que acontecia, queria, não era fácil. (MATHEUS, 33 anos, p. 16)

Matheus\* revela seu entusiasmo pela emergência das descobertas homossexuais da adolescência, quando acabou tendo que se utilizar de manobras e táticas para sua

realização desejante. Seu testemunho revela que seu desejo homossexual encontrou entraves no processo de inscrição social, pois o momento da sua adolescência está, assim como os demais sujeitos-períodos, vinculado ao contexto experienciado no respectivo campo social. O campo social chapecoense das décadas de 1980-1990 vivenciado por Matheus\* é também descrito por Pedro\* como:

As décadas de 1980-1990 foram terríveis, não havia muito espaço pra ser homossexual aqui né. Mas nós conseguimos desbravar e transformar a desgraça, o preconceito, de uma forma positiva, porque se você vê a minha geração; alguns fazem terapia, toma antidepressivos, mas até que tão bem. (PEDRO, 44 anos, p. 16)

Pedro\* descreve o contexto local, no período da década de 1980-1990, como sendo de pouco espaço para o devir homoerótico. Porém, mesmo sem muito espaço para a experimentação homossexual, maneiras de fazer, de criar caminhos enquanto linhas de fuga à estratificação dominante são descritas, tanto por Matheus\* que vivenciava sua homossexualidade “por debaixo dos panos”, como por Pedro\* que procurava “desbravar e transformar a desgraça, o preconceito, de uma forma positiva”. As táticas de realização desejante foram os dispositivos pessoais descritos como formas de tentar vivenciar as experiências homossexuais desejadas, mesmo quando de sua interdição social quase eminente.

É possível destacar a plasticidade presente na tônica da produção desejante homossexual descrita pelos entrevistados, pois a tenacidade das engenhosidades desenvolvidas na satisfação afetivo-sexual sobrepõe, de certo modo, a própria ordem social estabelecida. Os relatos demonstram como, para realizar os desejos singulares, o sujeito dobra, dribla e até ludibria a ordem social estabelecida em prol da emergência da sua realização desejante autêntica.

Na realidade, o que se desenha nessa Chapecó das décadas de 1980-1990, são correlações decorrentes dos exercícios agenciados de disciplinarização sociocultural recorrente em torno da heterossexualidade supostamente hegemônica, e maneiras singulares de enfrentamento e de tentativa de realização desejante homossexual. Ambas coexistem e nutrem-se mutuamente de si mesmas, pois a norma estabelece uma regra que, assim como em diversos códigos linguísticos, socioculturais, etc., apresenta exceções plausíveis diante da própria problemática da total aplicabilidade do sistema de agenciamento de um esquema dessa magnitude institucional. Não se pode agenciar a tudo e a todos em suas totalidades, somente parcialmente, pois os dispositivos de poder, com seus

respectivos arsenais de agenciamento, são parciais e incidem de modo parcial.

Mesmo sendo parcial em sua “essência” e atuação, os dispositivos de exercício disciplinador não deixam de realizar profundas influências nos modos de vir a ser dos sujeitos entrevistados, tanto em relação à sua homossexualidade segregada, como nas demais correlações dessa perspectiva agenciante e disciplinadora em todos os demais aspectos de suas vidas social e pessoal. Os testemunhos de Matheus\* e Pedro\* também revelam correlações decorrentes da ação do poder disciplinarizador exercido através do contexto social:

Nos anos 1990 e começo dos 2000, a sociedade ainda tratava com muito preconceito o homossexual, com aquela questão da ideia de doença. Alguns tinham essa visão muito da doença, a pessoa é doente, tem como curar, então falta de pedir graça né, ou um processo psicológico onde você vai conseguir reverter, enquadrar a pessoa, não tinha muito essa coisa da adversidade da forma como a gente entende hoje. E além disso, você tinha também determinados grupos que tratavam isso com bastante agressividade, aquela ideia a falta de vergonha na cara! (JOSÉ, 33 anos, p. 18)

A sociedade chapecoense da década de 1990 e início de 2000 é descrita como um espaço restrito no que se refere às possibilidades de inscrição desejante homossexual. José\* relata um contexto social que compreendia a homossexualidade ainda através do contexto da “doença psíquica”, passível de “reversão” e “cura” que, por si só, já trazem a questão da culpabilidade inserida, pois “inserir” no sujeito a ideia de que ele precisa “melhorar”, se “curar”. Quando isso, inevitavelmente, não acontece se produz efetivamente um outro sofrimento, seguido pela auto culpabilização.

A culpa, enquanto atributo cristão capitalista, acorrenta o sujeito nos quadros gerais dominantes da cultura dominante. A negatividade com que a homossexualidade é compreendida na Chapecó dos anos 1980-1990 reproduz o ideário de uma sexualidade “errada”, de um desejo “pervertido”. Elementos que acabaram segregando a homossexualidade em prol da heterossexualidade como sexualidade moralmente aceita no contexto social do período supracitado.

O depoimento de José\* também descreve que, além de ser compreendida como doença psicológica por uma parte da sociedade chapecoense de então, outra parcela via na homossexualidade uma questão de “perversão social” – de “falta de vergonha na cara”. Esses elementos constituíam a visão e atuação social chapecoense, enquanto leque de dispositivos de agenciamento subjetivo da homossexualidade naquele contexto. Os testemunhos demonstram que as primeiras experiências homoeróticas vivenciadas, na fase

da adolescência (em sua maioria no final da década de 1980 e meados da década de 1990), geralmente, gravitavam em torno da ideia da auto culpabilização por acreditar-se estar a transgredir as expectativas sociais vigentes.

Segundo José\*:

Eu acho que muito ligada na ideia da culpa, ideia do proibido, não digo do sujo, acho que não, mas acho que mais do proibido, velado, do escondido, e vem com uma certa culpa em função de não conseguir, não ter coragem de libertar, de certas amarras, assim que pelo ato em si né. E de achar que sempre eu ia ter que vivenciar essas experiências dentro de momentos fugidios, de momentos passageiros simplesmente, e não poder aquilo fazer parte do meu dia a dia, fazer da minha construção diária. (JOSÉ, 33 anos, p. 06)

O testemunho de José\* deixa claro que o desejo homossexual fazia parte de sua realidade desejante, do seu vir a ser sujeito político no mundo. No entanto, por se tratar de um desejo compreendido como errado, não autorizado, não permitido diante do contexto social vivenciado, ele sentia-se culpado e realizava seus desejos homossexuais de modo clandestino, já que acreditava que esse desejo não poderia fazer parte do seu dia-dia, da sua constituição identitária. Essa interpretação negativa do próprio desejo, mediante o fato deste não se encaixar nos ditames da ordem social dominante local-universal, pode ser considerada outro resquício de atuação insidiosa do exercício do poder social disciplinarizador nas subjetivações dos sujeitos entrevistados. A ideia de culpa sentida por José\*, em relação aos seus desejos e experiências homoeróticas, está intimamente ligada às concepções que se tinha, e que se tem, em torno da sexualidade tradicionalmente focada na heterossexualidade da Chapecó do período.

Como já mencionado anteriormente, e sobretudo no segundo capítulo, a tradição da cultura italiana, predominante na região, é de positividade em torno da família tradicional católica, estruturada a partir de uma relação heterossexual. Segundo José\*, essa realidade local, de enaltecimento da relação heterossexual, acabou por inibir e clandestinizar, inicialmente, suas relações homossexuais:

No primeiro momento, pelo menos pra mim, foi muito naquela coisa clandestina. Tipo, você pode vivenciar isso, mas ninguém pode saber, isso não pode transparecer. Então acaba tendo aquele prazer clandestino. Aquela propagação do teu desejo daquela maneira escondida, de maneira que depois você possa se distanciar dela e aí conter, reprimir ela o máximo do tempo que você consegue, mas chega uma hora que volta, você sabe, sempre volta, essa minha constituição enquanto sujeito com certeza passa por essa, essa minha ideia de constituição homossexual identitária com certeza passa por isso. Primeiro pela não possibilidade de viver essa sexualidade, depois pela desconstrução desse conceito de uma sexualidade errada, e por fim as possibilidades de aí sim

vivenciar elas de uma maneira natural e de uma maneira tranquila, de uma maneira não pesada. Todo o meu processo enquanto indivíduo passa por isso com certeza. (JOSÉ, 33 anos, p. 07)

A ideia de clandestinidade e de segredo em torno das próprias experiências homossexuais, mencionada por José\*, revela o poder exercido pelo contexto social enquanto dispositivo de agenciamento subjetivo. Viver de modo clandestino, escondendo seus desejos e experiências homoeróticas, foi a linha de fuga desenvolvida por José\* para vivenciar sua homossexualidade. No entanto, ele relata forte preocupação em não deixar “transparecer” sua identidade sexual, pois compreende que, diante das exigências sociais que se colocavam, sua homossexualidade não possuía a receptividade positiva desejada.

O medo de ser publicamente visto como homossexual, inicialmente, inibe suas experimentações desejantes diante do campo social, mas José\* sente desejo por homens e têm relações homossexuais, mas o faz tudo na clandestinidade, tal qual um criminoso realiza um delito. Essa é a premissa por detrás da problemática da naturalização e segregação de uma sexualidade em detrimento de outras! Os sujeitos negligenciados de suas possibilidades de realização e inscrição públicas desejantes acabam por criar linhas de fuga capazes de realizar, de algum modo, seja qual for, suas respectivas sínteses desejantes.

Clandestinidade, erro, pecado, tantas adjetivações são auto descritas pelos entrevistados para exemplificar a tônica das relações homossexuais enrustidas que desenvolveram ao longo de seus respectivos processos de construção identitária homossexual. O problema dessa perspectiva de relação clandestinizada é justamente a falta de perspectiva de real experimentação das possibilidades desejantes diante da própria homossexualidade frente o campo social. Ao invés de vivenciada plenamente na medida de suas possibilidades sociais, a homossexualidade permanece no contexto do ilícito, do não permitido, do pecado, do errado e do delito. Esse ideário do “errado” vai incidindo pesadamente em suas subjetividades, a ponto de o fazer clandestinizar suas experimentações homossexuais de modo que parece que ele mesmo o quis desse jeito, isto é, José\* auto clandestina suas experiências homoeróticas, pois também já as percebe como erradas.

O testemunho de José\* também revela que, justamente por vivenciar seus desejos homoeróticos de modo clandestino, sua identidade homossexual encontra-se profundamente relacionada à sua construção enquanto sujeito, pois possibilitaram,

paulatinamente, a desconstrução da ideia de sua homossexualidade constituir-se como uma “sexualidade errada”, uma vez que, vai percebendo-a como sua construção identitária sexual latente, inerente em si. Matheus\* também sente sua homossexualidade como “parte inerente” à sua constituição enquanto sujeito identitário do desejo:

Com dezesseis anos foi a primeira vez que teve um sexo mais, que foi a primeira vez que eu fui passear né, que eu prometi que eu nunca mais ia dar o cu! Não, aí tá beleza, aí foi com dezesseis anos, beleza aí depois demorou, beleza com dezesseis tranquilo, daí depois demorou, falei que nunca mais, aí com dezessete eu conheci um cara mais velho, bem mais velho, daí eu fui ativo também e gostei. Daí gostei, daí achei mais confortável, aí depois eu fui passivo de novo, aí comecei a gostar, aí depois eu acho que, aí sim, aí eu soltei a fera. Fui descobrindo as coisas. (MATHEUS, 33 anos, p. 06)

Para Matheus\* as experiências homoeróticas tiveram papel fundamental na construção, tanto de seus desejos, como de sua identidade homossexual, pois suas vivências foram enriquecendo sua experiência desejante em torno de sua busca pela satisfação sexual. A própria experimentação é descrita como contributiva no sentido de compreender e desenvolver mais autenticamente seus desejos homoafetivos. Matheus experimenta e vai identificando desejos e sensações que colaboram na construção identitária de si como sujeito de seu desejo.

As experiências são fundamentais na construção identitária do sujeito singular do desejo. E isso se processa concomitante às possibilidades de inscrição desejante que se estabelecem no jogo de poder em exercício no contexto vivenciado. No entanto, poder experimentar diversificadas formas de produção e realização desejante na Chapecó das décadas de 1980-1990, quando da adolescência da maioria dos entrevistados, era um privilégio relativamente experimentado por parcelas mais audaciosas da sociedade local, descrita como restrita no que se refere às possibilidades de inscrição desejante homossexual:

Minha adolescência foi muito enrustida, eu não era muito de sair, eu não bebi, eu nunca tinha como, então eu era meio discriminado na sociedade pelo fato de ser gay. Então eu não tinha amigos homens, os meus amigos eram estranhos também né, as minhas amigas, eram mais meninas, então eu saía às vezes, eventualmente. A minha época de adolescência era uma época ainda muito rígida, não fazer, não poder ir, não. Então eu me relacionava com as pessoas do colégio e tal, mas foi uma adolescência meio, não foi uma coisa assim, aí badalação, namorar. (MARCOS, 33 anos, p. 07)

Além da dificuldade em compreender a dinâmica da própria realidade desejante homossexual, Marcos\* revela que a sociedade atuava enquanto forte dispositivo de poder

disciplinarizador diante de seu processo de construção identitária homossexual. A rigidez social por ele citada acabou influenciando para que ele não vivenciasse diversas formas de interação social, sobretudo sua homossexualidade, no período da sua adolescência, tendo em vista que o campo social não abria espaço para suas produções desejantes.

Um elemento importante na constituição do desejo é sua característica de busca; a busca por sua realização. A não busca, a paralisação e a desistência na experimentação desejante homossexual descrita por Marcos\*, revelam elementos complexos e dolorosos que fizeram e fazem parte de sua construção identitária homossexual. O não fazer também revela um fazer insidiosamente inscrito: uma forma de não enfrentar, não viver seus respectivos desejos homossexuais – auto interdição desejante. Sentimentos arbitrários que [também] acabam influenciando na constituição identitária homossexual de Marcos\*.

Os testemunhos revelam, em sua maioria, que mesmo sendo uma sexualidade não autorizada, a homossexualidade era por eles vivenciada, geralmente, de modo clandestino, escondido. Porém, a homossexualidade clandestinizada não deixava de ser praticada. Quer dizer que, mesmo “por baixo dos panos” o desejo homoerótico encontrava seu lugar de realização de acordo com os testemunhos da maioria dos entrevistados. A esse respeito, José\* relata que:

Essa questão do mascarar, então, se vivia, quem vivenciava isso vivenciava numa maneira muito velada, muito escondida e tanto que as minhas primeiras experiências foram assim. Também foram nesse sentido, então, e existia um preconceito inclusive por quem vivenciava isso. Existia uma reprodução desse preconceito, por quem vivenciava isso, principalmente essa ideia de ser tratado como uma questão da doença e como uma questão de hostilidade mesmo. (JOSÉ, 33 anos, p. 18)

O testemunho de José\* demonstra que, ao mesmo tempo em que se constituem enquanto importantes linhas de fuga à estratificação dominante do poder social disciplinarizador, as relações homoeróticas “clandestinizadas” acabam também por reforçar medos, preconceitos e tabus, como por exemplo o fato de se instituir um medo e preconceito em relação a própria identidade homossexual. Quer dizer, o fato de as relações homossexuais se processarem na clandestinidade, acaba contribuindo para que permaneçam desse modo. A tônica das relações homossexuais clandestinas correspondeu, assim como ainda corresponde, muitas vezes, às possibilidades de realização desse tipo de desejo no campo social chapecoense.

É importante considerar ao clandestinizar as relações homossexuais, ao escondê-las enquanto prática e identidade sexual, política e cultural acaba sendo uma atitude que

reforça preconceitos, exclusões, violências e a segregação, tanto do desejo homossexual enquanto prática, como também do próprio sujeito homossexual enquanto identidade. A homossexualidade clandestinizada socialmente, acaba por se torna outro dispositivo de agenciamento de exercício de poder disciplinarizador da própria homossexualidade, pois relega as práticas homossexuais ao segredo, incorporando-as ao ilícito. Essa dinâmica da homossexualidade praticada em segredo e tratada nos moldes do ilícito, reforça tanto os históricos preconceitos nos sujeitos não homossexuais, como também os institui nos próprios homossexuais.

Marcos\* também relata a atuação insidiosa da sociedade enquanto dispositivo de poder em sua constituição identitária homossexual:

Era um assunto velado, era uma coisa que não se falava, geralmente que falava perto de mim, isso no meio em que eu vivia, quando se falava disso, era uma coisa sempre puxando pra um lado negativo, ou que a pessoa vivia uma fase desgraçada na vida, entendeu a pessoa. Nossa o Marcos, por exemplo, o Marcos coitado foi uma figura na minha infância, na minha adolescência, ele era filho de uma professora do colégio onde eu estudava, a mãe dela era professora, uma pessoa maravilhosa, uma pessoa especial, e o filho dela era homossexual. Ele foi a primeira coisa homossexual que eu vi por perto, porque o menino era muito maltratado, era um silêncio, tu entende. O menino quando andava na rua tu percebia que era uma menina, mas andava de terno e gravata, ele se formou em direito, e virou advogado. Ele andava na rua com terno e gravata, mas quando andava, tu entendeu, ele não conseguia segurar aquilo. Ele foi muito maltratado e o pai dele, a mãe e o pai cuidavam dele, apoiavam ele, colocaram ele no psicólogo né, onde depois houve uma história que ele disse pro psicólogo e o psicólogo mostrou uma revista com foto de mulheres, nessa revista, junto com a mãe dele. Diz que ele disse pro psicólogo, que ele não sabia se ele queria uma mulher daquelas ou se ele queria ser uma mulher daquelas. E ele era um rapaz muito bonito, muito bonito, muito feminino, ele era quase uma moça, tu entendeu. E aquela era uma imagem que eu tinha então, não se falava no assunto, era uma coisa velada, quando se falava era uma coisa sussurrada, tu entendeu, como uma vergonha, porque era uma vergonha, entendeu. E ali eu vi naquela mulher que era a mãe dele uma pessoa, era uma pessoa maravilhosa e eles apoiavam o filho. (MARCOS, 36 anos, 13 – 14)

Marcos\* traz um testemunho importante sobre a atuação insidiosa do poder disciplinador, mesmo que velado, em atuação no *sócius* chapecoense em relação à homossexualidade na década de 1990: a visão do estigma sofrido pelo filho da professora. Essa experiência faz Marcos\* sentir a ação segregacionista incorporada pela sociedade de então em relação à homossexualidade. Da ação da família à ação da sociedade, é possível perceber forte atuação do poder disciplinarizador que impunha valores negativizantes à homossexualidade no contexto local.

Os contatos com os contextos social e familiar são bem demarcados como importantes elementos constituidores da identidade homossexual entre os entrevistados.

Para Marcos\* o contexto social chapecoense da época (década de 1990) é visto como segregacionista e gerador de sofrimentos intensos. Essa realidade local, de segregação velada e/ou explícita da homoafetividade, fez com que o período de experimentação homossexual da adolescência se demonstrasse para muitos entrevistados como um processo difícil. No entanto, a dificuldade na experimentação desejante homossexual verificado na adolescência dos entrevistado não corresponde somente às complexidades inerentes à própria fase da adolescência, mas, principalmente, à sua própria constituição enquanto sujeito de sexualidade não tradicionalmente aceita e estabelecida pelo contexto sociocultural vivenciado.

#### Segundo Marcos:

A adolescência foi cruel, porque na adolescência eu era completamente deslocado de todos, eu fui perdendo os meus amigos um a um por causa das meninas. Eu dancei um ano numa internada gauchesca porque por teu pai queria que eu dançasse para garantir que tu ficasse um homem. Não fui dançar na internada porque o meu melhor amigo dançava numa internada. E eu era apaixonado por ele, apaixonado por ele, e fui por muito tempo, fui por dois anos, ali naquele período entendeu. Já é um outro amigo claro, aquele já tinha caído na vida, até mesmo foi. Só que eu não tinha grupo, eu não tinha uma turma, ninguém me queria por perto. Eu vivia, eu caminhava e me jogava e a pessoas nada, ficava um tempo ali, depois não dava mais eu seguia para outro grupo, assim eu era entendeu. Então pra mim era muito claro que tinha muita coisa na minha vida que iria acontecer, e que eu morria de medo como ia ser. Encarar a homossexualidade, eu tinha muito medo disso, muito medo, medo que eu fosse discriminado, que eu fosse maltratado, medo de apanhar. Eu tinha medo é de ser maltratado de ser excluído, eu tinha medo de ser rejeitado. Eu não lido com rejeição, eu tenho um problema muito sério em lidar quando ocorre isso, eu não lido com rejeição. Quando me rejeitam eu me sinto, eu me acabo, entendeu. (MARCOS, 36 anos, p. 08 – 09)

Marcos\* revela sentir medo em relação ao contexto social referente a sua homossexualidade, pois sentia a atuação insidiosa do poder disciplinarizador em suas subjetivações mais íntimas: as desejantes. Seu relato demonstra que o medo pela discriminação social pode ser considerado uma experiência de auto violência subjetiva simbólica em relação ao poder singular e a respectiva ação, pois atuou e atua em suas subjetivações, criando outros entraves, tanto em relação à sua sexualidade, como para além dessa relação. A exemplo, o medo pela rejeição generalizada supracitado pelo entrevistado, que possui, na realidade, íntima relação com os espectros das relações de exercício de poder que, incidindo sobre outras relações de exercício de poder, seguem agenciando até o agenciado!

É de se atentar para o fato inegável de que os processos de exclusão e segregação

homossexual vivenciado pelos entrevistados, repercutiram em intensidades e maneiras diferenciadas e autênticas em suas respectivas e múltiplas constituições identitárias. Tanto positiva, como negativamente, as experiências vivenciadas interferiram em suas construções singulares. No caso das experiências relatadas pelos entrevistados, percebe-se que suas memórias são bastante marcadas pela dor e pelo sofrimento em função de processos traumáticos experimentados. Percebe-se que essa dor e esse sofrimento relatados relacionam-se, particularmente, às relações de poder em exercício em relação às suas respectivas homossexualidades no contexto vivenciado. Percebe-se que, vir a ser homossexual na Chapecó das décadas de 1980-1990 demonstrou-se tarefa bastante complexa, pois os vetores do poder inviabilizavam-na, dificultavam-na e a clandestinizavam.

A inviabilização e clandestinização realizaram a segregação da homossexualidade no contexto social chapecoense vivenciado pelos entrevistados, foi produzindo, por sua vez, quadros depressivos que os afetaram profundamente, tal como acima relatado por Marcos\*. A história de Marcos\* é uma história de rejeição, medo, exclusão, angústia, dor e sofrimento, pois suas formas de enfrentamento frente aos processos de agenciamento das suas subjetividades homossexuais no contexto chapecoense de então, não davam conta da problemática estabelecida pela sua forma singularizada de elaborar e vivenciar as experiências e expectativas singular-sociais dominantes.

Em um contexto mais geral pode-se afirmar que a realidade social local era vista eminentemente como não inclusiva, quando não segregacionista e excludente, em relação à homossexualidade na década de 1980 e 1990. Segundo José\*, isso deve muito ao fato de que:

Não viam pelo aspecto da doença, mas como e aí eu acho que tem um ponto que contribuiu muito negativamente na década de 1980, 1990 de é a questão da AIDS que passa a ser associada diretamente, que cria toda uma metáfora em torno da doença que tá diretamente ligada a questão dos homossexuais, tu passa a tratar como se fosse uma doença de homossexuais, de gays. Então eu acho que isso traz um peso muito forte assim um peso muito negativo, muito cruel, principalmente pros gays masculinos, por essa associação que se faz e tem também a questão do Cazuzu que acaba meio que se tornando um símbolo disso né. Então eu vejo que era muito isso, assim essa questão da doença e da hostilidade contra essa questão da homossexualidade. (JOSÉ, 33 anos, p. 18)

Aspectos referentes à concepções retrógradas e pejorativas, como o apelo em torno da ideia da AIDS, eram reforçadas no contexto local como forma de fazer exercer a ordem tradicionalmente estabelecida em torno da heterossexualidade aparentemente hegemônica.

O testemunho de José\* corrobora com a perspectiva da imagem do gay promíscuo, aidético e baderneiro que prevalecia na mentalidade nacional-regional do período. Preconceito e segregação, são descritas como as práticas disciplinarizadoras desenvolvidas pelo exercício de poder social em relação à construção identitária homoafetiva no contexto local, entre os anos 1980 e início de 2000.

Segundo os depoimentos, até meados de 2000, a tradição local regional perpetuou uma imagem homossexual pintada em torno da ideia de desvio normativo, de pecado, de doença e/ou de perversão social. No entanto, os testemunhos revelam que, paulatinamente, novas concepções e formas de vir a ser singular e socialmente a homossexualidade vieram sendo produzidas e expressas, sobretudo no período de 2001 em diante:

De 2000 e pouco pra cá, a própria questão do posicionamento de figuras públicas, da própria questão da mídia, da própria questão da discussão que passa a acontecer de uma maneira mais evidente. Então isso acaba, eu vejo que tem ainda assim, um certo conservadorismo nos espaços de uma maneira geral principalmente nos locais de diversão, de lazer que existe sim um certo conservadorismo, mas que já é um conservadorismo que abre brechas pra outras vivências. Pelo menos sofre menos acredito quem tá expressando sua homossexualidade agora. (JOSÉ, 33 anos, p. 20)

Para José\*, a década de 2001 representa certa ruptura com a visão estereotipada que a sociedade chapecoense tinha em relação à homossexualidade. Ele cita diversos elementos contributivos para uma ampliação na percepção em relação à homossexualidade no contexto local, que vão desde as novas posturas e atitudes de referências ditas “universais”, como a mídia, por exemplo, até às experiências de vivência homossexual propriamente ditas no contexto local.

As transformações socioculturais da década de 2001 também são referenciadas por Simão\*, como importante para suas experiências homossexuais: “Foi quando eu comecei a viver minha homossexualidade [...] essa última década tá abrindo mais espaço pra todas as sexualidade, gays, lésbicas, todos estão vivendo melhor, pelo menos melhor que antes era né! (SIMÃO, 42 anos, p. 11 – 12) Para Simão\*, a última década revelou-se transformadora no contexto do posicionamento de diversas identidade sexuais, inclusive a sua, pois foi quando passou a vivencia-la de modo mais efetivo, por assim dizer.

De maneira semelhante, José\* relata que:

Aí já foi sem esse peso da culpa, já tinha me assumido, existia muito uma questão de querer vivenciar a parte do amor romântico, isso me constituiu durante algum tempo com uma pessoa não muito agradável, sabe. Não agradável para os demais, e vinha até uma certa amargura, um certo azedume, do fato de

não poder vivenciar, acho que fiquei tanto tempo idealizando essa coisa de amor romântico e não, quando tinha chance de certo não acontecia aquilo, e aí eu acabava me fechando, assim, sobre muitos aspectos em função, e aí teve todo o processo de desconstruir essas minhas próprias idealizações. As minhas próprias projeções pra conseguir relaxar esse, ser mais feliz nesse sentido, mas eu aproveitei muito a minha questão em relação a minha sexualidade, mesmo a exploração digamos, física, nesse processo eu aproveitei bastante. Tanto com pessoas, com caras que já eram assumidos, que já tinham uma, onde rolou uma certa história, um certo envolvimento também sentimental não só afinal com caras que não eram assumidos, mas que existia esse apelo físico na jogada. (JOSÉ, 33 anos, p. 08)

José\* revela que, a partir da década de 2001, as possibilidades e formas de experimentação de sua homossexualidade, foram perdendo o caráter culpabilíssimo oriundo de diversos processo segregacionistas por ele vivenciados. Isso porque ele pôde vivenciar experiências que desejava com mais compreensão a respeito de sua experimentação e identidade homossexual. E mesmo permanecendo sentimentos de frustração, em relação à suas projeções homossexuais, José passou a viver suas experiências sem a culpa terrificante sentida outrora.

Diversos são os motivos que conduziram a essa “abertura” em relação à homossexualidade na cultura ocidental. Segundo José\*, as transformações da última década, são também referentes, por sua vez, à emergência de novos dispositivos de comunicação e sociabilização:

Com *Internet* porque eu estava na faculdade, era no início, assim da, começa aqui ter mais essa questão do ter essas salas de bate papo, eu lembro que eu trabalhava na faculdade, no laboratório de redação e aí muitas noites eu ficava sozinho e entrava na sala de bate papo e muito encontro marquei por lá. Muito cara eu conheci nesse, claro inicialmente cara que não queriam que isso fosse, claro o meu interesse era a questão do sexo mesmo, depois os próprios espaços, aí que permitiam conhecer pessoas que além do interesse sexual também tinham uma expectativa afetiva na jogada e que permitia também vivenciar outras histórias entendeu. Eu aproveitei bem digamos a fase da faculdade, realizei fantasias que eu tinha, de digamos se entregar aos desejos de corpo e alma, sem essa questão da culpa e muito de uma maneira muito produtiva digamos, assim. Então acredito que tenha vivenciado bem esse aspecto e depois também fui amadurecendo esses próprios, a própria ideia de desconstruir essas idealizações, e vivenciar outras experiências também afetivas mais densas, mais profundas. (JOSÉ, 33 anos, p. 08 – 09)

A propagação da comunicação virtual é relatada por José\* como um importante fator de abertura às possibilidades de experimentação desejante homossexual. As multiplicidades de possibilidades de interação trazidas pela mídia informacional, com suas respectivas redes sociais, permitiu a conexão de diversos sujeitos de diferentes identidades. A emergência de espaços virtuais e físicos de sociabilidade homossexual, são descritas

como fatores que colaboraram para que se fosse transformando o contexto homossexual local sobre a identidade homossexual.

A fase da vida e interação universitária, relatada por José\* como espaço privilegiado para a emergência de possibilidades de realização e autoafirmação desejantes homossexuais, atestam a emergência de certa “democratização” em torno da homossexualidade. Mesmo sendo quase que inédito ao espaço universitário, a experimentação mais desinibida das síntese desejantes homossexuais vai consolidando uma “nova” percepção sobre a própria homossexualidade, por sinal bem mais livre das antigas amarras da tradição imposta socialmente.

Poder experimentar seus desejos abriu caminhos para o desenvolvimento de subjetivações cada vez mais autênticas às próprias sínteses desejantes, mais originais às subjetivações singularizadas e menos atreladas à exigências mais estritamente oriundas do campo social. José\* testemunha o prazer em torno da sensação de poder delegada pelas experimentações orgânicas na sua construção identitária homossexual, e nesse contexto José\* relata que os espaços de sociabilidade colaboraram particularmente para a emergência e consolidação dessas possibilidades de realização desejante:

Na verdade no final dos anos 1990 começou a ter alguns, mas antes disso em Chapecó eu lembro que quando eu comecei sair tinha a República, que era frequentada, não era um lugar especificamente gay, mas tinha uma grande incidência de gays ali no local, no recinto. É aí eu lembro que outras experiências, eu lembro de um bar o Panaceia, mas aí acho que já era ano 2000. A República não era um espaço escancarado, um espaço gay, mas um espaço e como vários gays frequentavam, era um local onde você de certa forma podia se encontrar, havia possibilidade de quem sabe vivenciar alguma coisa nesse sentido homo. (JOSÉ, 33 anos, p. 17)

Os espaços de sociabilidade são relatados como importantes referenciais na construção da identidade homossexual masculina de Chapecó entre as décadas de 1990 aos dias atuais, pois corresponderam a contextos possibilitadores de experiências homoeróticas interessantes aos sujeitos homossexuais. Segundo José\*, o final da década de 1990 já iniciava certa abertura social para experiências homossexuais mais interessantes, por assim dizer, sobretudo se comparadas aos testemunhos relatados anteriormente que gravitavam em torno da clandestinidade e do segredo.

No entanto, são os anos 2001 em diante que são relatados como emergentes de certa abertura social significativa da homossexualidade no contexto local, inclusive no que tange às socializações. Segundo Rafael:

Tinha o Panaceia. Ali perto da UNIMED. Foi o primeiro bar que abriu, tipo assim GLS né, tipo assim que era bar durante a semana com lanche e coisa, que era muito engraçado, tipo assim porque você percebia uma diferença. Tipo assim, durante a semana de quinta a sábado ele abria na metade da tarde, tipo assim o bar né, então na metade da tarde em diante, você via aquele bar cheio de sapatão. Era assim, quanto sapatão, todo mundo sentado assistindo futebol, e toda aquela sapataiada assistindo futebol, comendo e bebendo que nem umas, que nem uns macho né. Aí final de tardinha pra entrar a noite começava a chegar a bicha e a sapata, começavam a ir embora, que é a bicha é da noite né. Daí chegava as bicha no bar e a sapata começava a sair, daí começava os drinque, acabava os lanches né, começava os drinques pra de noite liberar a boatezinha que tinha no fundo né, era muito engraçado. Depois do Panaceia, eu lembro que fechou o Panaceia e abriu o *My Club*, ali onde foi o Mano Cabeleireiro. Aquilo bombava, enchia de gente. Que era um lugar bem maior já, aí eu comecei a frequentar o *My Club*, aí na época que eu comecei dava bastante movimento e tal. E daí com o tempo foi parando, é engraçado como não se mantém né, tipo foi um tempo que era bem frequentado e tal e começou a cair. Aí abriu o *Lips Clube*, da Carla. Da Carla, daí foi a época das montaria e tudo mais. Foi uma época que começou aparecer as *DragQueen* em Chapecó, que a Carla começou trazer, daí as primeiras que teve de concurso e coisa foi ela que praticamente, a gente porque era amigos.. Aí foi uma época bem divertida também, aí depois acabou fechando também, aí começou as festas esporádicas, tipo assim né, saia uma festa numa chácara. (RAFAEL, 30 anos, p. 08)

O surgimento de espaços de sociabilidade direcionados ao público LGBT por si só demonstra a própria emergência da homossexualidade no contexto local, a partir de referenciais mais positivos e/ou mais inclusivos. Os testemunhos demonstram que foram e são espaços onde puderam encontrar possibilidades de diversão e sociabilização homossexual, em um contexto que, anteriormente, a invisibilidade e o silenciamento em relação à homossexualidade eram via de regra. Para Simão\*, a “balada gay está consolidada em Chapecó: o Panaceia, [...] outro que era da Carla, a *Lips*. teve o Senhor Bar, a *Lips* foi depois. E depois o *Yés* Banana. O *Yés* que tá aí a um tempão, consolidado.” (SIMÃO, 42 anos, p. 10)

É sensível a transformação positiva com relação ao contexto e concepção homossexual local, tanto no que cerne aos espaços de sociabilidade, como também na própria dinâmica homossexual e no consecutivo tratamento social de um modo geral. De um local onde nem se falava em homossexualidade, a não ser para segregar e estigmatizar, à “baladas gays” consolidadas, Chapecó perpassou na última década por um grande processo de transformação [relativamente] positiva em relação à homossexualidade. Isso pode estar relacionado ao fato de que a sociedade local, assim como a brasileira e o próprio mundo, vem “evoluindo” na perspectiva de produzir certa abertura para as possibilidades de inscrição desejante homoafetivas. Sobretudo, porque correspondem a um grupo de situação socioeconômica privilegiada capaz de contribuir para o consumo e a produção,

como comentado anteriormente.

O testemunho de José\* traz outro importante elemento para a análise: a estética das “baladas gays” que foram surgindo em Chapecó, ao longo da década de 2001, estão [coincidente e] intimamente relacionadas com a ideia de clandestinidade, desqualificação e promiscuidade:

O *Yes Banana*, agora com mais de quatro anos, mas que também funciona onde era uma antiga zona e do lado de uma zona atual, então tem ainda essa relação desses espaços relacionados com promiscuidade então, ainda tem esse apelo. Uma coisa mais livre que era legal também dos espaços não precisar estar tenso com as tuas atitudes, com o que de repente até nos outros espaços sofrer algum tipo de violência física ou psicológica, verbal violência verbal, muito comum. Nesses espaços não tinha essa preocupação, então por mais que se tinha essa coisa meio que funcionava num submundo assim, estético inclusive, mas você tinha esse contra ponto de uma maior liberdade. (JOSÉ, 33 anos, p. 17 – 18)

A constituição desses espaços relacionados à promiscuidade e desqualificação social revelam que a homossexualidade em Chapecó, sofre um “novo” processo de segregação, ainda mais velado, até mais presente e mais insidioso na constituição identitária homossexual local.: o fato de as “baladas gays” terem estado e ainda estarem, relacionadas à aspectos pejorativizados, como a promiscuidade e a prostituição, são elementos que atestam “novas” formas de exercício de poder social disciplinarizador no processo de agenciamento das subjetividades homoafetivas locais.

É importante salientar que, de um modo geral, as baladas “setorizadas” enquanto guetos, tem diminuído consideravelmente em prol de baladas “mistas”, em que diferentes sujeitos de diferentes identidades interagem e se relacionam, num jogo mais democrático de interação, sedução e desejo. Segundo Filipe\*:

Hoje em dia os gays estão concentrados no Rock, sem se esconder ou se escondendo. Imagino, mas eu não frequento, que no sertanejo, imagino que em todos os públicos. Eu por exemplo sou um gay frequentador de Rock né, e na maioria das festas que eu vou, quando eu vou no *The Wall*, qualquer outro lugar de Rock, metade olha, ou posso colocar 40% do público é gay, não escondido, assumido mesmo, não escondido. (FILIPE, 24 anos, p. 11)

Para Filipe\*, as barreiras entre “mundo hetero” e “mundo gay” estão ficando mais tênues, sendo que os espaços de sociabilidade são citados por ele como comuns a ambos os públicos. Quer dizer, em Chapecó vem se desenvolvendo um processo de desmistificação dos “guetos homossexuais”, em prol de certa inclusão da homossexualidade nos espaços comuns. Isso é um fenômeno observado no mundo de um modo geral, pois cada vez mais percebe-se a tendência massificante exercida pela ordem capitalística que não quer perder

nada ao agenciamento do desejo enquanto fenômeno do lucro; numa balada “mista” existe muito mais possibilidades de relações de consumo e produção, do que em baladas “setorizadas”, “guetificadas”.

Foi-se o tempo de rótulos estritos, mas os rótulos não param, ao contrário, aumentam, porém, sua maleabilidade também aumenta: as baladas vão deixando de ser setorizadas e passam a englobar todos os múltiplos “setores sexuais”. Mesmo sendo fruto da própria dinâmica capitalística de consumo e produção agenciante das subjetividades, a “democratização” das baladas para os públicos variados, vem colaborando para a diminuição do estranhamento em torno das relações homossexuais no contexto local. Porém, a maioria dos entrevistados ainda percebem em Chapecó a atuação de um poder disciplinarizador que segrega a homossexualidade, correlacionado, por sua vez, a uma estética mais socioeconômica, por assim dizer:

Chapecó ainda é uma cidade muito provinciana né, uma cidade que está em transformação sim, porque eu vejo aqui em Chapecó, pelo meu trabalho. As pessoas estão aceitando melhor uma opção sexual diferente, porém mais uma questão até de opção sexual, é uma questão mais de postura, de vestimenta do que qualquer outra coisa. Então é que Chapecó não aceita pessoas que não estão enquadradas dentro de uma forma de agir, dentro de uma forma de vestir, uma forma de viver, muito mais do que dentro de um comportamento sexual. Então, tem aquela: ah eu sou gay mas eu estou dentro, eu estou dentro dum espaço de trabalho e com a postura julgada como correta e adequada pra aquele ambiente de trabalho, tudo certo. As pessoas podem saber da minha opção sexual, as pessoas podem me perguntar, eu digo que eu tenho um namorado, pode causar um impacto inicial talvez pra essa pessoa. Mas a rotina, a tua postura na rotina faz com que isso se dissipe aqui em Chapecó. [...] eu vejo pessoas que tem talvez um porte, uma maneira de agir, uma maneira de vestir diferente, ela tem um estigma maior dentro da cidade entendeu. Elas fogem dum padrão, quando a pessoa faz um padrão estético sabe. Daí eu já vejo um problema maior ainda, daí não é aquela coisa, tu faz o que quiser dentro da tua casa sabe. É a tua a tua roupa tá me incomodando, o teu jeito de agir nesse momento está me incomodando, nisso eu vejo um estigma muito grande. É maior que da questão da sexualidade, é a questão da sexualidade exteriorizada na questão da roupa, de alguns comportamentos não vistos como certos pelo padrão profissional, familiar da sociedade. (FILIPE, 24 anos, p. 11 – 12)

Para Filipe\*, a sociedade local, enquanto dispositivo de exercício de poder, exercita outro processo insidioso de segregação em relação a homossexualidade: não apenas o homossexual, mas, principalmente, os sujeitos que não se encaixam na idealística estética esperada como padrão na Chapecó dos dias mais atuais. Filipe relata perceber que prevalece um processo de julgamento e exclusão de todos aqueles que não seguem os padrões estéticos concebidos como corretos na sociedade local. Essa ideia de “expectativa estética social” referida por Filipe\*, está intimamente relacionada à posição

socioeconômica ocupada pelo sujeito. Quer dizer: passa a vigorar um exercício de poder que visa disciplinar a sociedade local dentro de padrões que giram em torno da potência de consumo no status de relacionamento social apresentada pelos sujeitos.

Filipe\* chama a atenção para o “estranhamento diário” em relação à estética dos sujeitos no contexto local, demonstrando a importância de se manter numa aparência comportamental social condizente com as ideias de trabalho, lucro e desenvolvimento, características da região. Seu testemunho afirma a perspectiva de que, atualmente, não é mais tão relevante a questão de vir ou não vir a ser homossexual, mas que existe uma preocupação e um enquadramento dos sujeitos em torno da respectiva posição socioeconômica ocupada. O trabalho, a condição financeira, o status social, a aparência sustentada, o modo de se portar, são elementos expressos pelo exercício de disciplinarização da sociedade chapecoense de um modo geral no período atual.

Como elemento de exercício de poder classificatório em vigor na atualidade chapecoense, o ideal do status socioeconômico também é incorporado pelos sujeitos de identidade homossexual que almejam ser aceitos e respeitados nesse contexto social. Tal como relata Pedro\*:

Eu não preciso sair desmunhecando, te beijando, te agarrando, querendo agredir todo o mundo com um comportamento. Sair falando da minha cama, do meu, eu não preciso disso, o meu pai e a minha mãe não falam da cama deles, sobre o sexo deles, porque que eu tenho que fazer né. Então eu sempre digo, nosso comportamento tem que ser igual ao de todo o mundo, que as pessoas vão nos respeitar, enquanto isso não acontecer sempre vai ser a história, veado, horrível. (PEDRO, 44 anos, p. 10)

Pedro revela o interesse em se enquadrar nos ditames que reiteram a homossexualidade dentro dos quadros gerais dos valores capitalísticos vigentes na Chapecó atual. Ao mesmo tempo em que revela seu interesse em participar dos moldes sociais prescritos para os sujeitos chapecoense, inclusive homossexual, ele segrega os demais homossexuais que não se encaixam nos parâmetros das exigências estéticas e socioeconômicas estabelecidas pela Chapecó dos dias atuais.

Na realidade Pedro\* acaba revelando uma postura tão preconceituosa para com os homossexuais que não se agenciam nos moldes estéticos e socioeconômicos atuais da homossexualidade reiterada pela ordem capitalística, quanto à postura histórica excludente da própria sociedade de um modo geral em relação ao tema. Quer dizer, sua postura para com os sujeitos homossexuais que in/conscientemente procuram sublevar as noções de

gênero, “papéis sexuais”, comportamento, etc., acaba por ser no mínimo tão preconceituosa quanto a postura desempenhada pela própria sociedade na realização da segregação da homossexualidade.

Esse preconceito implícito em torno da própria homossexualidade, revelado pelo testemunho de Pedro\*, demonstra que os sujeitos, inclusive homossexuais, são tanto (re) produtores, como produtos dos discursos produzidos e difundidos nos respectivos contextos sociais experimentados: Na Chapecó progressista atual, os homossexuais de classe média acabam incorporando muitos dos ideários e preconceitos que se vão estabelecendo enquanto comportamentos esperados para determinados grupos e classes em determinados locais. O preconceito dentro do próprio “grupo homossexual” revela a multiplicidade das relações sociais de poder e subjetividade, pois revela a capacidade de transformação discursiva e comportamental em prol da inclusão/experimentação.

Porém, isso também se processa mediante o fato de a ideia de grupo, de comunidade homossexual não corresponder nível suficiente de integralização e referência no contexto homossexual local, tal como testemunha Marcos\*:

Eu tenho um problema muito sério com essa história dos grupos gays, lésbicas, simpatizantes lá vai pedrada, eu tenho um problema muito sério porque assim eu não curto a Parada do Orgulho Gay, eu não curto, entendeu. E não concordo com o Dia do Orgulho Gay em que fazem uma parada, que vai todo o mundo pra rua fazer fuzarca entendeu, pra todo o mundo ficar na beirada olhando, me diz a aonde que isso pode ajudar a causa homossexual. Onde isso pode nos ajudar a conseguir aprovar leis, a ter garantias, ter segurança no futuro. Na boa não é, não consigo encontrar a ligação de respeitar que eu sou indo, assistindo uma Parada Gay entendeu, porque eu conheço muitas pessoas que foram assistir uma parada gay, e saíram nas jaulas, tu entendeu. Porque o que falta pra mim, o que falta na boa mesmo explicar, o dia que eu expliquei pro meu pai, eu me dei conta que era exatamente isso que faltava. Alguém precisa explicar o que, que acontece com a gente e não dizer que eu adoro ser gay, não é isso. Não ajuda, isso atrasa a vida no final das minhas contas. (MARCOS, 36 anos, p. 14)

Marcos\* revela aspectos notáveis da homossexualidade no período da Chapecó atual: o fim dos guetos, das exclusões voluntárias em prol de uma subjetividade mais humanizada. Não mais gays, ou lésbicas, ou negros, etc., pessoas. Seu testemunho critica veementemente essa espetacularização da homossexualidade como característica histórica do contexto homossexual local e universal. Entre os entrevistados não se percebeu nenhuma alusão à alguma comunidade gay. É possível perceber nos testemunhos que, acima de tudo, sentem-se e percebem-se enquanto pessoas com suas respectivas homossexualidades, que são sim tidas como importantes elementos de suas constituições identitárias enquanto sujeitos políticos e sociais do desejo, mas não como sua existência na

totalidade.

Antes de homossexuais, os entrevistados deixam claro querer ser tratados como seres humanos, com profissões, sonhos, amores, interesses e perspectivas diversificadas, projeções, planos. Sujeitos políticos e sociais desejantes e cidadãos de suas experimentações no contexto das relações de poder e subjetividade da Chapecó do período estudado e do período atual. Os testemunhos dos entrevistados vão ao encontro do que Mott coloca:

[...] o que nós queremos é que as pessoas não se vejam como negros, não se vejam como homossexuais, não se vejam como mulheres; que as pessoas se vejam como pessoas humanas, que tem o direito de transarem com quiserem. O fato de ser negro não implica discriminação, o fato de ser mulher não implica inferioridade: então, por favor, quem é branco e macho, ou participa do mundo dos brancos machos, não estorve os oprimidos, não os impeça de sentar à mesa e aparecer. O que no fundo a gente quer é uma sociedade igualitária, uma sociedade em que não haja nem opressores nem oprimidos, uma sociedade, como disse Guattari, em que “o desejo se vire como puder” [...] Nós, homossexuais, lutamos exatamente pelo direito à liberdade do desejo. Como disse Guattari, nossa luta não se refere apenas aos homossexuais, às bichas, às lésbicas. Nossa luta se estende à toda a sociedade, na medida em que queremos liberdade de sexo, queremos uma sexualidade sem rótulos (MOTT, 1982 Apud GUATTARI & ROLNIK, 1986, p. 76 – 77)

Não homossexuais, mas pessoas, seres humanos, que, inclusive, fazem sexo! Se com o mesmo sexo ou não, não é o que os entrevistados querem salientar. O que eles trazem enquanto testemunhos são relatos de como vir a ser gente: profissional, homossexual, cidadão, sujeito histórico, social, político, desejante, etc. Sem rótulos, sem guetos, sem estereótipos, apenas sujeitos procurando experimentar possibilidades de realização desejante que lhes é permitido, lhes interessa e/ou lhes convém.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Antes de mais nada, é importante salientar que essa dissertação corresponde ao contexto e à “realidade” singular-coletiva experimentada pelo próprio pesquisador. Fator que tanto colaborou para uma compreensão mais orgânica da problemática disposta, como também pode ter reproduzido muitos preconceitos de arcabouço. Fortuitamente, laçou-se mão da perspectiva cartográfica de “pesquisador cuidador” para com o objeto de estudo, como forma de manter a cientificidade sem perder de vista o caráter simbiótico e criativo da “familiaridade” com a pesquisa.

Tanto a problematização histórica dos discursos que forjaram a homossexualidade na cultura Ocidental e no Brasil, como dos discursos que forjaram o sujeito masculino na História chapecoense, trouxeram importantes elementos para se pensar o tema da homossexualidade masculina na Chapecó do período de 1980 a 2010, pois revelaram o caráter excludente, diferenciante e segregacionista perpetrado por tais dispositivos de agenciamento singular e social. A problematização da influência dos dispositivos de poder na construção identitária homossexual masculina da Chapecó do período, possibilitou a percepção de que, para os entrevistados, perceber-se diferente dos demais sujeitos no contexto social foi um processo que exigiu bastante energia e gerou uma infinidade de sensações e sentimentos, tanto positivos, como também negativos.

Importante salientar que os entrevistados, demonstraram que, desde suas primeiras lembranças, se percebiam diferentes daquilo que se esperava dentro do contexto dos valores e códigos socialmente estabelecidos pela tradição regional e até “universal”. Embora essa normatização social tenha gerado sofrimentos, não paralisou os sujeitos do desejo diante de suas respectivas síntese desejantes. Mesmo clandestinizadas, as relações homoeróticas não deixaram de serem praticadas, no entanto, com “novas” formas de segregação, que gravitam em torno do segredo e do ilícito.

É difícil descrever resultados para essa pesquisa, pois a própria problematização das fontes configura-se enquanto fruto dessa investigação de relações de poder e subjetividade sobre a homossexualidade masculina em Chapecó no período de 1980 a 2010. Na realidade essa pesquisa, por se propor a discutir e problematizar aspectos subjetivos da construção identitária da homossexualidade masculina em Chapecó no período supracitado, acaba por evidenciar um caráter igualmente subjetivo em sua própria confecção. É possível afirmar que algumas direções a respeito da homossexualidade masculina chapecoense foram cartografadas nessa pesquisa, porém quase tão subjetivizadas quanto as próprias entrevistas enquanto fontes produzidas acerca dessas mesmas experiências subjetivizadas.

Segundo os relatos, constituir-se e compreender-se homossexual, sem muitos quadros de referência identitária e/ou a partir de referências mais negativas, por assim dizer, foi tarefa bastante complexa, para não dizer dramática. Os depoimentos revelaram que perceber-se, assim como aceitar-se e tomar posição frente seus desejos homoeróticos, configurou-se enquanto tarefa que exigiu um processo subjetivo complexamente autêntico e singular por parte desses sujeitos do desejo. As fontes destacam que o processo de enfrentamento e de tomada de posição frente à identidade homossexual, foi um processo bastante complexo e dramático, mas importante na construção, tanto da própria identidade homossexual, como da identidade do próprio sujeito político do desejo. Muitas vezes, a confusão estabelecida pela equivocada concepção que indiferencia identidade de gênero de identidade sexual, também revelou-se importante vetor de compilação das subjetividades homoafetivas entre os entrevistados.

As fontes demonstraram que o sujeito homossexual (subjetivo) é aquele que faz escolhas, que ama, que sente frio, que acerta, que erra, que sofre, que sente raiva. Pois, a constituição do sujeito e da sua identidade homossexual exige uma tomada de posição que requer um processo de compreensão, aceitação e enfrentamento singular, tanto frente o social, como a si diante desse campo social. Os relatos também atestam o importante papel das vivências homossexuais, como experiências importantes no processo de construção identitária homossexual por seus respectivos praticantes. A adolescência é citada pela maioria dos entrevistados como sendo o momento das primeiras grandes experimentações homossexuais, e a fase adulta como o período de uma experimentação mais autêntica e orgânica desses desejos “não autorizados”.

Os entrevistados insistem em não se pôr mais enquanto homossexuais diante do quadro social experimentado, mas como pessoas, como seres humanos, que, inclusive,

fazem sexo! Se com o mesmo sexo ou não, não é o que os entrevistados querem salientar. O que eles trazem enquanto testemunhos são relatos de como vir a ser gente, homossexual, cidadão, sujeito histórico, social, político, etc. Sem rótulos, sem guetos, sem estereótipos, apenas sujeitos experimentando possibilidades de realização desejante que lhes interessa e/ou lhes convém. Querem ser tratados como seres humanos, com profissões, sonhos, amores, interesses e perspectivas e diversificadas, projeções, planos, etc.

A pesquisa acabou por revelar, também, muitos aspectos produzidos e expressos pela sociedade chapecoense do passado e do presente em relação ao contexto homossexual. Os relatos demonstraram, que, muitas vezes, os preconceitos foram se alternando em relação aos contextos sócio produtivos que se desenharam na Chapecó ao longo de sua História. Como é o caso da perspectiva profissional e socioeconômica demonstrada pelos sujeitos, enquanto possibilitadoras ou não de respectivas inscrições e realizações desejantes singulares no campo social dessa Chapecó do período historiado.

É importante destacar que essa pesquisa, longe de ousar querer ser definitiva, ousou justamente fazer o oposto: *rizomar*, abrir caminhos para se pensar “novas” fontes, temas, horizontes, perspectivas, metodologias, problemáticas em sentido de problematizar experiências subjetivas singularizadas em relação aos seus próprios sujeitos atrelados aos seus contextos sociais de produção/experimentação. Acredita-se que, distante de findar as possibilidades de problematização sobre as fontes produzidas nas entrevistas, esse trabalho permite que diversos outros elementos possam vir a ser investigados a partir dos depoimentos dos sujeitos produzidos nessa pesquisa. Na realidade, essa pesquisa situa-se no limiar de uma perspectiva que pretende vislumbrar uma possível problematização sobre a construção estética da homossexualidade masculina no respectivo contexto sócio histórico – Chapecó do período de 1980 a 2010. Tema de grande interesse para uma possível futura tese a respeito do respectivo objeto, período e contexto estudado.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBA, Rosa Salete. **Espaço Urbano: os agentes da produção em Chapecó**. Chapecó: Argos, 2002.

AMADO, J. & FERREIRA, M. (Org.) **Usos e abusos de história oral**. Fundação Getulio Vargas, 2002.

ÁRAN, Márcia & PEIXOTO JÚNIOR. **Subversões do Desejo: sobre gênero e subjetividade em Judith Butler** In: cadernos pagu. Campinas, Núcleo de Estudos de Gênero Pagu, 2007. v.28.

ARAÚJO, Inês Lacerda. **Foucault e a crítica do sujeito**. Curitiba: Ed. da UFPR, 2001.

ARAUJO, Eronides Câmara de. **Fazer de algumas passagens, quadros e quem sabe um dia, você possa Assinar: homens traídos e práticas da masculinidade para suportar a dor**. Campina Grande, 2011.

ARIÉS, Philippe e André Béjin (Orgs.) **Sexualidades Ocidentais: Contribuições para a história e para a sociologia da sexualidade**. Brasiliense: São Paulo, 1987.

BAUMAN, Zygmunt. **Ética pós-moderna**. trad. João Rezende Costa. São Paulo: Paulus, 1997.

\_\_\_\_\_. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

BELLANI, Eli Maria. **Madeira, balsas e balseiros no Rio Uruguai: o processo de colonização do velho município de Chapecó (1917/1950)**. Dissertação de Mestrado – UFSC: Centro de Ciências Humanas, 1991.

BOSING, Walter. **Hieronymus Bosch: cerca de 1450 a 1516: entre o céu e o inferno**. Köln: Taschen, 1991.

BOURDIEU, Pierre. A dominação masculina. In: **Educação e realidade** – v.1, n.1 (fev.1976). Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, 1976.

\_\_\_\_\_. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand-Brasil, 2002.

BURKE, Peter. **A escola dos Annales 1929 – 1989: A revolução francesa da historiografia**. São Paulo: UNESP, 1991.

CARBONEL, Charles Oliver. **Historiografia**. Teorema, 1981.

CASTORIARDIS, Cornelius. **Psicanálise e Projeto de Autonomia (Artigo) – Revista do CEP – POA**, ano I, n 1.

CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 2002.

CHARTIER, Roger. A História hoje: dúvidas, desafios, propostas. In: **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 7, n. 13, p. 97 – 113, 1994.

\_\_\_\_\_. **História da vida Privada: da Renascença ao século das luzes**. São Paulo: Schwarcz LTDA, 2009.

\_\_\_\_\_. O mundo como representação. **Estudos Avançados**. São Paulo, no 11, Vol. 5, p. 173 – 191, 1991.

COSTA, Arthur Ferreira da. **O Oeste Catarinense: visões e sugestões de um excursionista**. Rio de Janeiro: Vilas Boas e Cia, 1929.

DÍAZ, Mario. Foucault, docentes e discursos pedagógicos. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. **Liberdades reguladas: a pedagogia construtivista e outras formas de governo do eu**. Petrópolis: Vozes, 1998.

D'ANGELIS, Wilmar & VEIGA, Juracilda. **Habitação e acampamentos kaingang hoje e no passado**. Cadernos do CEOM, Chapecó: Argos, 2003.

DELEUZE, G. & GUATTARI, F. **O Anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia**. Lisboa: Assírio e Alvim, 2009.

\_\_\_\_\_. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Vol. 1. São Paulo: Editora 34. 2009.

\_\_\_\_\_. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Vol. 2. São Paulo: Editora 34. 2009.

\_\_\_\_\_. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Vol. 3. São Paulo: Editora 34. 2009.

\_\_\_\_\_. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Vol. 4. São Paulo: Editora 34. 2009.

\_\_\_\_\_. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Vol. 5. São Paulo: Editora 34. 2009.

DIVER, K. J. **Homossexualidade na Grécia Antiga**. São Paulo: Nova Alexandria, 1994.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

\_\_\_\_\_. **Ética, Sexualidade e Política**. In Manoel Barros da Mota (org.) Rio de Janeiro: Ed. Forense Universitária, 2006.

\_\_\_\_\_. **História da sexualidade**. Vol. 1. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

\_\_\_\_\_. **História da sexualidade**. Vol. 2. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

\_\_\_\_\_. **História da sexualidade.** Vol. 3. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

\_\_\_\_\_. **Microfísica do poder.** Rio de Janeiro: Graal, 2006.

\_\_\_\_\_. **Vigiar e punir.** Petrópolis: Vozes, 2008.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas.** Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GIDDENS, Athony. **A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas.** São Paulo: UNESP, 1993.

GREEN, James N. **Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX.** São Paulo: UNESP, 2000.

GUATTARI, F & ROLNIK, S. **Micropolítica: cartografias do desejo.** Petrópolis: Vozes, 1986.

\_\_\_\_\_. **Revolução molecular: pulsações políticas do desejo.** São Paulo: Brasiliense, 1987.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade.** Porto Alegre, DP&A Editora, 2006.

HASS, Mônica. **O linchamento que muitos querem esquecer.** Chapecó: Grifos, 1999.

HEINSFELD, Adelar. **A Questão de Palmas entre Brasil e Argentina e o início da colonização alemã no baixo do vale do rio.** Joaçaba: UNOESC, 1996.

\_\_\_\_\_. **Pensamento geopolítico: da geopolítica clássica às novas geopolíticas.** Passo Fundo: Clio, 2008.

HELMINIAK, Daniel A. **O que a Bíblia realmente diz sobre a homossexualidade.** São Paulo: Summus, 1998.

HIRSCH, Maria Adelaide Pasquali. **Ernesto Francisco Bertaso: de Verona a Chapecó.** Chapecó, SC: Argos, 2005.

HOBSBAWM, Eric. **A Era dos Extremos: O breve século XX: 1914 – 1991.** São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

HUNT, Lyn. **A invenção dos direitos humanos.** São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

\_\_\_\_\_. **A nova história cultural.** São Paulo: Martins Fontes, 1992.

JANOTTI, Maria de Lourdes M. **O coronelismo: uma política de compromissos.** Petrópolis: Vozes, 2000.

KASTRUP, Virgínia / PASSOS, Edurado. **Pistas do método da cartografia: pesquisa-**

intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2010.

KORTE, Gustavo. **A transdisciplinaridade e a metodologia**. NEST - Núcleo de Estudos Superiores Transdisciplinares, 2005.

LAPLANCHE, J; PONTALIS, J. B. **Vocabulário da Psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

LE GOFF Jacques. **A História Nova**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

LINFERT, Carl. **Bosch**. Nova York, Harry N. Abrams, 1989.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 2000.

MOTT, Luiz. **Escravidão, homossexualidade e demonologia**. São Paulo: Ícone, 1988.

\_\_\_\_\_. **Homossexualidade: mitos e verdades**. Salvador: GGB, 2003.

\_\_\_\_\_. **O sexo proibido: virgens, gays e escravos nas garras da Inquisição**. São Paulo: Papyrus, 1994.

Miskolci, Richard. **O Armário Ampliado: notas sobre sociabilidade homoerótica na era da internet**. *Revista Gênero* 9.2, 2012.

MISKOLCI, Richard. **A Teoria Queer e a Questão das Diferenças: por uma analítica da normalização**. Programa de Pós-Graduação em Sociologia UFRGS, 2009.

NUNES Filho, Nabor. **Eroticamente humano**. Piracicaba: Unimep, 1997.

\_\_\_\_\_. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

OLIVEIRA, Pedro Paulo de. **A construção social da masculinidade**. Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2004.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

PETERS, Michael. **Pós-estruturalismo e filosofia da diferença: uma introdução**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

POLI, Jaci. **Caboclo: pioneirismo e marginalização**. Cadernos do CEOM, Chapecó: Argos, 2006.

POST, Antoine & VICENT, Gerard. **História da Vida Privada, vol. 5: da Primeira Guerra aos nossos dias**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

RAGO, Margareth & Gimenes, Renato A. de O. (Org.) **Narrar o passado, repensar a história**. Campinas: Unicamp, 2000.

RAGO, Margareth & ORLANDI, Luiz B. Lacerda/ NETO, Alfredo Veiga (Org.). **Imagens de Foucault e Deleuze: Ressonâncias Nietzscheanas**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

RADIN, José Carlos. **Representações da Colonização**. Chapecó: Argos, 2009.

REIS, José Carlos. **A Escola dos Annales: a inovação em História**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

RENK, Arlene Anélia. **A Luta da Erva: um ofício étnico da nação brasileira no oeste catarinense**. Chapecó: Argos, 2006.

\_\_\_\_\_. **As Representações da Colonização no Oeste Catarinense, a partir dos Brasileiros**. Cadernos do CEOM. Nº 07. Chapecó: FUNDESTE, 1991.

RENK, Arlene & SAVOLDI, Adiles. **Contestado: tropos, roteiros, imagens e linguagens**. Cadernos do CEOM. Chapecó: Argos, 2004.

RENK, Arlene. **Narrativas da diferença**. Chapecó: Argos, 2004.

RICHARDS, Jeffrey. **Sexo, desvio e danação: as minorias na Idade Média**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

ROLNIK, Suely. **Uma insólita viagem à subjetividade**. In cultura e subjetividade. Daniel Lins (org.) – Campinas: Papirus, 1997.

SARGENTINI, Vanice & BARBOSA-NAVARRO, Pedro. (Org). **M. Foucault e os domínios da linguagem: discurso, poder e subjetividades**. São Carlos: Claraluz, 2004.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. In: **Educação e realidade** – v.1, n.1 (fev.1976). Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, 1976.

SEMERARO, Giovanni. **Intelectuais “orgânicos” em tempos de pós-modernidade**. Cedes, Campinas, vol. 26, n. 70, p. 373 – 391, set./dez. 2006.

SERPA, Élio. **A guerra do contestado (1912-1916)**. Florianópolis: UFSC, 1999.

SILVA, Hélio R. S. **Travesti a invenção do feminino**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará: ISER, 1993.

SILVA, Rosane Azevedo Neves. **As dobras da subjetividade capitalística**. Rio de Janeiro: Vozes, 2005.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Liberdades reguladas**. A Pedagogia construtivista e outras formas de governo do eu. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

SIQUEIRA, Paulo de. **O Desbravador**. Escultura Inaugurada em 1981. Chapecó: FUNDESTE, 1990.

STANGA, Cibele. **Empresa Bertaso: fomentar o desenvolvimento em Chapecó.** Monografia (Conclusão do Curso de História), UNOCHAPECÓ, 2004.

\_\_\_\_\_. Teoria Queer: uma política pós identitária para a educação. In: **Estudos Feministas**, ano 09, 2º semestre de 2001.

TEDESCO, João Carlos. **Passado e presente em interfaces: introdução a uma análise sócio histórica da memória.** Passo Fundo: Editora Universidade de Passo Fundo; Xanxerê: Ed. Universidade do Oeste de Santa Catarina: Porto Alegre: Letra & Vida, 2011.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

TREVISAN, José Sileveiro. **Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil da Colônia à atualidade.** Rio de Janeiro: Record, 2000.

VAINFAS, Ronaldo. **Casamento, amor desejo no Ocidente Cristão.** São Paulo: Ática, 1986.

VICENZI, Renilda. **Mito e história na colonização do oeste catarinense.** Chapecó: Argos, 2008.

VOJNIAK, Fernando. **“Iluminar a Inteligência e Educar a Afetividade”:** uma História do gênero masculino no Oeste catarinense (1950 – 1960). Florianópolis: UFSC, 2004.

WERLANG, Alceu Antônio. **A colonização do Oeste catarinense.** Chapecó: Argos, 2002.

\_\_\_\_\_. **Disputas e ocupação do espaço no oeste catarinense: a atuação da Companhia Territorial Sul Brasil.** Chapecó: Argos, 2006.

## REFERÊNCIAS ELETRÔNICAS

FREITAS & MORIN & NICOLESCU. Carta da Transdisciplinaridade. Primeiro Congresso Mundial de Transdisciplinaridade Convento de Arrábida, Portugal, 02/06 novembro, 1994. Disponível em: <http://caosmose.net/candido/unisinos/textos/textos/carta.pdf> (Acessado em 15/02/2013)

Deleuze em entrevista publicada no jornal "Liberación", em 23 de outubro de 1980. Disponível em: <http://cafehitoria.ning.com> (Acessado em 15/02/2013)

<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=420420&search=||infogr%E1ficos:-informa%E7%F5es-completas> – IBGE, Diretoria de Pesquisas - Acessado em 12/03/2013)

[http://chapeco.sc.gov.br/attachments/site\\_chapeco\\_dados/1/chapecoemdados-marco2012.pdf](http://chapeco.sc.gov.br/attachments/site_chapeco_dados/1/chapecoemdados-marco2012.pdf) (Acessado em 29/04/2013)

[http://www.pesquisa.uncnet.br/pdf/historia/BUSCA\\_TERRA\\_COLONIZACAO\\_EXPLO  
RACAO\\_MADEIRAS\\_OESTE\\_CATARINENSE.pdf](http://www.pesquisa.uncnet.br/pdf/historia/BUSCA_TERRA_COLONIZACAO_EXPLO<br/>RACAO_MADEIRAS_OESTE_CATARINENSE.pdf) (Acessado em 29/04/2013)

[http://www.ufrb.edu.br/ebecult/wp-content/uploads/2012/04/A-teoria-queer-como-  
representa%C3%A7ao-da-cultura-de-uma-minoria.pdf](http://www.ufrb.edu.br/ebecult/wp-content/uploads/2012/04/A-teoria-queer-como-<br/>representa%C3%A7ao-da-cultura-de-uma-minoria.pdf) (Acessado em 18/06/2013)

<http://www.experienceproject.com/l/pt/s/historias/Top-25-%C3%8Dcones-Gay/1010640> /  
(Acessado em 21/01/2014)

<http://igay.ig.com.br/2013-03-05/a-musica-pop-em-12-icone-gays.html> (Acessado em  
21/01/2014)

[http://virgula.uol.com.br/famosos/calçada-da-fama/saiba-porque-cher-e-a-maior-diva-gay-  
da-historia](http://virgula.uol.com.br/famosos/calçada-da-fama/saiba-porque-cher-e-a-maior-diva-gay-<br/>da-historia) (Acessado em 21/01/2014)

<http://chercloser.warnerreprise.com/row/> (Acessado em 21/01/2014)

<http://www.hemosc.org.br/> (Acesso em: 27/01/2014)